PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Walter da Silva Oliveira

NARRATIVAS À LUZ D'A "LANTERNA": ANTICLERICALISMO, ANARQUISMO E REPRESENTAÇÕES

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos.

São Paulo
2008

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Dedico este trabalho à minha mãe, Alice, ao meu pai, Genival, e a todas as pessoas que teimam em ser professores.

AGRADECIMENTOS

No percurso desta caminhada, várias pessoas foram essenciais. Vou citar algumas delas entre muitas outras que colaboraram com este trabalho.

Um agradecimento especial aos professores e colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, pelas contribuições que deram a este trabalho.

Ao Valdir e à sua companheira Kida, pelas sugestões e críticas apontadas.

À professora e amiga orientadora Maria Izilda Santos de Matos, que soube me incentivar nos momentos de desânimo e me orientar no difícil caminho da pesquisa. Sua experiência e a sensação transmitida de que tudo estava sob controle foram fundamentais para mim.

Ao amigo João Paulo, presente em vários momentos desta pesquisa.

Às professoras doutoras Rosana Maria Schwartz e Maria Angélica Victória Miguela Careaga Soler, pelas sugestões dadas durante o exame de qualificação e que foram fundamentais para o aperfeiçoamento deste trabalho.

À minha mãe, Alice, e ao meu pai, Genival, pelos 36 anos dedicados a mim.

Aos meus irmãos, pelo convívio sempre prazeroso. Realmente foi um privilégio ter crescido e aprendido junto com vocês.

À companheira Débora, pela compreensão nos meus momentos de nervosismo, de desespero, de falta de grana, de ausência, etc. Divido os resultados desse trabalho com você.

Aos alunos, funcionários, professoras e professores da E. E. Maestro Brenno Rossi, pelo convívio e aprendizagem.

Ao programa Bolsa Mestrado, sem o qual não seria possível realizar esta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo refletir sobre a presença de contos e romances na seção "Folhetim" do periódico *A Lanterna*, no período entre 1909 e 1916. Lança um olhar sobre os usos que se fizeram dessa literatura anticlerical, por vezes, mais explicitamente doutrinária anarquista, no sentido da divulgação das idéias libertárias. Leva em consideração o aspecto lúdico dessas narrativas, como estratégia de divulgação da propaganda anarquista, possibilitando observar as práticas e experiências sociais do grupo editor do periódico em questão. Busca-se, ainda, fazer uma leitura sobre as mensagens veiculadas, centrando a reflexão no anarquismo, no anticlericalismo, nas representações de masculino e feminino e nas sensibilidades veiculadas nestes contos e romances.

Palavras-chave: A Lanterna, literatura anticlerical/ anarquista, gênero, práticas militantes.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to reflect on the presence of short stories and romances in the "Feuilleton" section of the periodical *A Lanterna*, in the period between 1909 and 1916. It looks at the uses that were made of this anticlerical literature, at times more explicitly doctrinaire anarchist, in the sense of propagating libertarian ideas. It takes into consideration the playful aspect of these narratives, as a strategy for the diffusion of anarchist propaganda, making it possible to observe the practices and social experiences of the editorial group of the periodical in question. Also, it attempts a reading of the messages conveyed, focusing the reflection on anarchism, on anticlericalism, on the representations of masculinity and femininity and on the sensibilities conveyed in these short stories and romances.

Keywords: A Lanterna, anticlerical/ anarchist literature, gender, militant practices.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....08

CAPÍTULO I - ANARQUISMO E IMPRENSA.....17

1.1 - O ANARQUISMO NO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO.....17

1.2 - A CULTURA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA.....20

1.3 - IMPRENSA LIBERTÁRIA.....24

1.4 - OS JORNAIS COMO INSTRUMENTO DE PROPAGANDA E MENSAGEM REVOLUCIONÁRIA.....27

CAPÍTULO II - "ANTICLERICAL E DE COMBATE".....32

2.1 - "A LANTERNA".....32

2.2 - O PERFIL DO PERIÓDICO.....37

2.3 - ANTICLERICALISMO E ANARQUISMO.....46

2.4 - O EIXO DE ARGUMENTAÇÃO ANTICLERICAL – O CLERO EM CENA.....49

CAPÍTULO III - NARRATIVAS À LUZ D'A LANTERNA.....53

3.1 - ANARQUISMO NA FICÇÃO.....53

3.2 - "JESUITISMO AGUDO: CURA-SE COM DUCHAS DA LANTERNA".....65

CAPÍTULO IV - REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO.....77

4.1 - REPRESENTAÇÕES DO FEMININO, PRÁTICAS E DISCURSOS.....77

4.2 - O FEMININO NOS CONTOS E ROMANCES.....87

4.3 - O PERFIL MASCULINO.....95

4.4 - SENSIBILIDADES E EMOÇÕES.....104

4.4.1 - Questão de honra.....104

4.4.2 - Amores impossíveis.....105

4.4.3 - Amor maternal.....107

4.4.4 - O amor puro ou a impureza da carne.....108

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....111

FONTES E BIBLIOGRAFIA.....122

APRESENTAÇÃO

Discussões acerca da inserção ou não do anarquismo no atual movimento punk[1], a quantidade de jovens que se pode observar utilizando o símbolo "A", de anarquia, e a sua constante ligação com a idéia de bagunça e desordem despertaram o interesse por aprofundar o estudo do tema "anarquismo". Surgiu, assim, o desejo de entender um pouco das questões anarquistas, sobretudo a respeito dos meios que os libertários utilizaram para divulgar suas idéias.

No intuito de contribuir para a história do anarquismo em São Paulo, percebeu-se que, nas primeiras décadas do século XX, as mudanças ocorridas na urbe – como o surgimento de variadas indústrias e o grande fluxo de imigrantes à procura de melhores formas de sobrevivência – fizeram com que a população sofresse com a pressão demográfica e as péssimas condições de trabalho e de vida[2]. Aos anseios e necessidades dos trabalhadores vieram se juntar as idéias anarquistas trazidas pelos imigrantes, que ajudaram a organizar a luta dos trabalhadores.

Tendo como objetivo não só melhorar a vida desses trabalhadores, mas também mudar toda a sociedade, implantando uma nova forma de viver, os anarquistas viram como necessidade imediata centrar seus esforços no sentido de conscientizar a população e, ao mesmo tempo, prepará-la para viver na sociedade libertária. Em geral, os anarquistas "entendiam que as transformações sociais deveriam ocorrer juntamente com a transformação das relações existentes entre os homens".[3]

---

[1] Sobre a possível inserção do anarquismo no movimento punk na atualidade, ver: OLIVEIRA, Valdir da Silva. *O anarquismo no movimento punk (cidade de São Paulo, 1980-1990).* Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 2007.

[2] Ver: HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A classe operária no Brasil - Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*. São Paulo: Brasiliense/ FUNCAMP, 1981. Ver também: DE DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil - 1880-1930.* São Paulo: Atual, 1991.

[3] FREGONI, Olga Regina. *Educação e resistência anarquista em São Paulo: A sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945)*. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC/SP, 2007. p.15.

Com a finalidade de formar novos cidadãos, tornando os indivíduos aptos a viverem numa sociedade sem Estado, sem influência da Igreja, sem patrões e sem poderes coercitivos, os anarquistas utilizaram diversos meios. Em São Paulo, fundaram duas escolas chamadas Modernas, baseadas no método racionalista de Francisco Ferrer, "nos bairros operários do Belenzinho e do Brás e dirigidas, respectivamente, por João Penteado e Adelino de Pinho".[4]

A importância dada à educação dos trabalhadores com vistas à transformação da sociedade levou os anarquistas a fundarem centros de estudo, centros sociais e bibliotecas, a proferirem palestras e conferências e a lançarem mão do teatro social[5], organizando festas de propaganda que não se prendiam apenas ao lúdico, já que tinham a intenção de divulgar o ideário libertário. Dessa forma, verifica-se que os libertários das primeiras décadas do século XIX tinham uma visão ampla de educação, entendendo que seria possível realizá-la nos "momentos de greve, na boicotagem, na sabotagem, nas manifestações espontâneas dos trabalhadores, na sua ação dia a dia a caminho da revolução".[6]

A divulgação da propaganda anarquista se fez, ainda, por meio de panfletos, opúsculos, revistas e jornais que publicavam artigos doutrinários, versos, contos e romances. O teatro, os versos, os contos e os romances publicados nos jornais ou recitados nas festas de propaganda eram instrumentos para a divulgação de idéias anarquistas. Utilizando variados meios, os partidários do anarquismo buscaram estimular um pensamento livre, a chave sem a qual não poderia haver mudanças significativas na sociedade.[7]

Dessa forma, a Igreja Católica e seus membros, considerados por muitos anarquistas como aliados dos capitalistas, foram combatidos à exaustão, por pregarem a resignação, tornando as pessoas apáticas às questões sociais, e por inculcarem superstições em tais questões, contribuindo para o obscurantismo.

---

[4] Ibidem. p.1.
[5] CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da educação libertária no Brasil – A experiência da Escola Moderna em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Educação), USP, São Paulo, 2004. p.14.
[6] Ibidem p.14.
[7] WOODCOCK, Georges. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

Com o objetivo explícito de fazer frente à influência clerical na sociedade, e uma vez que os jornais, nas primeiras décadas do século XX, destacavam-se como forma privilegiada de divulgação da propaganda libertária, um grupo de anarquistas, entre eles Edgard Leuenroth, em 1909, resolveu voltar a publicar o periódico *A Lanterna*. Tendo como escopo principal o combate ao clericalismo e sua influência na sociedade, seus artigos estiveram mais voltados a ataques à figura dos padres e à divulgação de crimes sexuais cometidos por clérigos. Porém, não se pode negar a participação d'*A Lanterna* também na condução de greves, no chamamento a boicotes a empresas e no movimento contra a carestia.

Assim, ao buscar entender o papel da folha *A Lanterna*, periódico "anticlerical e de combate", e sua forma distinta de fazer a propaganda no sentido da implantação da sociedade anarquista, o presente estudo procura descortinar os meios utilizados por eles para divulgar suas idéias. Em se considerando que foram diversos os meios empregados para fazer a propaganda de seu ideário, e após a análise do periódico *A Lanterna*, optou-se pelo estudo das narrativas publicadas na sua seção "Folhetim",[8] buscando-se entender seu papel como instrumento de divulgação de idéias, no sentido da formação da "nova mulher" e do "novo homem" aptos a viverem na sociedade anarquista.

Assim, esta dissertação busca estudar parte da literatura anticlerical publicada no periódico *A Lanterna*, entendida aqui como parcela importante do conjunto de obras anarquistas em busca da chamada "sociedade futura". Foram selecionadas, então, dez narrativas publicadas n'*A Lanterna* entre os anos de 1909 e 1916, período da chamada "segunda fase" do periódico. São elas, em ordem de publicação (sendo que algumas foram publicadas simultaneamente): *O Jubileu* (1909-1910), de Antonio Avelino Fóscolo; *O "Asno" na Lua* (1909-1910), de Goliardo e Ratalanga, possíveis pseudônimos; *Vozes do Céu* (1909-1910), de Motta Assunção; *Uma Greve no Céo* (1910), de Viriato Correia; *A Cruz de*

[8] "O termo folhetim diz respeito, genericamente no XIX, ao espaço físico ocupado, em jornal ou revista, por uma sessão de variedades." Cf.: BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil.* São Paulo: EDUC/ Estação Liberdade, 1996. p.57-8.

Cedro (1910), de Antonio Joaquim da Rosa; *Nole Me Tangere: o paiz dos frades* (1910), de José Rizal; *Incesto* (1911), de Viriato Correia; *O Baptizado* (1911), de Octavio Mirbeau; *No Circo* (1911), de Antonio Avelino Fóscolo; *Os Comuneiros* (1911-1916), de Carlos Mallato; e *O Evangelho da Hora* (1916), de Paul Berthelot.

Diferentemente do "romance social", definido como aquele em que "o elemento coletivo ocupa o primeiro plano", mostrando "o processo social na sua fermentação",[9] parte dessas narrativas publicadas pel'*A Lanterna* prendia-se mais às críticas anticlericais, sem uma preocupação marcadamente anarquista, com exceção de *O Jubileu*, *No Circo*, *O "Asno" na Lua* e *O Evangelho da Hora*.

Ainda que algumas destas narrativas não tivessem a teoria anarquista como inspiração, podem ser classificadas como "literatura útil"[10], uma literatura com o objetivo de ser "um instrumento de ação social".[11] Publicadas n'*A Lanterna*, carregavam a intencionalidade de seu grupo editor: livrar a sociedade do obscurantismo religioso e colocá-la em direção à implantação da sociedade libertária.

Indo além das narrativas publicadas pel'*A Lanterna*, os anarquistas, no início do século XIX, utilizaram mais amplamente a literatura como meio de divulgação de seus ideais. Colaboraram para isso as obras *Regeneração*, de Curvello de Mendonça; *Ideólogo*, de Fabio Luz, "considerado um marco desse tipo de literatura de propaganda do movimento anarquista entre nós"[12]; *Os Emancipados* e *Nunca!*, do mesmo autor; *O Jubileu*, *No Circo* (ambas publicadas n'*A Lanterna*) e *Vulcões*[13], entre outros textos de Avelino Fóscolo; *O Cravo*

---

[9] LUCAS, Fabio. "A lição libertária de Vulcões". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1986. p.118-9.
[10] RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d. p.154.
[11] Ibidem. p.158.
[12] LUIZETTO, Flávio. "O recurso da ficção: um capítulo da história do anarquismo no Brasil". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986(a). p.132-3.
[13] Para um estudo da obra *Vulcões*, de Antonio Avelino Fóscolo, e a sua contribuição na divulgação do ideário anarquista, ver: LUCAS, Fabio. Op. cit. p.117-30.

Vermelho, *Miserere* e *Uma Paixão de Mulher*, de Domingos Ribeiro Filho, romances que passaram "a integrar o cenário cultural da época".[14]

A presente dissertação procura, dessa forma, colaborar para o debate sobre os meios utilizados pelos grupos anarquistas nas primeiras décadas do século XX para divulgar seu ideário, em especial acerca das narrativas publicadas n'*A Lanterna*, analisando, concomitantemente, aspectos da militância de seu grupo editor.

A análise dos periódicos anarquistas fez com que se voltasse o olhar para *A Lanterna*. A escolha desta folha justifica-se pela tentativa de se entender por que um jornal que tinha como diretor o anarquista Edgard Leuenroth não assumia em suas páginas essa tendência. Fundamenta-se também pelo fato de este periódico ter inaugurado uma seção "folhetim", tão ligada na grande imprensa a fatores de vendagem e obtenção de lucros, suscitando a necessidade de compreender o que teria motivado a inserção de tal seção no periódico, bem como pela busca de se entender por que, entre muitos outros periódicos de curta duração, este foi publicado durante longo período.

Embora este trabalho não tenha como objetivo responder estas questões, foram elas que aguçaram o interesse por estudar o periódico *A Lanterna*. No decorrer da pesquisa, a atenção voltou-se mais para os "folhetins", devido à atenção dada pelos redatores d'*A Lanterna* a essas narrativas, chegando a publicá-las simultaneamente nas páginas três e quatro, só deixando de divulgá-las em raros momentos.

Sem perder o foco no caráter didático da publicação, busca-se, então, entender a presença de contos e romances naquela seção; os possíveis fatores que levaram os redatores a publicarem aquelas narrativas; quais critérios foram utilizados para a escolha delas; e, finalmente, possibilitar uma leitura das mensagens que estas histórias traziam. Sendo o periódico *A Lanterna* a fonte principal deste trabalho, que encontra amparo ainda em

---

[14] LUIZETTO, Flávio. Op. cit., 1986(a). p.134-5.

pesquisas bibliográficas, pretende-se descortinar um pouco das práticas militantes do grupo editor e os meios utilizados por este para fazer propaganda da "sociedade futura".

As consultas a outros periódicos que ajudaram a compor este trabalho e à folha *A Lanterna* foram feitas, em sua maioria, no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp e no Arquivo do Estado de São Paulo. Já o Centro de Cultura Social em São Paulo e a Biblioteca Reitora Nadir Gouvêa Kfouri/ PUC-SP foram referência para as pesquisas bibliográficas.

No decorrer deste estudo, quando trechos de artigos ou de narrativas são apresentados, procurou-se não interferir no texto e manter a grafia do original, inclusive os erros de publicação e o português arcaico da época em estudo. Cumpre destacar, ainda, que as imagens utilizadas neste trabalho têm um caráter meramente ilustrativo.

O periódico *A Lanterna*, por seu cunho anticlerical e pelo posicionamento de seu grupo editor, atraiu vários grupos, entre eles os espíritas, maçons, livre-pensadores, protestantes, e, assim, abriu suas páginas para opiniões divergentes, buscando o debate de idéias com a sociedade. Dessa forma, a leitura apressada de alguns artigos, sem uma análise mais aprofundada, poderia fazer supor que as idéias defendidas pela folha não corresponderiam àquelas do grupo editor. Assim, busca-se dar atenção a este problema.

Os anos que compõem o recorte temporal deste estudo compreendem a chamada "segunda fase" d'*A Lanterna*, de 1909 a 1916, período em que Edgard Leuenroth, militante anarquista, teve intensa participação nos encaminhamentos desta folha.

À medida que se pesquisavam os contos e romances publicados n'*A Lanterna*, tornava-se claro que tinham por objetivo fazer propaganda do anticlericalismo e às vezes mais abertamente do anarquismo. Faz-se, então, uma leitura mais detida destes temas nas narrativas.

Ainda durante a pesquisa para a construção da presente dissertação, foi possível perceber que havia, no período estudado, uma forte ligação entre os contos e romances e o

público leitor/ouvinte feminino[15]. Sem buscar, mais detidamente, entender como o leitor/ouvinte percebeu ou sentiu suas mensagens, passou-se a analisar de forma crítica o conteúdo dessas narrativas quanto à divulgação de modelos de comportamentos e perfis de gênero.

O critério de seleção dos contos ou romances que seriam utilizados para se discutir a propaganda anarquista, o anticlericalismo ou as relações de gênero se deu pela análise deles; ou seja, foram escolhidos aqueles que tratavam mais detidamente destes temas.

*****

Tendo em vista as considerações realizadas até aqui, no capítulo I deste estudo – intitulado "Anarquismo e Imprensa" – busca-se discutir o panorama em que atuou o grupo editor do periódico; a inserção do anarquismo no movimento operário no início do século XX; a utilização do lúdico como forma de atingir as massas; o caráter doutrinário das manifestações culturais de cunho libertário; o papel dos jornais como meio para a divulgação do ideário anarquista; e sua importância como forma de propagar as idéias, os encaminhamentos das lutas e a organização dos trabalhadores.

O capítulo II – "Anticlerical e de Combate" –, por sua vez, procura dar destaque ao periódico *A Lanterna*, examinando suas especificidades no cenário da militância anticlerical e anarquista. Buscando situar este periódico no panorama mais amplo de embate entre operários e patrões, este capítulo trata ainda da inserção das idéias clericais entre os trabalhadores e da luta dos redatores para minar esta influência não só no meio operário, mas na sociedade como um todo. Verifica-se que o anticlericalismo, então, foi entendido como parte da luta anarquista.

---

[15] MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.379.

Uma vez que o periódico *A Lanterna* tinha como especificidade o combate ao clericalismo e seus articulistas incansavelmente trabalhavam nesse sentido, no capítulo III – "Narrativas à luz d'A Lanterna" – procura-se analisar as características da propaganda anticlerical e anarquista feita por meio das suas narrativas. Busca-se, ainda, situar a escolha da publicação destas narrativas num contexto mais amplo, em que se percebeu a atração que exercia uma seção literária, em especial em relação ao público leitor/ouvinte feminino, considerado essencial na luta pela implantação da sociedade libertária.

Cabe frisar que este estudo, ao discutir a divulgação das idéias anarquistas pelas obras de ficção publicadas n'*A Lanterna*, não procura especificar detalhadamente a quais correntes se filiavam determinados posicionamentos e práticas defendidos nas obras, pois a intenção aqui é debater sobre a forma como tais posicionamentos e práticas foram difundidos, e não classificar suas tendências.[16]

Em se considerando que o anticlericalismo d'*A Lanterna* foi direcionado em especial ao público leitor/ouvinte feminino,[17] no capítulo IV – "Representações do Feminino e do Masculino" – aborda-se o papel destas leituras como divulgadoras de valores e modelos de comportamento. Levando-se em conta ainda que as representações[18] do feminino e do masculino constantes dos artigos d'*A Lanterna*[19] já foram estudadas por outros autores, busca-se encontrá-las agora nas narrativas publicadas, em sua maioria, na seção folhetim do periódico, todas elas, vale ressaltar, escritas por mãos masculinas.

---

[16] Para aprofundar os estudos sobre as diversas correntes anarquistas, ver: FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e conflito social - 1890-1920.* São Paulo: DIFEL, 1986. Ver ainda: SFERRA, Giusepinna. *Anarquismo e anarcossindicalismo.* São Paulo: Ática, 1987.

[17] FERNANDES, Marisa. *Sob os focos d'A Lanterna: A mulher na imprensa anticlerical - 1909-1916.* Dissertação (Mestrado em História Social), FFLCH/USP, São Paulo, 1997. p.132.

[18] O termo "representação" neste trabalho é entendido como uma "ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; [...] é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou pessoa". Cf.: CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". *Revista de Estudos Avançados*. Vol.05, nº11. São Paulo, USP, Jan./Abril 1991.

[19] Para um estudo sobre as representações do masculino e feminino n'*A Lanterna*, ver: FERNANDES, Marisa. Op. cit.; MARTINS, Ângela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias: anarquismo, imagens e representações.* Tese (Doutorado em História Social), PUC/SP, 2006; PRACCHIA, Lygia. "Os caminhos da emancipação feminina". *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, nº11, Nov/1999.

Se "os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro",[20] "variando em diferentes momentos históricos numa trama discursiva normativa sobre mulheres e homens"[21], destacam-se, ainda no quarto capítulo, os modelos e perfis tanto do feminino quanto do masculino divulgados nos folhetins d'*A Lanterna*, possibilitando um olhar crítico sobre as permanências e hegemonias.

Destarte, verifica-se que as dores e emoções divulgadas por essas narrativas e sentidas de diversas formas pelos seus leitores serviram como forma de propaganda libertária e deixaram suas impressões neste público. Tais narrativas, ao serem estudadas, expressam formas de sentir masculinas e femininas constituídas historicamente e que são vistas como próprias de homens ou de mulheres.

---

[20] MATOS, Maria Izilda S. de. "Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros-percursos e possibilidades". In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea.* São Paulo: EDUC, 1997. p.97.

[21] Idem. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000. p.19.

CAPÍTULO I - ANARQUISMO E IMPRENSA

Este capítulo procura delinear os fatores que influenciaram o surgimento dos periódicos anarquistas e a sua importância como instrumento de propaganda libertária e meio de organização dos trabalhadores. Entre estes periódicos, busca-se destacar o papel d'*A Lanterna*, bem como suas principais características e especificidades.

1.1 - O ANARQUISMO NO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO

Os imigrantes que chegaram ao Brasil nas últimas décadas do século XIX, em sua maioria para suprir a mão-de-obra necessária às fazendas cafeeiras, trouxeram mais que uma simples força de trabalho. Muitos deles, influenciados pelas idéias anarquistas, ao se dirigirem, num segundo momento, para as cidades, ajudaram no direcionamento das reivindicações dos trabalhadores. No entanto, "a difusão do anarquismo em São Paulo não deve ser atribuída somente à origem estrangeira recente da classe trabalhadora, mas antes deve ser vinculada às condições sociais, políticas e econômicas imperantes na República Velha".[22]

O intenso processo de urbanização, o afluxo de pessoas às cidades em busca de melhores condições de sobrevivência e a intensa exploração dessa abundante mão-de-obra nas indústrias que se desenvolviam nos centros urbanos não só resultaram em péssimas circunstâncias de trabalho, como também impactaram outras esferas da vida social. Os baixos salários negavam a possibilidade de uma alimentação mais adequada, afetando ainda as condições de moradia e higiene das classes trabalhadoras.

---

[22] MAGNANI, Silvia Ingrid Lang. *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.49.

> As péssimas condições de trabalho, os salários baixos, somados a concentração de trabalhadores e as idéias anarquistas trazidas ao Brasil com a imigração, colaboraram para que se desenvolvesse a luta dos trabalhadores em São Paulo e a disseminação dos métodos de ação influenciados pelos anarquistas.[23]

Nas primeiras décadas do século XX, os libertários, "portadores de um projeto de transformação radical da sociedade, [...] aparecem como depositários das esperanças de realização dos anseios de indivíduos negados e oprimidos"[24]. Sua influência pôde ser percebida, inicialmente, na "divulgação das sociedades de defesa, apoio mútuo, que vão posteriormente dar as bases de organização às ligas de trabalhadores de ofícios vários e aos sindicatos".[25] Agindo na orientação e divulgação das reivindicações dos trabalhadores, ganharam influência no meio operário.

Em 1905 foi fundada a Federação Operária de São Paulo (FOSP), entidade em que a presença dos anarquistas se fez sentir, ajudando a direcionar os movimentos grevistas e apoiando as reivindicações nos meios operários.

O tema da redução da jornada de trabalho foi debatido e aprovado pelos congressistas do 1º Congresso Operário Brasileiro, realizado em abril de 1906, no Rio de Janeiro[26], no qual se observou uma forte influência anarquista.[27]

Em maio de 1906, em São Paulo, a FOSP organizou o 1º Congresso Operário Estadual, "com o objetivo primeiro de defender e concretizar as resoluções adotadas pelo Congresso Nacional"[28]. Nesse ano observou-se ainda o crescimento do movimento operário e a eclosão de inúmeras greves. A atuação da FOSP também pôde ser verificada na greve de

---

[23] BONOMO, Alex Buzeli. *O anarquismo em São Paulo: as razões do declínio (1920-1935)*. Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 2007. p.40.
[24] RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.13.
[25] MORAES, José Damiro de. *A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos centros de cultura social*. Dissertação (Mestrado em Educação), UNICAMP, 1999. p.10.
[26] Já haviam sido organizados em fins do século XIX dois outros congressos (1892 e 1902) que os anarquistas não reconheciam. Cf.: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação e movimento operário no Brasil*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987. p.60-4.
[27] MAGNANI, Silvia Ingrid Lang. Op. cit. p.112.
[28] Ibidem. p.128.

1907, em que os operários de São Paulo se organizaram para reivindicar a redução da jornada de trabalho para oito horas.

Relacionado diretamente ao baixo nível de vida da família operária e indo ao encontro dos interesses do empresariado industrial em acentuar ainda mais a exploração da mão-de-obra, o trabalho de mulheres, menores e crianças nos setores de produção das indústrias se generalizou na cidade de São Paulo, aumentando a especulação e os problemas com acidentes de trabalho nas fábricas[29]. Assim, em março de 1917, "em meio ao contexto de insatisfação generalizada que conduziria à greve de julho, o Centro Libertário de São Paulo, de tendência anarquista, organiza o Comitê Popular de Agitação contra a Exploração dos Menores nas Fábricas".[30]

Os anarquistas participaram intensamente das agitações ocorridas em São Paulo em 1917, ano em que sucederam manifestações quase diárias nesta cidade. Entretanto, "a polícia andava caçando e aprisionando *anarquistas*, fechando sindicatos e atacando demonstrações de rua. Os confrontos entre a polícia e os trabalhadores multiplicaram-se em número e intensidade".[31]

Após a morte de um sapateiro a bala, dezenas de milhares de operários pararam. Destarte, "o vigor e a extensão da rebelião operária de 1917 revelaram quão profundo era o descontentamento entre os operários paulistas e pegaram de surpresa os empregadores industriais e o governo".[32]

Em meio ao embate entre trabalhadores e patrões, os anarquistas desenvolveram formas de resistência, com o objetivo de divulgar suas idéias e preparar os indivíduos no

---

[29] MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Mulheres e menores no trabalho industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital.* Petrópolis: Vozes, 1982. p.35.
[30] MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. "Infância operária e acidente do trabalho em São Paulo". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1995. p.112-28.
[31] MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro – 1890-1920.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.133.
[32] FRENCH, John D. *O abc dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950.* São Paulo: HUCITEC/ Prefeitura de São Caetano do Sul, 1995. p.30.

sentido de torná-los aptos a viver na sociedade libertária, bem como de mostrar os caminhos para se chegar a ela.

1.2 - A CULTURA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

Para alguns grupos anarquistas que atuavam nas primeiras décadas do século XIX, fazia-se necessário educar os trabalhadores, prepará-los para viver na sociedade libertária. Tais grupos entendiam que esta educação poderia se dar mediante os "momentos de greve, na boicotagem, na sabotagem, nas manifestações espontâneas dos trabalhadores, na sua ação dia a dia a caminho da revolução", e também pelo fornecimento de informações, provocando debates e reflexões por meio de jornais, opúsculos, panfletos, "conferências, palestras e no teatro social"[33].

Acreditando que a nova sociedade deveria ser implantada, esses anarquistas, em suas variadas manifestações culturais e educacionais, não perdiam o intuito de preparar os trabalhadores para a vida na sociedade futura, seja por meio dos Centros de Cultura, das Escolas Modernas, do teatro, de contos e romances, da poesia[34] ou de festas e piqueniques, entre outros.

A divulgação das idéias libertárias também se fazia mediante o teatro operário, que, além de muito popular entre os imigrantes italianos, facilitava o agrupamento dos trabalhadores, englobando, além do caráter "meramente didático", o "lazer e a aspiração artística dos operários".[35]

---

[33] CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da educação libertária no Brasil – a experiência da Escola Moderna em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Educação), USP, São Paulo, 2004. p.14.
[34] Sobre a poesia anarquista, ver: KHOURY, Yara Aun. "A poesia anarquista". *Revista Brasileira de História*. Vol.08. n.15. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, set./1987 a fev./1988.
[35] LIMA, Mariana Alves de; VARGAS, Maria Thereza. "Teatro operário em São Paulo". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1986. p.162-250.

Neno Vasco[36], incansável colaborador em periódicos anarquistas, escreveu peças de teatro como *O Pecado de Simonia*, de "conteúdo anticlerical [...] mais evidente do que a questão da resistência operária"[37], e *Greve de Inquilinos*, que levava "a uma reflexão sobre o direito dos inquilinos ao prédio que construíram como trabalhadores". O periódico *A Lanterna*, anunciando a encenação destas peças em "Festa de propaganda", as classificou como "excelente drama social" e "desopilante comédia", respectivamente.

Um articulista d'*A Lanterna* destacou a importância da arte e do teatro como instrumento de divulgação de idéias e de reivindicação social, afirmando que:

> A arte não constitui um passatempo para matar ociosidades, mas o rejuvenescimento moral, instrumento de reivindicação social atiçando essa chama de revolta que arde em baixo, nas camadas proletárias e ameaça atingir os altos cumes da sociedade. O teatro livre, o grande teatro das idéias, constitui hoje a mais fecunda fonte de beleza e aspiração para os espíritos.[38]

Os anarquistas não incorporavam os elementos lúdicos como um fim em si mesmo, já que os tinham como instrumentos mobilizatórios, utilizando-os pela sua popularidade "entre as massas"[39].

As festas organizadas, para além do caráter lúdico, apresentavam conferências com motes variados que instruíam e divulgavam as idéias libertárias. Procurava-se manter o caráter didático de todas essas manifestações, que pouco rendiam em termos financeiros. "A festa

---

[36] Nascido em Portugal em 09 de maio de 1878, Gregório Nanianzeno Moreira de Queiroz Vasconcelos chegou ao Brasil em 1901. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, homem culto, participou ativamente do movimento anarquista brasileiro, bem como de periódicos, mediante os quais divulgava suas idéias, tais como *A Terra Livre*, *O Amigo do Povo*, *Aurora* e *A Guerra Social*, entre outros. Cf.: RODRIGUES, Edgar. *Os libertários.* Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993. p.93-6, 129-45. Neno Vasco ainda traduziu obras do espanhol para *A Lanterna*, entre elas *Os comuneiros*, de Carlos Malato, publicada em folhetim. Escreveu para *A Lanterna* também por meio de cartas, publicadas na coluna "Da Porta da Europa". Sobre Neno Vasco, ver ainda: DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935).* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p.21; e TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República.* São Paulo: Editora Fundação Perceu Abramo, 2004. p.63.

[37] LIMA, Mariana Alves de; VARGAS, Maria Thereza. Op. cit. p.162-250.

[38] *A Lanterna*. São Paulo, 25 de março de 1916.

[39] HARDMAM, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão: Memória operária, cultura e literatura no Brasil.* São Paulo: UNESP, 2002.

libertária, sem deixar de ser festa, concretizou sua dimensão pedagógica voltada para a libertação."[40]

Os jornais, além do objetivo de informar e debater idéias[41], o que, muitas vezes, dava um tom sisudo às publicações, também possibilitavam um certo divertimento. Embora *A Lanterna* fizesse críticas mordazes ao clericalismo, estas eram por vezes suavizadas na sua seção literária, que fazia propaganda das idéias anticlericais e, concomitantemente, ajudava a divulgar essa literatura expressa por poemas, contos e romances.

Nesse sentido, o periódico anticlerical *A Lanterna* publicou um artigo versificado do poeta "Rhadamanto", provavelmente um pseudônimo, que se posicionava da seguinte forma com relação à existência de Deus:

> Os broncos mandriões de esqualida batina,
> sob as ordens feraes do papa nauseabundo,
> exhalando o perfume acerbo da sentina,
> andam a propalar, *em discursos de fundo,*
>
> a existência de um ser supremo que domina,
> ente governador dos desejos do mundo,
> synthese da bondade e que nos esconjura
> com infernos crueis e demus tracundos
>
> Vós todos os paspalhões convictos dessa idéia,
> vós carolas servis, sem mínima indulgência,
> discordando do filho astuto da Judéa
>
> do pretenso Rabbi, tão milagroso e triste
> altíssimo bradai, unidos à sciência:
> - Deus, ó padres senis e parvos, não existe.[42]

Mesmo utilizando linguagem mais rebuscada, o poeta não perdeu o tom de debate a que se propunha o jornal ao propalar sua opinião sobre a existência de Deus.

---

[40] RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A festa como lugar de resistência na cultura do povo.* Dissertação (Mestrado em Filosofia), PUC/SP, 1981.
[41] Os jornais desempenharam "papel de destaque no processo de conscientização do proletariado e atuaram como centro de organização da classe". RAGO, Luzia Margareth. Op. cit., 1985. p.153.
[42] RHADAMANTO. "Deus". *A Lanterna*. São Paulo, 21 de maio de 1910. p.02 (grifos do autor).

Versos de Raymundo Reis também foram publicados n'*A Lanterna*, com o título "Onde está Idalina", entrelaçando-se com a militância anticlerical do periódico, que, ao tratar do desaparecimento da menina, demonstrava manter um contato estreito com o cotidiano dos leitores[43]:

> Onde está Idalina?! É a justiça que clama
> Silêncio. Tudo quieto. A noite vil derrama.
> A feral placidez nas alinas e nas coisas.
> O vento calmamente agita sobre as [*ilegível*]
> O cypreste sombrio, e pela escuridão
> A Justiça caminha a clamar, mas em vão!
> Nada lhe escuta a voz;
> [...]
> Onde está Idalina?! [*ilegível*]
> Reboa pelo espaço, e cresce, e se avoluma...[44]

Na coluna "Bibliotheca d'A Lanterna", o redator se propunha a encomendar obras do exterior para aqueles que pagassem adiantado, por conta da falta de recursos do jornal. A referida seção revelava, desse modo, as preferências de leituras dos redatores do periódico, que recomendavam obras como *Evolução e revolução*, de Elisée Réclus[45], *Os amassadores*, de Máximo Gorki (ambas em português), e *Terra Libre*, de Jean Grave[46] (em espanhol), entre muitos outros trabalhos que, em sua maioria, abordavam temas condizentes com o ideário libertário. Da mesma forma, livros e panfletos que eram anunciados ou oferecidos como prêmios em concursos debatiam, na maioria das vezes, temas consonantes com as idéias libertárias.

---

[43] Sobre o chamado "Caso Idalina", ver o item 3.2 deste trabalho.
[44] REIS, Raymundo. "Onde está Idalina?!" *A Lanterna.* São Paulo, 17 de novembro de 1910. p.03.
[45] Sobre a vida e as obras escritas por Élisée Reclus, ver: FERREIRA, José Maria Carvalho. "Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado pela natureza e a anarquia". *Verve.* Revista Semestral do Nu-Sol-Núcleo de Sociabilidade Libertária. n.10. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, outubro de 2006. p.109-33.
[46] A obra pedagógica em língua espanhola *Terra Libre* foi elaborada para ser usada pelos alunos da Escola Moderna de Francisco Ferrer, em Barcelona. Sobre a vida e a obra de Jean Grave, ver: CARONE, Edgard. *Socialismo e anarquismo no início do século*. Petrópolis: Vozes, 1996. Especialmente a parte II, p.109-23.

> O teatro, a literatura, as relações solidárias no amor e no trabalho, a pedagogia (como uma alternativa à sociabilidade autoritária realizada no ambiente escolar tradicional), a formação intelectual humanista, as manifestações artísticas, os dias de anarquia, festivais e piqueniques, possuem a mesma importância e andam lado a lado com as associações de trabalhadores [...]. Todos percebidos como práticas de resistência [...]. Assim, preocupam-se em organizar festas, centros culturais, bibliotecas, escolas, grupos de teatro e de música tanto quanto em fundar sindicatos.[47]

Em meio a intensas manifestações culturais que tinham também o objetivo de divulgar o ideário anarquista, os libertários fundaram uma série de jornais, importantes instrumentos na divulgação de idéias e mobilização dos trabalhadores.

1.3 - IMPRENSA LIBERTÁRIA

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo passou por um intenso processo de urbanização. "Em poucos anos a capital consolidou-se como grande centro capitalista, integrador regional, mercado distribuidor e receptor de produtos e serviços, fatores nitidamente vinculados ao crescimento da produção cafeeira."[48]

O estímulo à imigração, desencadeada por uma política direcionada à cafeicultura paulista, em proporções muito além do necessário no trabalho no campo ocasionou o crescimento da população urbana. Assim, em momentos de crise da cafeicultura acentuava-se o deslocamento de colonos em direção às cidades, dando aporte ao aumento da mão-de-obra disponível e do número de despossuídos.[49]

---

[47] BORGES, Paulo. *Jaime Cubero e o movimento anarquista em São Paulo (1945-1954).* Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUC/SP, 1996. p.17.
[48] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim. Alcoolismo e masculinidade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. p.23.
[49] Ibidem. p.23.

O intenso processo de urbanização, entre outros fatores, contribuiu para o surgimento de uma nova configuração social, possibilitando o aparecimento de sujeitos históricos[50], como os trabalhadores assalariados empregados nas indústrias, as quais, aliás, incorporaram muitos imigrantes.

Lutando contra a exploração de mão-de-obra e as péssimas condições de trabalho, a então nascente classe trabalhadora desenvolveu formas de resistências[51] variadas. Alguns se organizaram mediante sindicatos, outros por meio de sociedades de auxílio mútuo ou agremiações, buscando fazer frente às condições de trabalho e de vida.

Paralelamente, uma também nascente imprensa buscava encaminhar as reivindicações dos operários. Cada folha tinha seus próprios ideais, sendo que muitas se definiam "abertamente como socialistas, anarquistas ou simplesmente" se colocavam "em defesa dos interesses de determinadas categorias profissionais".[52]

Entre tais periódicos, que começaram a surgir no final do século XIX, estavam:

> *L'Avvenire*, *Il Risveglio* (São Paulo, 1893), *Gli Schiavi Bianchi* (São Paulo, 1892), *O Despertar* (Rio de Janeiro, outubro de 1898) [e] *O Protesto* (Rio de Janeiro, 1899), [que] estamparam em seus títulos as primeiras tentativas da propaganda, a referência crítica a uma sociedade recém-saída da escravidão.[53]

---

[50] Interagindo com as transformações ocorridas na cidade de São Paulo, surgiram, ou se modificaram, modos de vida da população que iam além do trabalho na indústria: caixeiros, vendedores ambulantes, lavadeiras, lixeiros, limpadores de trilhos, carregadores e outros buscavam formas de sobrevivência que muitas vezes não condiziam com a tentativa de transformação, pelas elites, da cidade e do modo de vida de seus habitantes, sendo a Europa modelo de civilização a ser seguido. Sobre o assunto, consultar: SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza, 1890-1915.* São Paulo: Annablume, 1998; e CRUZ, Heloisa de Faria. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência (São Paulo - 1900/1920).* São Paulo: Marco Zero/ CNPq, 1990.

[51] Ao tratar da questão das resistências, este estudo toma como referência o pensamento de THOMPSON, Eduard P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.* São Paulo: Cia das Letras, 1998. Nesta obra o autor vê as resistências como sendo improvisadas no dia-a-dia mediante o desenvolvimento de estratégias díspares, descontínuas e desconexas, mas que se configuram em um embate contra a exploração entre as classes sociais.

[52] CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana - 1890-1915.* São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial - SP, 2000. p.124.

[53] FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920).* São Paulo: DIFEL, 1986. p.92.

Todavia, estes periódicos tiveram vida efêmera, haja vista que somente nas primeiras décadas do século XX algumas folhas se firmariam como importantes instrumentos de divulgação das idéias libertárias.[54] "Fruto de um certo reforço dos quadros anarquistas e das lutas operárias [...], *A Terra Livre* [1905], *O Amigo do Povo* [1902], *La Battaglia* [1901] e *A Lanterna* [1901][55] foram os jornais de duração mais longa publicados no período, em São Paulo."[56] A presença de estrangeiros foi importante na fundação e manutenção desses periódicos, que também tiveram como colaborador o elemento nacional.

O jornal *La Battaglia* foi fundado pelo italiano Oreste Ristori[57], que depois seria substituído na direção desta folha pelo também italiano Luigi Damiani[58]. À frente d'*O Amigo do Povo* e colaborando ainda n'*A Lanterna*, sob a direção do brasileiro Edgard Leuenroth[59], esteve o português Neno Vasco. Em 30 de dezembro de 1905, Edgard Leuenroth, juntamente com Neno Vasco e o espanhol Manuel Moscoso[60], fundaram ainda *A Terra Livre*.

A Plebe[61], outro importante órgão anarquista, foi fundada em 09 de junho de 1917, em São Paulo, por Edgard Leuenroth. "Criada como instrumento das greves de 1917"[62], foi considerada pelo próprio Leuenroth como a "continuação d'*A Lanterna*"[63], funcionando

---

[54] FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil.* São Paulo: Ática, 1988. p.63-85.
[55] Sobre *A Lanterna*, ver o item 1.3 deste capítulo.
[56] FAUSTO, Boris. Op. cit. p.92.
[57] Sobre a vida e a atuação de anarquista de Oreste Ristori, ver: ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista.* São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2002.
[58] Luigi Damiani nasceu em Roma em 1876. Aos 18 anos foi condenado à prisão e conheceu Oreste Ristori. Veio para o Brasil em 1897. Com outros anarquistas, fundou o jornal *Il Risveglio* e colaborou em outros periódicos. Cf.: TOLEDO, Edilene. Op. cit., 2004. p.33.
[59] Sobre Edgar Leuenroth, ver: RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros.* Vol.2. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1995. p.62-6. Vale consultar também: KHOURY, Yara Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas.* Tese (Doutorado em Sociologia), FFLCH/USP, São Paulo, 1988.
[60] Cunhado de Neno Vasco, o espanhol Manuel Moscoso teve importante participação no movimento libertário brasileiro. Operário gráfico, ajudou a fundar, juntamente com Neno Vasco, o periódico *O libertário*. Cf.: RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Vol.4. Florianópolis: Insular, 1997. p.90-103. Consultar também: DULLES, John W. F. Op. cit. p.23.
[61] Sobre *A Plebe*, ver: GONÇALVES, Ody Furtado. *A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal "A Plebe".* Dissertação (Mestrado em Educação), PUC/SP, 2002. Ver ainda: CAMARGO, Daisy de. *O teatro do medo: a encenação de um pesadelo nas imagens do periódico anarquista A Plebe (1917-1951).* Dissertação (Mestrado em História), PUC/SP, 1998.
[62] KHOURY, Yara Aun. Op. cit., 1988. p.8.
[63] LEUENROTH, Edgard. "Ao que vimos: rumo à revolução social". *A Plebe*, São Paulo, 09 de junho de 1917.

"como força orientadora [...] do movimento operário no correr dos anos seguintes"[64]. Este periódico passou por perseguições políticas, empastelamento, recolhimento de seus exemplares, prisão de seus redatores e colaboradores e falta de recursos, mas pelo trabalho de seus redatores e colaboradores "iria se transformar no mais influente órgão anarquista".[65]

> Sob a responsabilidade de E. Leuenroth [...] os exemplares de 1917 davam maior destaque às agitações operárias e aos embates com a polícia e o governo. As palavras de ordem eram no sentido de fazer greves e boicotes, lutar por melhores condições de vida e de trabalho e pela construção da sociedade libertária.[66]

Portanto, a imprensa anarquista cumpriu importante papel na divulgação das idéias libertárias, bem como na mobilização e organização dos trabalhadores, dando direcionamento aos acontecimentos. "Lado a lado, militantes estrangeiros e brasileiros fizeram da imprensa o instrumento básico de propaganda das idéias e de combate ao modelo capitalista e ao modo de vida burguês em expansão."[67]

1.4 - OS JORNAIS COMO INSTRUMENTO DE PROPAGANDA E MENSAGEM REVOLUCIONÁRIA

Os embates entre operários e patrões ocorridos nas primeiras décadas do século XX e as contradições advindas dessas relações geraram a difusão da imprensa operária. Mesmo enfrentando problemas como falta de recursos, empastelamentos, perseguições e prisão de seus redatores e diretores, essa imprensa teve papel fundamental como instrumento de divulgação das ideais libertárias e de organização dos trabalhadores.

---

[64] FRENCH, John D. Op. cit., p.29.
[65] FAUSTO, Boris. Op. cit. p.94.
[66] MARTINS, Ângela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias: anarquismo, imagens e representações.* Tese (Doutorado em História Social), PUC/SP, 2006. p.73.
[67] Ibidem. p.35.

> Os artigos publicados nesta imprensa nascente e artesanal procura [vam] incentivar o espírito de luta, estimular as resistências nos locais de trabalho, informar e apoiar as pequenas guerras que se trava[vam] diariamente: denúncias de exploração, notícias da batalha cotidiana, registros de avanços e recuos, de vitórias e fracassos.[68]

Assim, no decorrer do tempo, as publicações operárias, com forte preponderância das idéias libertárias, influenciaram, incentivaram e direcionaram, em grande parte, as greves e agitações dos trabalhadores.[69]

A educação para a transformação da sociedade, pretendida pelos grupos anarquistas, tinha os jornais como aliados, uma vez que os libertários das primeiras décadas do século XX possuíam uma visão ampla de educação, entendendo que seria possível realizá-la nos "momentos de greve, na boicotagem, na sabotagem, nas manifestações espontâneas dos trabalhadores, na sua ação dia a dia a caminho da revolução" e também mediante a divulgação de informações, provocando debates e reflexões em "conferências, em palestras e no teatro social".[70]

É possível verificar uma estratégia de luta anarquista ao se observar que a folha *O Amigo do Povo*, em 1902, declarava a "boycotagem, pelos seus operários, injustamente desattendidos, no protesto, a fábrica de chapeus Matano Serricchio & Cia", e pedia solidariedade a "todos os proletários e todos os camaradas" para que não comprassem os produtos daquela companhia.[71] Dessa forma, o jornal se tornava um instrumento de apoio nas reivindicações dos operários, divulgando o encaminhamento da luta e encorajando-os a se unirem pela causa dos trabalhadores da fábrica Matano Serrichio & Cia.

As publicações eram utilizadas ainda como meio de divulgação de listas de subscrições para angariar fundos que tinham os mais variados fins: ajudar a família de algum

---

[68] RAGO, Luzia Margareth. Op. cit., 1985. p.16.
[69] CRUZ, Heloisa de Faria. Op. cit., 2000. p.124.
[70] CALSAVARA, Tatiana da Silva. Op. cit. p.14.
[71] "Boycotagem". *O Amigo do Povo*. São Paulo, 01 de maio de 1902. p.02.

militante preso, ajudar no envio de militantes a congressos, manter o próprio periódico, entre outros.

Em 1910 *A Lanterna* publicou uma lista enviada de Bebedouro em apoio ao trabalho de Leuenroth, d'*A Lanterna*, e Oreste Ristori, do *La Bataglia*, na qual foi possível observar o alcance do periódico em setores diferenciados da sociedade e em diversas profissões.[72]

Algumas folhas, no intuito de informar seus leitores e divulgar a propaganda revolucionária, procuravam utilizar uma linguagem mais simples ao especificarem os objetivos dos anarquistas. Nesse sentido, o periódico *O Libertário* dava a sua definição de anarquia:

> Completa abolição da tyrannia e da exploração do homem pelo homem, da annulação da propriedade privada e da destruição dos Estados e seus competentes governos, que elles sejam centraes, provinciaes, municipaes ou parlamentares [...] a suppressão de toda a miséria e a pulverisação de todas supertições e fanatismos.[73]

No que se refere à importância da imprensa como instrumento de organização e propaganda libertária, cabe observar a atuação da folha *Germinal*, semanário anarquista que, ligado aos acontecimentos sociais e contra a "carestia da vida", acusava os culpados da situação e propunha a solução ao problema, que passava pela destruição do capitalismo e pelo fim dos governos. Nessa perspectiva, perguntava: "Como é, pois, que o Governo poderá remediar isto, quando se sabe que o remédio verdadeiro seria em detrimento do capitalismo, de que o governo sempre foi e não pode deixar de ser o cachorro de guarda?"[74]

Consideradas uma "arma indispensável"[75], as publicações convocavam a população a participar de bailes, conferências e peças de teatro que não perdiam o foco da propaganda das

---

[72] *A Lanterna*. São Paulo, 03 de dezembro de 1910. p.04.
[73] "Em defesa da anarchia". *O Libertário*. São Paulo, 10 de janeiro de 1922. p.01.
[74] LIVRE, Solargeo. "A carestia da vida: os financeiros e os politiqueiros". *Germinal*. São Paulo, 16 de março de 1913. p.02.
[75] A. V. "Arma indispensável". *A Plebe.* São Paulo, 19 de julho de 1919. p.02.

idéias libertárias e, muitas vezes, tinham o objetivo de angariar fundos para determinadas causas. Ademais, convocavam a população para participar de debates e manifestações, declaravam o boicote a produtos de determinadas companhias e buscavam fazer pressão contra prisões de militantes, entre outras iniciativas.

Nesse sentido, o periódico *A Obra* abria suas páginas para o anúncio de um festival organizado pelo "Centro Feminino Jovens Idealistas", em comemoração ao 1º de Maio, com o seguinte programa:

> 1º - SINFONIA PELA ORCHESTRA
> 2º - Representação da peça em um acto:
> O AMANHÃ
> 3º - Subirá á scena o emocionante drama em 1 acto, em hespanhol
> HAMBRE!
> 4º - Será levada á scena a interessante comédia
> O PECADO DE SIMONIA
> 5º - KERMESSE E BAILE FAMILIAR
> Nos entre-actos, Cantos e Recitativos[76]

Objetivando despertar as consciências para o estado de dominação e exploração a que estavam submetidos os trabalhadores e criar bases para uma transformação radical da sociedade, essas folhas buscavam informar, divulgar e debater idéias, sugeriam a leitura de escritos libertários e intermediavam a aquisição destes pelos leitores.

Contornando, de certa forma, os problemas relacionados aos escassos recursos financeiros dos trabalhadores, às longas jornadas de trabalho, que, em geral, variavam de 10 a 12 horas diárias, e ao analfabetismo, que atingia a maioria dos operários, os redatores d'*A Lanterna* sugeriam formas de contato com a leitura do jornal, evidenciando a importância que se dava à publicação como forma de divulgar as idéias libertárias:

---

[76] "Grande Festival". *A Obra*. São Paulo, 13 de maio de 1920. p.12.

> A todos os amigos da "LANTERNA" lembramos que, depois de a lerem é da máxima utilidade não a DESTRUIREM. Os que não a GUARDAREM, para colecionar, devem dá-la a outra pessoa. Lê-la aos que não sabem ler, DEIXÁ-LA nas fábricas, nas obras, nas oficinas, nos barbeiros, nos cafés, nos restaurantes, nos jardins, nos carros, nos trens enfim, onde possa ser lida por outros. Espalhar é semear, é torná-la conhecida, é fazer dela a propaganda, é conquistar novos adeptos para a nossa obra.[77]

Destarte, verifica-se que os anarquistas utilizavam os jornais como instrumento de propaganda libertária e como forma de propagar a mensagem revolucionária, com destaque para o periódico *A Lanterna*, por sua importância na divulgação, em especial, das idéias anticlericais.

[77] "Semear para colher". *A Lanterna*. São Paulo, 22 de Março de 1913. p.2.

CAPÍTULO II - "ANTICLERICAL E DE COMBATE"

Neste capítulo procura-se destacar o periódico *A Lanterna*, discutindo-se suas especificidades no contexto da militância anticlerical e anarquista. Buscando situar este periódico no cenário mais amplo de embate entre operários e patrões, este capítulo trata, ainda, da inserção das idéias clericais no meio operário e da luta dos redatores para minar esta influência não só no meio operário, mas na sociedade como um todo.

2.1 - "A LANTERNA"

Em 07 de março de 1901, anunciando a expressiva tiragem de 10 mil exemplares, Benjamin Mota[78] fundou o periódico *A Lanterna*. Livre-pensador, advogado e jornalista, permaneceu na direção do jornal até 29 de fevereiro de 1904, momento em que se encerrou a sua primeira fase, após a publicação de 60 números.

O periódico, em sua "nova fase", compreendida entre 17 de outubro de 1909 e 19 de novembro de 1916, publicou 293 exemplares e contou ainda com a colaboração de Benjamim Mota, porém, segundo o próprio Benjamim, "sob a direção de um grupo de companheiros de luta" tendo à sua frente o gráfico, jornalista, arquivista e membro da FOSP - Federação Operária de São Paulo Edgard Leuenroth, com o objetivo de continuar a "desvendar todas as patifarias clericais e trabalhar pela emancipação da consciência humana"[79].

---

[78] Sobre Benjamim Mota, ver: RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Vol.1. Rio de Janeiro: VJR, 1994. p.115-21. Ver ainda: TOLEDO, Edilene Teresinha. "Em torno do jornal O Amigo do Povo: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século". *Cadernos AEL: anarquismo e anarquistas.* Vol.8/9. Campinas: Unicamp/ IFCH, 1988.

[79] MOTA, Benjamim. "A Lanterna: aos amigos conhecidos e desconhecidos". *A Lanterna*. São Paulo, 17 de outubro de 1909. p.01.

Sob a direção de Leuenroth, *A Lanterna* retomou suas publicações em uma terceira fase, entre os anos de 1933 e 1953, na qual foram lançados mais 45 exemplares de maneira irregular.[80]

O periódico *A Lanterna* saía aos sábados, no "tamanho 55 x 40 cm"[81], com quatro páginas e seis colunas. Em sua "nova fase" registrava sua contagem de anos considerando desde o período em que era dirigido por Benjamin Mota, ou seja, desde a sua fundação, apresentando no canto superior direito o dizer "Anno IV (Nova phase)". A unidade avulsa da publicação "número 1" dessa fase foi vendida por $100 réis, a assinatura anual para o Brasil por 10$000 e a semestral por 6$000; já a assinatura para o exterior era vendida a 12$000 e 8$000, respectivamente.

No cabeçalho, logo abaixo do nome do periódico, lia-se "folha anti-clerical de combate", e no canto direito superior o endereço da redação, "Largo da Sé, 5, sobrado", e o endereço telegráfico, "Lanterna". No canto esquerdo inferior apresentava-se, em destaque, "fundador: Benjamim Mota".[82]

ANNO IV (Nova phase)

Domingo, 17 de outubro de 1909

NUMERO 1

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (Largo da Sé, 5 sobrado)

Caixa Postal, 379

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 100 réis

Apparece as QUINTAS-FEIRAS

[80] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil* (*1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973. p.25.

[81] FERNANDES, Marisa. *Sob os focos d'A Lanterna: a mulher na imprensa anticlerical de 1909 a 1916.* Dissertação (Mestrado em História Social), FFLCH-USP, São Paulo, 1997. p.127.

[82] Cf.: *A Lanterna*. São Paulo, 17 de outubro de 1909. p.01.

O periódico era composto por artigos escritos por seu redator e por outros enviados via correio ou telégrafo de autoria de colaboradores, nem sempre militantes libertários, de várias localidades brasileiras e estrangeiras, tratando, em geral, de temas relacionados ao anticlericalismo[83]. Havia inclusive a possibilidade de o leitor se tornar articulista nas páginas d'*A Lanterna*, o que contribuía para a relação do periódico com seus consumidores, já que estes, no momento em que viam suas cartas publicadas no jornal, se sentiam como participantes do seu processo de construção, tendo-o como porta-voz de suas idéias e reivindicações. Assim,

> [...] não existia a figura do repórter, do profissional da notícia. Ao invés de o jornal procurar a notícia, essa é que procurava o jornal, numa autêntica forma de comunicação participativa, verdadeira integração entre o emissor e o receptor, entre o jornal e o leitor.[84]

Devido à grande quantidade de correspondências recebidas pelo periódico, impossibilitando que todas fossem respondidas via correio, seus redatores recomendavam às pessoas que escreviam a leitura da coluna "Bilhetes e Recados"[85], seção fixa na qual dialogavam em tom mais direto com seus leitores, acusando o recebimento de cartas, dando respostas aos encaminhamentos referentes a pedidos de publicações, etc.

Também na coluna "Os nossos concursos" a redação d'*A Lanterna* buscava estreitar o contato com seus leitores, oferecendo um exemplar da obra *Verdade*, de Emile Zola, para quem enviasse a melhor resposta à pergunta "Para que serve o padre?"[86]. Com o mesmo propósito, a coluna "2º Concurso Da Lanterna" dava como prêmio ao leitor que melhor respondesse à pergunta "Com que se parece o padre?" o livro *Sermões da Montanha*, uma

---

[83] Sobre o "anticlericalismo" ver o capítulo 2 deste trabalho.
[84] FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil.* São Paulo: Ática, 1988. p.22.
[85] "Expediente". *A Lanterna*. São Paulo, 09 de abril de 1910. p.03.
[86] Ver: *A Lanterna*. São Paulo, 20 de novembro de 1909. p.04.

obra de "propaganda do livre pensamento", de Thomas da Fonseca, e uma assinatura semestral d'*A Lanterna*.[87]

As cartas remetidas e noticiadas e as colunas "Bilhetes e Recados" e "Os nossos concursos" possibilitam uma leitura da tenacidade dos redatores para continuarem a fazer a propaganda anticlerical. Por conseguinte, conseguir novos leitores e assinantes tinha uma importância duplamente vital, pois possibilitaria divulgar a nova sociedade e garantir a manutenção do periódico.

Da mesma forma, tal tenacidade pode ser notada quando se observa que o periódico oferecia livros ou folhetos "conseguidos graças a uma combinação com depositários de obras racionalistas e sociológicas" aos que pagassem suas assinaturas diretamente à administração, o que pouparia despesas de cobrança ou remessa[88]. Oferecia-se, ainda, uma assinatura grátis para aquele que, propagando as idéias do jornal, angariasse dez assinaturas[89]. Estas eram estratégias utilizadas para manter o periódico e continuar divulgando as idéias anticlericais.

Como forma de manutenção do periódico havia ainda as listas de subscrições, que também eram publicadas n'*A Lanterna*. Estas listas não apareciam em todas as publicações, o que talvez se justifique pela irregularidade dessa ajuda para a continuidade do periódico. Contudo, era constante o pedido de subscrições para outras causas, como para auxiliar militantes presos, libertários no exterior e para a criação de uma "Escola Moderna" em São Paulo.

Pode-se observar um campo de tensão entre as pessoas que vendiam o periódico em seus estabelecimentos ou que colaboravam para a sua manutenção em listas de subscrições e o clero local. Além disso, havia um certo constrangimento que afligia os anunciantes d'*A Lanterna*, pois, sendo este um periódico anticlerical, sofria a perseguição dos clérigos.

---

[87] Ver: *A Lanterna*. São Paulo, 30 de abril de 1910. p.01.
[88] Ver: *A Lanterna*. São Paulo, 28 de fevereiro de 1910. p.04.
[89] Ver: *A Lanterna*. São Paulo, 13 de novembro de 1909. p.04.

Destarte, certamente, anunciar produtos ou serviços neste periódico não era o mesmo que anunciá-los em outro jornal que não fosse anticlerical.

Cabe notar também que havia o entendimento por parte dos leitores/articulistas d'*A Lanterna* de que ter seu nome ligado a este jornal poderia render perseguições. As abreviações de nomes e o uso de pseudônimos na identificação dos artigos ratificam a existência de tal entendimento.

Era por meio da venda de livros e panfletos anunciados nas páginas do periódico, da venda de assinaturas, da venda avulsa[90], das listas de subscrições e da realização de festas – muito embora fosse "pequeno [o] rendimento habitual dessas festas [...] em proporção às necessidades"[91] – que se procurava manter o jornal na ativa, servindo, ainda, de "meios de luta e [...] resistência à dominação"[92], já que não perdiam o foco da propaganda libertária.

A assinatura do jornal, de acordo com os redatores, era "a melhor maneira de combater" os clerigos, mas, na impossibilidade desta, a compra de exemplares aos sábados já constituía excelente ajuda.[93]

Como forma de aprofundar os estudos sobre o periódico *A Lanterna*, faz-se necessário destacar alguns traços de seu perfil.

---

[90] Zélia Gattai destacou o "ambiente festivo" das "reuniões políticas" e informou acerca da venda de jornais, entre eles *A Lanterna*, em conferência realizada no salão das "Classes Laboriosas", em São Paulo. GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p.170.

[91] LIMA, Mariana Alves de; VARGAS, Maria Thereza. "Teatro operário em São Paulo". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memórias, lutas e cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1986. p.183-4.

[92] KHOURY, Yara Aun. "Edgard Leuenroth: uma vida e um arquivo libertários". *Revista Brasileira de História*. Vol.17. n.33. Rio Grande do Sul: ANPUH/ Ed. UNIJUÍ, 1997.

[93] *A Lanterna*. São Paulo, 28 de março de 1909. p.3.

2.2 - O PERFIL DO PERIÓDICO

Órgão da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro especializado no anticlericalismo (considerado parte inseparável no processo de construção da nova sociedade libertária)[94], em 17 de outubro de 1909, após um período fora de cena, *A Lanterna* retomou suas publicações tendo em seu programa o objetivo de "desvendar as patifarias clericaes e trabalhar pela emancipação da consciência humana"[95]. Sem perder o tom de crítica anticlerical, uma constante no periódico, acusou a Igreja na figura dos "jesuítas" e o Estado espanhol, sob a influência da primeira, de serem os algozes de Francisco Ferrer[96], este, segundo a publicação, uma

> [...] victima do fanatismo inquisitorial da canalha jesuítica, dessa raça maldita de insaciáveis Torquemadas, que, commo um imenso bando de urubus, erguem-se sobre a terra, quasi eclypsando o sol, envolvendo-a em tenebrosa noite com a negrura de suas asas.[97]

Visto pela publicação como "anti-religioso" e considerado o "grande martyr da educação popular", Ferrer, segundo afirmou o articulista, fora morto porque "instruir o povo é tirar fregueses aos padres". Assim, durante anos o periódico manteve em pauta o debate sobre sua morte, ajudando a promover intensa campanha para fundar em São Paulo uma "Escola Moderna" baseada no método racional[98] de Ferrer, importante instrumento na luta contra o

---

[94] Segundo Khoury, "a luta sindical, anticlerical, cultural se completam e se confundem, modelando [o] projeto revolucionário" anarquista. KHOURY, Yara Aun. Op. cit., 1997. p.112-49.

[95] MOTA, Benjamim. "A Lanterna: aos amigos conhecidos e desconhecidos". *A Lanterna*. São Paulo, 17 de outubro de 1909. p.01.

[96] Francisco Ferrer y Guardia nasceu em 1859, nas proximidades de Barcelona. Foi preso e executado em 13 de outubro de 1909, na prisão de Montjuich, na Espanha, em meio a agitações contra o envio de soldados espanhóis ao Marrocos. TRAGTENBERG, Maurício. "Francisco Ferrer e a pedagogia libertária". *Revista Educação & Sociedade.* Ano 1. n.1. São Paulo: Ed. Unicamp/ Cortez & Moraes, 1978. p.17-49.

[97] *A Lanterna*. São Paulo, 17 de outubro de 1909. p.01. Optou-se por manter a grafia original do periódico.

[98] A "Escola Racionalista" ou "Moderna" deveria ser livre da influência da Igreja ou do Estado e sua pedagogia baseava-se nos seguintes princípios: "1º.: La educación es – y debe ser tratada como – un crucial problema politico (se trata de ocupar el lugar que el poder hegemónico de la burguesi ejerce em las escuelas); 2º.: La enseñanza será científica y racional, al servicio de las verdaderas necesidades humanas y sociales, de la razón natural y no de ia razón artificiale del capital y la burguesia; 3º.: Co-educación, pues la mujer y el hombre

ensino clerical e do Estado, o que justificava a denúncia de sua morte e o ressurgimento do periódico anticlerical.

Ao publicar artigos enviados à sua redação, *A Lanterna* atraiu pessoas das mais variadas opiniões e tendências e representantes de outras correntes anticlericais, que nele tinham a possibilidade de divulgar suas críticas. Dessa forma, "a campanha contra a Igreja ganhou forma em círculos que não se limitaram aos libertários"[99], e, ao que parece, aos editores importava mais a crítica aos clérigos e menos a tendência do articulista.

> No Brasil, o período que vai da proclamação da República até o fim da década de 1910, corresponde ao momento de maior afronta à tradição católica, com o anticlericalismo assumindo ares de militância política. Nessa época, agregou elementos de várias posições políticas e sociais: setores da maçonaria, liberais, positivistas, jacobinistas, livres-pensadores, agnósticos, socialistas e anarquistas. Enfim, reuniu aqueles que se insurgiram, abertamente ou mesmo de forma mais velada contra a Igreja e adotaram uma atitude crítica contra a instituição eclesiástica e sua ordem sacerdotal.[100]

Essa posição do periódico, atuando como uma tribuna aberta a variadas correntes – que não necessariamente alinhavam-se à tendência libertária, mas se identificavam com a crítica anticlerical do periódico –, provocava críticas no meio anarquista, já que se dizia que sua luta era em prol de interesses de terceiros, pois "quem não crê em Deus, mas crê no Estado não mudou nada: não se inclina ao padre, mas se inclina ao patrão"[101]. Dessa forma, muitos dos articulistas d'*A Lanterna* se definiam apenas como "homens livres", "quer no uso

---

completan al ser humano; 4º.: Co-educación de ricos y pobres; 5º.: Orientación anti y a-estatal de la educación; 6º.: Importancáa del juego en el proceso educativo; 7º.: Pedagogia individualizda sin competencia técnica no profesional; 8º.: Ausencia de premios y castigos, supresión de examenes y concursos." SOLÁ, Pere. *Las escuelas racionalistas em Cataluña (1909-1939)*. Barcelona, Tusquet Editor, 1978. p.22-5.Ver também: LUIZETTO, Flávio. "O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna nº1 (1912-1919)". *Educação e Sociedade*. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação. Ano 4. n.24. Vol.8. São Paulo: Cortez, 1986. p.18-47. Tratam também das características pedagógicas da Escola Moderna em São Paulo: *A Lanterna*. São Paulo, 27 de novembro de 1909, p.01; e 13 de outubro de 1910, p.04.

[99] FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social – 1890-1920.* São Paulo: DIFEL, 1986. p.72.

[100] VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e anticlericalismo.* São Paulo: Imaginário, 2000. p.10-1.

[101] DAMIANI, Gigi. *La Battaglia*. São Paulo, 28 de julho de 1912.

dos direitos civis" ou "religiosamente falando"[102], desejando ver a sociedade livre da influência dos clérigos.

A liberdade de pensamento baseada na livre especulação científica, isenta dos dogmas da Igreja e defendida por algumas lojas maçônicas era aceita também por outros articulistas d'*A Lanterna*, mesmo por grupos espíritas e anarquistas, guardadas as devidas especificidades.

As críticas transcritas a seguir compunham um tipo de discurso comum n'*A Lanterna*, caracterizado pela denúncia da interferência dos padres na vida das pessoas e do repúdio à cobrança pelos sacramentos, casamentos, batizados, conforme o articulista afirmava ter ocorrido naquela localidade:

> É na exploração dos crentes, é na oppressão das classes, é na especulação, é no ataque às liberdades públicas e é no obscurantismo que ella encontra os mais sólidos alicerces de seu poder; os seus representantes fazem da Igreja um negócio e do altar um balcão.[103]

Em sua primeira fase o periódico *A Lanterna* uniu em torno de si variados grupos sociais, entre eles os maçons, os socialistas, os protestantes, as sociedades "esotericas" e os espíritas.[104] Na sua segunda fase foi mantido o diálogo com esses grupos, sobretudo com os maçons, porém, aos poucos, os grupos religiosos e os socialistas foram se distanciando do periódico e as ligações com os anarquistas se estreitaram.[105]

---

[102] *A Lanterna*. São Paulo, 03 de dezembro de 1910. p.04.
[103] BISTORI. "A Lanterna em Jacarehy". *A Lanterna*. São Paulo, 06 de agosoto de 1910. p.03 (grifos do autor).
[104] PERES, Fernando Antonio. *Estratégias de aproximação: educação anarquista em São Paulo durante a 1ª República.* Dissertação (Mestrado em Educação), FFLCH/USP, São Paulo, 2004.
[105] FREGONI, Olga Regina. *Educação e resistência anarquista em São Paulo. A sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945)*. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC/SP, 2006. p.66.

Justificar o que unia espíritas, maçons, livre-pensadores e anarquistas em torno d'*A Lanterna* torna-se um desafio, já que há várias possibilidades de explicação para esse fenômeno. Pode-se afirmar que tal união ocorreu porque todos esses grupos tinham um ponto em comum, as idéias anticlericais, cada um a seu modo e por interesses diversos, principalmente no que se refere a um pensamento livre de interferências da Igreja e de seu conservadorismo.

Percebe-se que n'*A Lanterna* os articulistas ora criticavam ferrenhamente a Igreja enquanto instituição e os seus membros em geral, ora criticavam apenas alguns de seus membros, ora declaravam-se católicos e elogiavam o trabalho d'*A Lanterna*[106] e por vezes anunciavam-se abertamente como ateus.[107] Verifica-se, ainda, que colocavam em pé de igualdade a "igreja católica", a "igreja espírita" e a "igreja protestante", afirmando que, embora fossem inconciliáveis, tinham "todas por fundamento o christianismo"[108].

Porém, os redatores d'*A Lanterna* muitas vezes assumiam um posicionamento mais radical que outros grupos com relação à Igreja Católica, como se pode notar na resposta a uma carta enviada ao jornal:

> Não acha o nosso informante que o padre com o que disse está no seu papel? Incoherentes são os maçons, livre-pensadores e todos aquelles que não são partidários da igreja e baptisam os filhos, fazem parte de irmandades e assistem à ceremonias religiosas.[109]

---

[106] "Pequenos ecos". *A Lanterna*. São Paulo, 10 de setembro de 1910. p.04.
[107] RHADAMANTO. "Deus". *A Lanterna*. São Paulo, 21 de maio de 1910. p.02.
[108] MASCOLO, Lucas. "Os inimigos da vida humana: a igreja contra a fé". *A Lanterna*. São Paulo, 17 de setembro de 1910. p.03.
[109] N. da R. *A Lanterna*. São Paulo, 02 de julho de 1910. p.03. A abreviação "N. da R." significava "Nota da Redação".

Em carta publicada no periódico, o padre Guilherme Dias, de Belo Horizonte, aplaudia a "providencial propaganda" anticlerical d'*A Lanterna*, afirmando que tinha "o louvável fim de tornarem [...] conhecidos esses seres repellentes que são a negação da doutrina de Jesus", causadores "da opressão moral econômica e política das nações". O padre concluía sua carta afirmando a necessidade da propaganda até que seja "por completo anniquilado o clericalismo"[110]. A crítica do padre estava direcionada à influência opressora do poder clerical nas questões morais, econômicas e políticas da sociedade, e em nenhum momento colocava em dúvida a existência de Deus ou de Cristo.

A publicação de uma carta do "saudoso padre Guilherme Dias" e a referência deste aos redatores d'*A Lanterna* como "collegas" possibilitam problematizar o posicionamento dos redatores do periódico, já que se evidenciava que o seu anticlericalismo não se configurava como totalmente contrário à figura do padre, e sim à sua influência na vida social e política das pessoas.

Quanto à redação, esta afirmava que os artigos publicados e "previamente lidos" não traziam a responsabilidade do editor, pois a proposta do jornal era ser uma "tribuna livre" e propiciar o debate de idéias, em especial acerca do anticlericalismo, proposta esta que, de certa forma, justificava os variados posicionamentos dos articulistas. A postura claramente ateísta do periódico o distanciaria dos indivíduos religiosos, que faziam parte do público-alvo das publicações, o que o colocava numa posição cômoda e necessária, já que era preciso divulgar as idéias anticlericais e fazer circular o jornal.

---

[110] DIAS, Guilherme. "Do nosso archivo". *A Lanterna*. São Paulo, 21 de janeiro de 1911. p.04. (grifo do autor)

Os juízos de diversos personagens que contribuíam para a divulgação das idéias anticlericais podiam ser ponderados nas cartas enviadas ao periódico, apresentando nomes ou pseudônimos como Ginesillo de Pasamonte, Herrera e Antonio César, entre outros, personagens, anônimos ou não, que colaboravam para a construção do ideário anticlerical divulgado pelo periódico. Nessa perspectiva, pode-se dizer que *A Lanterna* possibilitava a leitura de idéias e notícias do cotidiano de cidades e de pessoas em localidades distantes da capital, registrando, ainda, as movimentações de maçons, espíritas, livre-pensadores, organizações operárias, estudantes, ligas anticlericais, etc.

A presença de anúncios publicitários nas páginas de periódicos da imprensa operária, em especial nos de tendência libertária, não era comum. *A Plebe*, com o mesmo grupo editor d'*A Lanterna*, aceitou anúncios em suas primeiras publicações apenas porque eram estritamente necessários à sobrevivência do periódico, mas não mais publicou reclames em suas páginas quando suas outras formas de subsistência tornaram-se suficientes para a manutenção do jornal.[111]

A Lanterna publicava, nas páginas três e quatro, anúncios variados, propagando desde a venda de "Terrenos em Santos" de propriedade do irmão de Edgar Leuenroth, o diretor d'*A Lanterna*, até a sempre presente "Emulsão de Scott", um dos poucos produtos divulgados com ilustrações, ocupando um espaço maior que os outros reclames.

---

[111] MARTINS, Ângela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias: anarquismo, imagens e representações.* Tese (Doutorado em História Social), PUC/SP, 2006. p.78-9.

Anúncios como os da "Fábrica de Fumos Braz", dos "higiênicos" cigarros do "amigo fabricante F. Levy", "para os que não dispensam o vício de fumar"[112], ou do "No Criterium Bar", que oferecia "vermouth", "chop" e vinhos[113], davam um tom diferenciado à propaganda libertária. Tais anúncios "destoavam" da moral libertária expressa por artigos do periódico, que, tendo o anticlericalismo como principal característica, colocava em pé de igualdade a taberna e a Igreja, tidas como "inimigas dos proletários".

Por um lado, indicava o jornal os prejuízos causados pelo uso do "álcool e [pelo] abuso do tabaco", afirmando que "emanações mortais para o povo deles se desprende[m] perenemente!"[114]. Para as lideranças operárias, "o operário embriagado ficava impossibilitado de participar do movimento operário, perdendo sobretudo a racionalidade, tão necessária na luta contra a opressão"[115]. Por outro lado, no anúncio o vício de fumar e o hábito de beber apresentavam-se de forma mais amena e aceitável. Ao cigarro era atribuída a qualidade de higiênico, o que o diferenciava de outros, não recebendo um tom de crítica austera, comumente presente no discurso do periódico. O fumo e a bebida, as chamadas "práticas condenáveis"[116], eram sugestionados mediante anúncios, o que possibilita notar os contornos de uma teoria libertária que se chocava com a militância no dia-a-dia.

Aparecendo na maioria das vezes na página três, com belas gravuras e ocupando um espaço maior na publicação, o anúncio da "Emulsão de Scott", por essas características, destacava-se dos demais. Durante anos esse produto acompanhou ininterruptamente as publicações do periódico, e por algumas vezes trouxe a gravura do "Ilmo e Revmo. Arcebispo

---

[112] *A Lanterna*. São Paulo, 22 de agosto de 1914. p.04.
[113] Ver: *A Lanterna*. São Paulo, 30 de novembro de 1909. p.04.
[114] *A Lanterna*. São Paulo, 25 de outubro de 1913. p.01.
[115] OLIVEIRA, Marcos Antonio. *"O demônio da humanidade": O alcoolismo no discurso médico e na imprensa operária, São Paulo - 1890-1930*. Dissertação (Mestrado em História), PUC/SP, 2001. p.73.
[116] CAVALCANTI, Jardel. *Os anarquistas e a questão da moral*. São Paulo: Cone Sul, 1997. p.43.

de Guatemala”[117], que, na figura de seu secretário, bendizia os inventores da *Emulsão*, num tom de reverência que não era comum darem a um arcebispo.

[117] *A Lanterna*. São Paulo, 13 de novembro de 1909. p.03. Ver ainda: *A Lanterna*, São Paulo, 04 de junho de 1910. p.04.

Esses anúncios publicitários sem caráter de propaganda libertária num periódico fruto de uma militância com características didáticas e no qual era constante a falta de espaço para publicar artigos sugerem a sua importância para a continuidade do jornal, refletindo as dificuldades por que passavam os periódicos de tendência libertária. Embora não tivessem a "função social" de divulgar a propaganda libertária, que dificilmente escapava às ações dos grupos libertários[118] e aos artigos publicados no periódico, ajudavam na manutenção do jornal, viabilizando a sua continuidade. "Evidenciava-se, assim, um distanciamento entre o que os anarquistas defendiam em seus discursos e o que realmente acontecia na prática, estabelecendo-se um certo conflito entre as necessidades e as expectativas."[119]

Portanto, verifica-se que as dificuldades financeiras por que passavam muitos dos periódicos libertários e a necessidade de continuação da propaganda anticlerical e libertária, imprescindível para a "organização, mobilização e politização da classe trabalhadora"[120], conduziram a uma flexibilização da teoria libertária em relação à prática e à busca de formas de financiamento, como o anúncio publicitário, que, juntamente com as listas de subscrições, as festas de propaganda[121], a venda de assinaturas e a venda avulsa, contribuíram, cada um de sua forma, para a manutenção d'*A Lanterna*.

Tendo em vista que o periódico *A Lanterna* teve suas publicações retomadas numa segunda fase por um grupo de anarquistas, bem como que tinha como principal característica o combate ao clericalismo, cabe destacar os contornos da doutrina anarquista no que se refere ao anticlericalismo e delinear algumas de suas práticas nas primeiras décadas do século XX.

---

[118] Vargas afirma que: "Para cada acontecimento teatral acrescido de música, baile e conferência, há sempre uma finalidade social que transcende o momento particular daquele agrupamento." VARGAS, Maria Thereza. *O teatro operário em São Paulo*. São Paulo: IDART, 1980. p.33.
[119] MARTINS, Ângela Maria Roberti. Op. cit. p.75.
[120] FERREIRA, Maria Nazareth. Op. cit. p.12.
[121] As festas de propaganda não tinham um caráter recreativo de puro lazer, mas sim de um espaço de sociabilidade e solidariedade onde se trocavam idéias e experiências, fazia-se a propaganda do ideário e se conseguiam fundos para a militância. HARDMAM, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil.* São Paulo: Editora Unesp, 2002. p.314-5.

2.3 - ANTICLERICALISMO E ANARQUISMO

O termo anticlericalismo, a partir de 1850, veio justificar e sustentar uma "tendência à laicização[122] do Estado e da sociedade, dos costumes e da mentalidade". Este vocábulo designa o conjunto de idéias e comportamentos contra a "tendência do poder eclesiástico a fazer sair a religião do seu âmbito para dominar o âmbito da sociedade civil e do Estado"[123]. Nas palavras de um articulista d'*A Lanterna*, o clericalismo é "a confusão do poder temporal e do poder religioso"[124].

O anticlericalismo tem suas raízes na Idade Média e nasceu "como uma atitude de crítica contra a corrupção e os vícios, a hipocrisia e a ganância, a prepotência e a intolerância da ordem sacerdotal acusada de trair e se afastar dos princípios evangélicos", percorrendo séculos e se misturando à crítica racionalista contra a Igreja Católica.

> Mas é com a Revolução Francesa e nos decênios sucessivos (durante o século XIX) que o Anticlericalismo de origem cristã e católica e o Anticlericalismo racionalista de personalidade particulares de grupos deixam, em grande parte, seu lugar e são absorvidos por um Anticlericalismo que se manifesta como fenômeno relativamente de massa, essencialmente nos países de predominância católica [...] além de muitos países latino-americanos.[125]
> O anticlericalismo se tornou um problema central da política dos países católicos por duas razões principais: porque a Igreja Católica Romana optara por uma rejeição total da ideologia da razão e do progresso, só podendo, portanto, ser identificada à direita política.[126]

---

[122] O termo "leigo" ou "laico", dos quais o laicismo deriva, não podem ser confundidos com incrédulo. "O Estado leigo não apenas salvaguarda a autonomia do poder civil de toda forma de controle exercido elo poder religioso, mas, ao mesmo tempo, defende a autonomia das Igrejas em suas relações com o poder temporal, que não tem o direito de impor aos cidadãos profissão alguma de ortodoxia confessional." O Estado laico "garante, a todas as confissões, liberdade de religião e de culto, sem implantar em relação às mesmas nem estruturas de privilégios nem estruturas de controle". ZANONE, Valério. "Laicisismo". In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de João Ferreira, Carmem C. Varriale e outros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. p.670-4.

[123] VERUCCI, Guido. "Anticlericalismo". In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Op. cit. p.32-4.

[124] PAULO, Jorge. "Clericalismo catholico". *A Lanterna*. São Paulo, 19 de março de 1910. p.01.

[125] VERUCCI, Guido. Op. cit. p.32-4.

[126] HOBSBAWN, Eric J. *A era dos impérios – 1875-1914.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.368.

Era comum encontrar em periódicos anarquistas e mesmo operários ferrenhas críticas às instituições religiosas. Parte dessas críticas relacionava-se ao ambiente cultural da época, e outra parte à postura da igreja em relação ao operariado, defendendo a conciliação de classes e a resignação.[127]

O discurso da resignação do operariado, a interferência dos clérigos na vida das pessoas e a instrução clerical acusada de inculcar superstições nas crianças incomodavam variados grupos anticlericais, em especial os anarquistas, já que afetavam seu projeto de construção da uma nova sociedade.

Com um discurso mais radical que aquele apresentado por outros grupos, os anarquistas encontravam nas páginas d'*A Lanterna* identificação quando o periódico acusava os clérigos de estarem a serviço dos capitalistas, por pregarem a passividade dos operários, por "embrutecer[em] o povo com suas intrujices, para que ele se submeta ao domínio da exploração do seu patrão – o Capitalismo". Era esta a visão dos redatores sobre a missão dos padres e da Igreja, por extensão.[128]

> [...] uma catequese que tentava garantir, pois, a passagem da barbárie à civilização pela via da passividade do rebanho, da ordem e paz no trabalho, evitando o pecado que traria para o progresso do capital qualquer ovelha desgarrada. Nesse sentido, o anticlericalismo dos grupos anarquistas era plenamente compreensível a imagem de "vampiros sociais", destinada aos clérigos, ganhava em *A Lanterna* contornos de dramática verdade, dada a função da ideologia católica.[129]

Tendo a finalidade de fazer frente ao ensino ministrado nas escolas tradicionais, muito influenciadas pelas idéias católicas, os anarquistas, juntamente com colaboradores de "vários segmentos sociais com tendências políticas e ideológicas bastante diversas" unidos

---

[127] BONOMO, Alex Buzeli. *O anarquismo em São Paulo: as razões do declínio (1920-1935).* Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 2007.
[128] "A situação do povo do México... e de toda a parte". *A Lanterna*. São Paulo, 08 de março de 1913. p.01.
[129] HARDMAM, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil.* São Paulo: Unesp, 2002. p.70-1.

"por uma pauta em comum em torno de questões anticlericais e pedagógicas", fundaram as chamadas Escolas Modernas nº1 e nº2, que tiveram como diretores, respectivamente, os anarquistas João Penteado e Adelino de Pinho.[130]

Para Bakunin, sendo Deus senhor e a Igreja representante Deste aqui na terra, todo homem que se curvasse à sua obediência perderia a sua iniciativa e liberdade, tornando-se um escravo não só de Deus, mas da Igreja e do Estado, que tinha as bênçãos desta para sustentar seu autoritarismo.[131]

Com a finalidade de enfrentar a influência das idéias clericais na sociedade, um grupo de anarquistas e alguns colaboradores retomaram, em 1909, as publicações d'*A Lanterna*, constituindo-se o anticlericalismo como uma das suas frentes de luta.[132] A redação, em uma espécie de editorial, definiu a constituição de seu anticlericalismo:

> a) Luta contra os padres, para mostrar as contradições da sua vida com a sua doutrina, o seu sacerdócio como profissão, tendo o interesse material por base [...]; b) Discussão filosófica e histórica dos dogmas e mitos, isto é, o anti-religiosismo, luta contra a base teórica da Igreja; c) Luta contra a influência política da Igreja – pela acção directa, pela propaganda extra parlamentar; d) Propaganda para mostrar o poder econômico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado, fautora de crumirismo.[133]

Todas essas idéias podem ser observadas como características do anticlericalismo d'*A Lanterna*, permeando as publicações de sua segunda fase – de 1909 a 1916.

A Igreja Católica buscou enfrentar as críticas dos anarquistas e de outros grupos anticlericais – maçons, espíritas, protestantes –, bem como impor suas idéias, que majoritariamente identificavam-se com o conservadorismo.

---

[130] FREGONI, Olga Regina. Op. cit. p.69-70.
[131] BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, socialismo, antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988. p.41.
[132] O ensino racional, a participação nos sindicatos, as atividades nos Centros de Cultura Social e a propaganda anticlerical são aspectos da luta e militância de grupos libertários.
[133] "O nosso anticlericalismo". *A Lanterna*. São Paulo, 08 de março de 1913. p.01.

2.4 - O EIXO DE ARGUMENTAÇÃO ANTICLERICAL – O CLERO EM CENA

No decorrer do século XIX, o termo "ultramontanismo" reapareceu[134] como resposta do lado conservador da Igreja Católica aos excessos da Revolução Francesa, culminando, em 1864, na *Encíclica Quanta Cura* e no "Sílabo dos Erros", anexo à referida encíclica, que consolidavam a postura doutrinária da Igreja, condenando uma série de coisas consideradas erradas e perigosas, entre elas:

> [...] todos os tipos de liberalismo, o protestantismo, a maçonaria, o deísmo, o racionalismo, o socialismo e certas medidas liberais propostas pelo estado civil, tais como a liberdade de religião, o casamento civil, a liberdade de imprensa e outras mais [...] O choque entre o ultramontanismo e outros "ismos" do século XIX era inevitável e ocorreu por toda a cristandade.[135]

No Brasil o ultramontanismo, "apesar de minoritário a princípio, estivera em cena desde os primórdios da independência". Sob sua influência foi educada e condicionada uma geração de jovens brasileiros que mais tarde seriam "mandados para a França e para Roma, a fim de receberem mais estudos e mais doutrinamento". Ao retornarem "ao Brasil tornaram-se porta-vozes do ultramontanismo"[136].

O posicionamento conservador da Igreja pôde ser notado aqui no Brasil em 1910, ano em que o episcopado manifestou sua preocupação com a questão das relações entre patrões e operários. Havia, ainda, outra preocupação básica que ultrapassava a questão operária, levando o episcopado a instruir os clérigos a centrarem-se

---

[134] O "ultramontanismo foi um termo usado desde o século XI para descrever cristãos que buscavam a liderança de Roma [...], ou que defendiam o ponto de vista dos papas, ou davam apoio à política do mesmo. Pelos idos do século XV, o mesmo veio a ser utilizado como descrição daqueles que se opunham às pretenções da Igreja Galciana". VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1980. p.32.
[135] Ibidem. p.33.
[136] Ibidem. p.372-3.

> [...] no combate aos socialistas e comunistas, caracterizando-os como agitadores dos operários e das classes inferiores que induziam a atos criminosos. Usando de artifícios enganosos, os levavam a praticar toda a sorte de atentados contra a autoridade constituída, os proprietários, o Estado e a Igreja, com promessa de uma vida mais folgada e feliz. Os bispos recomendam ao clero, [...] doutrinar os operários e induzi-los ao cumprimento dos deveres. Com isso, debelariam as sublevações e sedições das classes operárias e populares.[137]

As tensões entre os "socialistas e comunistas" e a Igreja se mostravam presentes, na medida em que caberia ao clero minar a influência destes junto ao operariado, doutrinando os trabalhadores no sentido de torná-los passivos.

A Carta Pastoral de 1915, que tinha como proposta orientar os clérigos, deixava clara a posição do episcopado quanto à relação entre empregados e patrões:

> Appliquem-se, pois, não só os sacerdotes, mas todos quantos se interessam pela causa popular, a inculcar ao povo, principalmente às classes inferiores, o dever de se acautelar contra as sedições, os seus promotores e os especuladores. Para haver paz e felicidade, é mister respeitar os direitos alheios, e guardar as regras da justiça; prestar a justa obediência e serviços devidos aos superiores e patrões, de boa vontade, cada um segundo sua condição. É necessário que os operários se contentem com a vida modesta, cultivem a religião e o temor de Deus; e, nas práticas religiosas, encontrarão certamente as consolações para as asperezas da vida presente.[138]

Era evidente uma pregação de conformismo à idéia de que os cristãos devem sofrer por amor a Cristo, bem como à noção de "que as condições de vida de cada um são traçadas pela divina providência".[139]

O crescimento da influência dos anarquistas coordenando os movimentos dos trabalhadores preocupava o clero. Com o objetivo de combater esta influência, a Igreja

---

[137] MARCHI, Euclides. *A Igreja e a questão social: O discurso e a práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915).* Tese (Doutorado em História), FFLCH/USP, São Paulo, 1989. p.176.
[138] Apud MARCHI, Euclides. Op. cit. p.176. Marchi utiliza a ordem de numeração dos títulos e capítulos das Cartas Pastorais de 1910 e 1915, o que justifica o número após a citação das Cartas.
[139] Ibidem. p.173-4.

propunha a organização dos Centros Operários Católicos, que "obedeciam de forma irrestrita às orientações do clero e do episcopado".[140] Esses centros

> partiam do pressuposto de que o combate aos problemas sociais e a solução da questão social não estava no uso de métodos violentos, nem de movimentos paredistas, mas sim na orientação dada pela Igreja, com as classes sociais se empenhando para dar a melhor solução possível à questão operária. A teoria de que o homem deve aceitar com paciência sua condição rebatia a tese de uma igualdade social e econômica proposta pelos socialistas.[141]

Para além da reação dos clérigos frente à influência anarquista no meio operário, a análise dos artigos publicados pel'*A Lanterna* evidencia outras práticas no sentido de fazer frente a outros grupos anticlericais em diferentes localidades.

Em meados de 1910 *A Lanterna* publicou um debate ocorrido entre a sua redação, grupos espíritas[142] de São José do Rio Pardo representados por *Voltaire* e Credo Negrelli, este também espírita[143] e representante do periódico na cidade de São Roque. Tal debate possibilita ver as reações dos padres em localidades distantes da capital no que se refere a outros grupos sociais que não os anarquistas, mas que tinham suas cartas publicadas n'*A Lanterna*.

---

[140] Ibidem. p.246.
[141] Ibidem. p.246.
[142] Tratando da aproximação entre espíritas e socialistas, Cleusa Beraldi Colombo traz algumas informações que talvez ajudem a entender a presença de grupos espíritas no periódico anarquista *A Lanterna*. Colombo afirma que "algumas idéias dos socialistas cristãos coincidem com as idéias contidas na obra de Kardec, sejam elas a evolução moral, a caridade ou a educação". No que se refere aos socialistas utópicos, há pontos de aproximação com as idéias espíritas, pois "todos esses pensadores sentiram os sofrimentos dos seus semelhantes e queriam encontrar um remédio para abrandar seus males, através de reformas sociais, ora apelando ao aperfeiçoamento moral, ora à vida comunitária (inclusive várias experiências foram tentadas), ora à distribuição das riquezas e igualdade de bens". "Um ponto de discordância entre as duas linhas de pensamento" é que o espiritismo "dilata o horizonte moral para além da matéria". Cf: COLOMBO, Cleusa Beraldi. *História das idéias sociais espíritas*. Dissertação (Mestrado em História), PUC/SP, 1991.
[143] Quando neste estudo os termos *espiritismo* e *espíritas* são utilizados, faz-se referência ao espiritismo ou Kardecismo do século XIX: o sistema filosófico e místico criado por Hypolite León Rivail, ou Allan Kardeck. Esse esclarecimento se faz necessário, pois "O termo *espiritismo* ou *espiritualismo* é usado hoje no Brasil para descrever não apenas o kardecismo, mas também todas as práticas religiosas afro-indígenas, que incluem a invocação dos *espíritos* de parentes mortos, e invocação da presença das divindades africanas e os *espíritos* dos *pais de santo* e *mães de santo*, considerados líderes religiosos notáveis enquanto vivos". Cf.: VIEIRA, David Gueiros. Op. cit. p.54.

Queixava-se *Voltaire* que:

> Os dois Centros Espíritas de S. José do Rio Pardo são compostos de respeitáveis cavalheiros, em número de duzentos, mais ou menos, a maioria chefes de respeitáveis famílias cathólicas, isto é, que frequentam a igreja, e que agora o padre Miguel Martins insiste com as mães e filhas para que frequentem também o confessionário [...], principalmente quando o chefe de família é espírita.[144]

Considerando-se as informações da referida carta, uma das práticas utilizadas pelos padres era buscar, por meio do confessionário, interferir no modo de agir de mães e filhas no sentido de minar a influência das idéias espíritas trazidas pelo pai.

Outra carta publicada pel'*A Lanterna* informava sobre as pregações de um dos membros da comitiva do bispo Epaminondas d'Avita, que visitara a cidade de "Jacarehy" e fizera uma declaração atacando "rudemente a maçonaria [e] condennando os seus membros às penas do *inferno*".[145]

Após buscar traçar o perfil do periódico *A Lanterna* e destacar algumas das culturas de resistência anarquista, cabe procurar distinguir o papel das narrativas publicadas por este periódico na divulgação do ideário libertário.

---

[144] VOLTAIRE. "S. José do Rio Pardo: as asneiras e provocações do padre Martins - Um comício de protesto". *A Lanterna*. São Paulo, 02 de julho de 1910. p.03.
[145] BISTORI. "A Lanterna em Jacarehy". *A Lanterna*. São Paulo, 06 de agosoto de 1910. p.03 (grifos do autor).

CAPÍTULO III - NARRATIVAS À LUZ D'A LANTERNA

Este capítulo procura discutir as características da propaganda anarquista[146] e anticlerical feita por meio das obras de ficção publicadas n'*A Lanterna*, em sua maioria na seção "Folhetim", na sua segunda fase, compreendida entre os anos de 1909 a 1916.

3.1 - ANARQUISMO NA FICÇÃO

> [...] Luta! A luta é a vida, e tanto mais intensa quanto aquella for, mais viva. [...] Luta para permittir que todos vivam esta vida rica e exuberante, e, está seguro de que encontrarás nesta luta gozos tão grandes como não os encontrarias em nenhuma outra atividade.[147]

Ao se discutir a presença da propaganda anarquista e anticlerical nas obras de ficção publicadas n'*A Lanterna*, faz-se necessário realizar algumas observações quanto ao alcance de seu veículo de divulgação, o referido periódico, levando-se em consideração três aspectos: o analfabetismo, muito comum no público brasileiro[148]; o preço dos exemplares, que muitas vezes inviabilizava sua aquisição pelas camadas populares; e o possível desinteresse do público leitor pelo consumo destas publicações.

---

[146] Na análise das características da propaganda anarquista não se busca definir a qual tendência estas se referiam, dado que fugiria ao propósito deste capítulo; o que se procura é mostrar de que forma estas obras de ficção fizeram a propaganda anarquista. Sobre os teóricos das várias tendências anarquistas, ver: BONOMO, Alex Buzeli. *O anarquismo em São Paulo: as razões do declínio (1920-1935).* Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 2007. Ver também: MAGNANI, Silvia Ingrid Lang. *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

[147] KROPOTKINE, Piotr. "O problema social: vivei!" *A Lanterna*. São Paulo, 19 de maio de 1911. p.01.

[148] "No que concerne aos índices de alfabetização no Brasil, de 1872 a 1920, o total de mulheres que sabiam ler e escrever em 1920, ou seja, 20%, era maior do que a de 1872, portanto, houve uma melhoria no quesito alfabetização feminina. Embora as mulheres tenham passado de 11% de alfabetizadas para 20% em 48 anos, e os homens, de 20% para 29% de alfabetizados, no mesmo período, a taxa de alfabetização de ambos aumentou, porém a diferença se manteve em 9%." Cf.: RAGO, Elizabeth Juliska. *Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931).* São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2007. p.110.

Com relação ao analfabetismo, vale ressaltar um costume que se podia notar no início do século XIX: a leitura em voz alta e em grupo, para que todos pudessem ouvir. Tal hábito, de certa forma, contornava os problemas de contato do público iletrado com as obras publicadas nos jornais.[149] Dessa maneira, pode-se dizer que o analfabetismo não pressupunha a não-leitura.[150]

No que se refere aos problemas financeiros que afligiam as camadas populares e inviabilizavam a compra de exemplares, o redator d'*A Lanterna*, para aumentar a circularidade do periódico, sugeria que, depois da leitura, o comprador ou assinante emprestasse a folha ou mesmo a deixasse em bancos, lojas, praças, etc., para que outros a lessem,[151] o que possibilitava o seu acesso a quem não pudesse comprá-la. Faz-se pertinente observar, ainda, que a publicação de obras de ficção nos jornais em partes, quinzenalmente, como era o caso daquelas editadas n'*A Lanterna*, facilitava a sua aquisição por um público que não podia comprá-las em volume único, muitas vezes com um melhor acabamento, o que as tornava mais caras e inacessíveis às pessoas de baixo poder aquisitivo.[152]

A respeito da percepção dos redatores do periódico *A Lanterna* quanto ao provável desinteresse do público leitor em relação a essas obras, "vale registrar o fato de, na época, perceber-se que um romance, por exemplo, poderia ter, entre o público leitor, audiência e repercussão maiores do que um texto rigorosamente sociológico".[153]

Dessa forma, a presença de uma literatura de ficção n'*A Lanterna*, além de fazer propaganda das idéias libertárias e anticlericais, buscava dar um tom mais ameno às pesadas

---

[149] RODRIGUES, Edgar. *Quem tem medo do anarquismo?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1992. p.48.
[150] CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.* Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994. p.25.
[151] "Semear para colher". *A Lanterna*. São Paulo, 22 de março de 1913. p.2.
[152] MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
[153] LUIZETTO, Flávio. "O recurso da ficção: um capítulo da história do anarquismo no Brasil". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.131-49.

críticas feitas ao clero, estratégia freqüentemente utilizada pelas folhas domingueiras[154] e que ajudava a entreter e expandir seu público leitor.[155] Nesse sentido,

> Os conteúdos explicitamente literários, principalmente a linguagem poética na forma de sonetos, emergem como forma privilegiada para amenizar conteúdos considerados mais áridos e desinteressantes das publicações. Colocar um soneto ao lado de um artigo de fundo, usar versos como epígrafe, quadrinhas populares, fazer reclames em poesia, inserir sonetos entre seções mais pesadas são estratégias largamente usadas por essas publicações.[156]

Compondo a parte literária d'*A Lanterna*, as obras de ficção que trataram da propaganda libertária de maneira mais direta foram: *O Jubileu*, de Avelino Fóscolo[157]; *O "Asno" na Lua: fantasia inverossímil*, de Goliardo e Ratalanga, possíveis pseudônimos; e *O Evangelho da Hora*: *fantasia nascida nestas solidões lúgubres (sertão de Goyas)*, de Paulo Berthelot[158]. Tais obras foram publicadas, respectivamente, entre outubro de 1909 e junho de 1910, entre outubro de 1909 e março de 1910 e na edição comemorativa do Primeiro de Maio de 1916. A análise destas obras de ficção possibilita perceber a influência das idéias

---

[154] As folhas domingueiras são definidas como "um amplo espectro de periódicos publicados mais regularmente desde os anos 80 do século XIX e que vão desde as pequenas revistas literárias e culturais editadas por associações e grupos diversos, na forma muito próxima das revistas literárias editadas por estudantes da Faculdade de Direito no século XIX; passam pelas inúmeras pequenas revistas e folhas de artes, modas, costumes, humor, esportes, reclame, editadas por grupos culturais, clubes, grupos editores em formação, casas comerciais; e chegam até as já bem estruturadas revistas ilustradas e de variedades do final dos anos 10". CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915.* São Paulo: EDUC; Fapesp; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial - SP, 2000. p.94.

[155] Ibidem. p.108.

[156] Ibidem. p.109.

[157] Avelino Fóscolo, nascido em Sabará no ano de 1864, teve participação no teatro, escreveu vários romances, entre eles "O Jubileu" e "No circo", publicados respectivamente em 1909 e 1913 n'*A Lanterna*, faleceu em Belo Horizonte em 29 de agosto de 1944. Sobre Avelino Fóscolo, ver: MALARD, Letícia. *Hoje tem espetáculo: Avelino Fóscolo e seu romance*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ PROED, 1987. Ver também: RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros.* Vol.1. Rio de Janeiro: VJR, 1994. p.61-3.

[158] "Paul Berthelot (1880-1910) [...] procurou estabelecer uma comunidade anarquista a partir da observação direta de como viviam alguns dos grupos indígenas [...] faleceu no interior de Goiás ao adquirir enfermidades endêmicas." NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Política), PUC/SP, 2006. p.59. Edgard Leuenroth referiu-se a Berthelot da seguinte forma: "Marcelo Verema, de pseudônimo, anarquista nascido na França, que aqui aportou com notável bagagem de cultura, depois de uma peregrinação por vários países, foi morrer nos sertões de Goiás, numa tentativa de convivência comunitária com os índios. Referia-se com carinho ao meio acolhedor do anarquismo no Brasil. Deixou-nos como valiosa lembrança o *Evangelho da Hora*, jóia da literatura anárquica." LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo, roteiro de libertação social: antologia de doutrina, crítica-história-informações*. São Paulo: CCS-SP/ Achiamé, 2007. p.113.

anarquistas em sua composição e a intenção dos autores de divulgarem este pensamento mediante suas obras.

Portanto, nos anos iniciais da sua segunda fase, era por meio do conto *O "Asno" na Lua*, publicado nas terceiras páginas, e do romance *O Jubileu*, publicado nas quartas páginas, que *A Lanterna* fazia propaganda do ideário anarquista. No conto *O "Asno" na Lua*, o enredo se desenvolvia a partir de um passeio de balão, durante o qual Goliardo e Ratalanga – redatores do jornal "O Asno" –, juntamente com um comendador chamado Ventresca, um representante da imprensa católica, um redator d'*O Observador Romano*, o cônego Sottogola e o inventor do balão, o militar capitão Petardo, faziam uma inesperada e acidental viagem à Lua.

O autor colocava em diálogo, por intermédio da trama, dois anarquistas, representados pelos redatores do jornal "O Asno", um membro das classes dominantes, representado pelo personagem Ventresca, dois adeptos do catolicismo e um militar, possibilitando o direcionamento da crítica anarquista a três pontos: o sistema capitalista, a Igreja e o militarismo.[159] Goliardo, personagem-narrador da trama, e os outros ocupantes do balão encontravam na Lua uma civilização harmônica, tida como avançada, em que podiam ser observadas características que a aproximavam da sociedade anarquista idealizada e defendida pelos redatores do periódico *A Lanterna*: "Nós, da Lua, somos vossos immediatos successores, somos um grau só superior a vós na escala da evolução geral: mas existem outros astros mais desenvolvidos ainda que o nosso."

Ao tratar dessa inesperada visita de seus personagens à Lua, o autor distinguiu, em pólos opostos, dois tipos de sociedade: a terrestre, formada por seres primitivos e atrasados tanto tecnológica quanto moralmente, e a sociedade lunar, considerada harmônica e adiantada, composta por pessoas superiores e em que reinava a "liberdade e a igualdade". O modelo de

[159] Sobre as críticas anarquistas ao sistema capitalista, a Igreja e o militarismo, ver: KROPOTKINE, Piotr. *A questão social: humanismo libertário e a ciência moderna.* Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d. Ver também: WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

"sociedade adiantada" sugerida e divulgada no conto era a sociedade socialista de tendência anarquista, que não conhecia a figura de Deus[160], tampouco as leis e os poderes coercitivos.

Como expressão da harmonia da sociedade lunar, na relação entre os casais o autor fazia propaganda do amor livre[161]: "Aqui é livre o amor, [ilegível], não é vergonha o amplexo genital: O direito de amar é sempre igual. Para ambos os sexos [ilegível] Nem a prostituição torpe o acompanha e que torna o homem mais animal do que todo animal imaginado."

Criticando o casamento baseado apenas em aspectos materiais[162], completava a explicação: "A união material é de um instante, a união intelectual é o amor! A primeira sem o amor é prostituição e isso pertence à selvagem Terra, não à civilizada Lua."

Ainda da Lua o personagem comendador Ventresca observou, através de uma espécie de telescópio, um funcionário de sua fábrica na Terra incitando a tomada dos meios de produção pelos produtores e a fundação de cooperativas como forma de organizar a produção dos bens necessários à sobrevivência, idéia presente no pensamento anarquista.

> - Sim trabalhadores! A obra da emancipação proletária está prestes a soar! A nossa nova cooperativa demonstrará aos proprietários que, se o capital nada pode fazer sem o trabalho, o trabalho pode tudo fazer.
> - Também na terra – disse um astrônomo lunar – começam agora a despertar.

---

[160] O conto "O 'Asno' na Lua" apresentou uma sociedade futura, a sociedade anarquista, que não conhecia a figura de Deus. No entanto, o anarquista Tolstoi pregava uma sociedade futura baseada nas interpretações que fazia dos ensinamentos de Cristo, sem a Igreja, o Estado, o militarismo e poderes coercitivos. Sobre Leon Nicolaievitch Tolstoi, ver: TOLSTOI, Leon. *O reino de Deus está em voz*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. Ver também: ZWEIG, Stefan. *O pensamento vivo de Tolstoi*. São Paulo: Martins/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. Em homenagem póstuma feita pelos redatores d'*A Lanterna* a Leon Tolstoi, este foi tido como "um dos raros que merecem veneração", considerado um anarquista "só diferindo destes na ação". *A Lanterna*. São Paulo, 26 de novembro de 1910. p.02.

[161] O "amor livre" foi assim comentado pelo anarquista Mikail Bakunin: "Abolindo o matrimônio regulamentado, restituímos a vida, a realidade, a moralidade ao matrimônio natural, unicamente fundado sobre o respeito humano e a liberdade dos dois indivíduos homem e mulher, que se amam; e de que, reconhecendo a cada uma a liberdade de se separar do outro quando quiser, sem necessidade de pedir licença seja a quem for, negando igualmente a necessidade dessa licença para se unirem os dois, e repelindo em geral toda intervenção de qualquer autoridade em sua união." Apud LEUENROTH, Edgard. Op. cit. p.55-6.

[162] O casamento praticado nos moldes das elites foi visto pelos anarquistas como sendo feito por "conveniências econômicas e sociais". PRACCHIA, Lygia. "Os caminhos da emancipação feminina". *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. n.11. São Paulo, novembro de 1999. p.58-69.

O conto ensinava que a emancipação dos trabalhadores seria feita por eles mesmos,[163] nas fábricas, quando despertassem e percebessem a exploração pela qual passavam[164], sendo o socialismo com tendências libertárias o modelo ideal de sociedade futura.

Em consonância com o aspecto pedagógico da obra, o autor dava um exemplo de como seriam tratadas as condutas desviantes dos cidadãos na sociedade lunar. No conto, o capitão Petardo, ao agredir um cientista lunar, por conta das observações que este havia feito sobre os moradores da Terra, não sofria punições, sendo conduzido a um manicômio, onde se via, na descrição feita pelo autor, uma "immensa campina semeada de bosques, de bosquezinhos, de jardins e de alguns grandes edifícios sem recinto externo", edifícios estes que abrigavam um teatro e um salão de concertos.

Nesse local não se aplicaria pena de reclusão nem de punição ao desviado. Nele os "delinqüentes occasionaes cujas faculdades – passado o accesso momentâneo – tinham retomado o equilíbrio" assistiam a concertos, sendo uns observados outros vigiados. Este tipo de tratamento para desvios sociais se aproximava da proposta de sociedade pensada pelo anarco-comunista Kropotkin, cujas idéias tiveram forte influência nos meios libertários de São Paulo.

---

[163] Esteve presente no pensamento anarquista a idéia de que "cada indivíduo ou povo, considerado como um agregado de indivíduos soberanos, [faria] sua escolha no sentido de integrar um sindicato, participar de uma greve ou de um movimento insurrecional. A 'ação direta' vincula-se ao princípio de que as transformações sociais só são possíveis através de órgãos não coercitivos, expressando a decisão individual de seus membros". FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920).* São Paulo: DIFEL, 1986. p.63.

[164] Muitos anarquistas davam uma atenção especial à educação, pois acreditavam que a implantação da sociedade libertária passava por uma nova educação, e "para tornar o indivíduo realmente livre seria necessária uma formação completa, não sectária, e, frontalmente oposta à educação oficial vista como autoritária domesticadora e ligada aos interesses capitalistas". FREGONI, Olga Regina. *Educação e resistência anarquista em São Paulo: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945).* Dissertação (Mestrado em Educação), PUC/SP, 2007. p.26.

Dessa forma, para os indivíduos "cujas paixões poder[iam] ocasionalmente levá-los a praticar certos atos de caráter anti-social", a morte ou a prisão não seria a melhor solução, e sim "a liberdade e os cuidados fraternos".[165]

As idéias anarquistas também foram divulgadas por meio do conto *O Evangelho da Hora*, do anarquista francês Paulo Berthelot, publicado em dez capítulos n'*A Lanterna*, mais especificamente na primeira e segunda páginas da edição comemorativa do Primeiro de Maio de 1916, como já indicado. Seu personagem principal era uma espécie de Messias que, nas cidades, aldeias e campos, pregava o evangelho da anarquia e instruía os trabalhadores sobre as atitudes práticas que deveriam ser tomadas quando chegasse o momento em que se implantaria a "Sociedade Futura".

O título da obra, *O Evangelho da Hora*, e o personagem principal, um messias que saía pregando pelos campos e cidades anunciando novos tempos, sugeriam ao leitor semelhanças com a figura bíblica de Jesus Cristo, que, por pregar novas idéias, foi morto por seus opositores, assim como o personagem protagonista d'*O Evangelho da Hora*.

> Como o próprio título indica[va] trata[va]-se de um escrito elaborado num estilo bíblico. Disposto em capítulos e versículos tal qual os livros da bíblia. Sua linguagem [era] toda em tom profético. Os diálogos e as situações remet[iam] à forma das escrituras sagradas dos cristãos. O autor usou uma linguagem poética e metafórica a fim de ilustrar diversas colocações [e] lançou mão de parábolas para ilustrar suas sentenças.[166]

---

[165] KROPOTKIN, Peter. "O crime no mundo livre". In: WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas.* Porto Alegre: L&PM Editores, 1998. p.348-50. Kropotkin afirmava ainda que, se fosse assegurado "a cada criança o direito a uma educação sólida, tanto no que se refere ao trabalho manual quanto aos conhecimentos científicos, para que nos seus primeiros 20 anos de vida [...] [pudesse] adquirir o conhecimento e o hábito do trabalho [...] não precisar[-se-ia] mais de masmorras, prisões, juizes e carrascos". O anarco-comunista Malatesta afirmava que não se poderia confundir "o direito sagrado da defesa com o pretenso e absurdo direito de punir", devendo-se ver em quem comete atos anti-sociais "um irmão doente, necessitando de cuidados", devendo-se pensar "não em nos vingar, mas em curar e reconquistar os infelizes". MALATESTA, Errico. *A Anarquia*. São Paulo: Imaginário, 2001. p.66-7.

[166] NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. Op. cit. p.338.

Anunciando a hora que estava perto de chegar, o personagem afirmava: "Aquele que marca a Hora vem atrás de mim – é maior do que eu, é mais forte do que eu. Povo é o seu nome – e neste momento está dormindo."[167]

Assim como no conto *O "Asno" na Lua*, o autor Paulo Berthelot, por meio do personagem Messias, anunciava que a obra de redenção seria feita pelas mãos dos próprios trabalhadores, porém fazia-se necessário que estes despertassem e estivessem prontos para a hora, que estava prestes a chegar. Dessa forma, o autor, em consonância com o ideário anarquista, ensinava que a obra de emancipação seria feita por intermédio de atitudes individuais, já que cada um, quando chegasse a hora, daria sua contribuição para as mudanças sociais, sem delegar poderes a quem quer que fosse.

Mediante a alegoria de um grande rio represado, o autor informava como se daria a implantação da sociedade que viria:

> A Sociedade Futura é ainda semelhante a um grande rio – quando depois das chuvas começa a ingrossar. As árvores e os cipós das insua começam obstruem-lhe [sic] o curso – e a areia forma-lhe barragens através do leito. Então as águas acumulam-se por trás desse estorvo que a detém – e parece que o rio deixa de correr. Mas subitamente desaba esse dique, partem-se as árvores e a areia dispersa-se e as águas precipitam-se com impetuosa violência. E esta violência é necessária porque o rio não pode deixar de correr – e baldada tentativa é deter a corrente caudalosa.

O autor afirmava que essa nova sociedade viria naturalmente, "porque o rio não pode deixar de correr". A aparente imobilidade nada mais era do que os descontentamentos sendo represados, e a violência uma conseqüência dessa tentativa inútil de deter o curso das coisas.

Por meio das pregações do personagem Messias, o autor divulgava aspectos da idealizada sociedade futura que faziam referência ao comunismo libertário, em que se percebia a atenção dada à máxima: "De cada um segundo suas possibilidades, a cada um

---

[167] As palavras em letras maiúsculas e a grafia correspondem ao original.

segundo suas necessidades."[168] O autor possibilitou esta leitura quando o personagem identificado como um Messias, ao ser questionado sobre como se daria a divisão dos bens produzidos na sociedade que viria, informou: "E dai a cada um aquilo de que ele precisa, tanto quanto for possível – sem medir o que ele pode fornecer. [...] Porque nesse tempo nada pertencerá a este ou àquele mas tudo pertencerá a todos."

Ao ser interrogado por operários de uma fábrica sobre como deveriam proceder quando chegasse a hora anunciada, o personagem Messias deu os detalhes de como seria a sociedade vindoura, explicando como se daria a organização da produção dos bens necessários à sobrevivência:

> Cada um escolherá o seu lugar segundo suas forças e aptidões – pois que o nome de parasita será detestado. [...] devereis saber aquilo de que tendes necessidade – de entre as coisas que vem dos campos. E aquilo de que necessitam os homens do campo – de entre as coisas que fabricais. Para que nem a uns nem a outros falte o necessário – mas vivam todos felizes em boa harmonia.

O autor da obra, por meio do personagem identificado como um Messias, buscava informar ao leitor os detalhes do funcionamento de tal sistema de trocas, evidenciando, assim, o caráter didático da obra. Mediante a fala do personagem Messias em suas andanças para divulgar a nova sociedade, o autor ensinou: "Escrevereis aos da cidade: - A nossa aldeia pode dispor de tanto trigo e tanto azeite. Mas necessitamos disto e daquilo – do que dareis relação."

A sociedade vindoura, de acordo com o conto, não teria o sistema de salários, nem a venda ou o aluguel de coisas, e cada produtor escolheria livremente o trabalho com que

---

[168] Segundo os "comunistas libertários" da escola de Kropotkine, Malatesta, Elisée Reclus e Carlo Cafiero, era "mister colocar as necessidades acima dos serviços. Todos os produtos devidos ao trabalho de todos devem pertencer a todos e cada um deve tomar livremente a sua parte". GUERIN, Daniel. *O anarquismo: da doutrina à ação.* Rio de Janeiro: Germinal, 1968. p.56-7.

tivesse mais afinidade, em consonância com a organização da sociedade em comunas livres sugerida por algumas tendências anarquistas.[169]

A Lanterna publicou ainda o romance *O Jubileu*, do escritor mineiro Avelino Fóscolo, que unia uma forte crítica anticlerical com a propaganda do ideário anarquista. Por várias vezes Avelino foi à festa do Jubileu de Congonhas do Campo na intenção de escrever este romance[170], que acompanhou as publicações d'*A Lanterna* de outubro de 1909 até junho de 1910.

O personagem central da trama, o pintor Chagas, no intuito primeiro de conhecer as obras de Aleijadinho, visitou a festa religiosa do santuário do Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo, e percebeu nesta o uso que se fazia da religião como forma de ganhar dinheiro. Assim, Chagas "vê no capital a fonte da romaria com todas as suas mazelas" e sonha com "a morte do capital e a destruição da propriedade",[171] acabando por se transformar num novo homem e passando a pregar o fim das desigualdades sociais.

> Fóscolo aproveita o inconformismo da personagem-chave da narrativa para propagar três dos mais importantes traços distintivos do anarquismo comunista, ou seja, o princípio da ajuda mútua, o problema da distribuição da riqueza, produzida de acordo com as necessidades e não segundo o trabalho, e a idéia da necessidade de o movimento contar com uma base social ampla.[172]

Por intermédio do personagem Chagas, o autor fez propaganda do anarquismo, aproximando-se das idéias defendidas por Kropotkin:

---

[169] Segundo George Woodcock: "A Comuna, em si, seria a conjunção de todas as agrupações e individualidades da região ou localidade; e nela, mediante a formação de conselhos adequados às próprias circunstâncias, se procuraria encontrar todas as formas de harmonização entre as diversas atividades cujo conjunto forma a vida social completa do indivíduo." Apud LEUENROTH, Edgard. Op. cit. p.28.
[170] MALARD, Letícia. Op. cit. p.93.
[171] Ibidem. p.119.
[172] LUIZETTO, Flavio. Op. cit. p.146.

> - Para nos libertarmos de todo era preciso realizar o meu sonho: agremiar homens de boa vontade num centro onde o auxílio mútuo permitisse a cada um gozar não em acordo com as suas forças, mas com as necessidades. Era mister uma associação onde não houvesse caserna, taverna e igreja. É a reforma libertária que há de conduzir a humanidade a um paraíso de onde não será expulsa jamais.
> - Onde encontrarás consórcios?
> - Há em todas as classes fermento da desilusão. Muitos homens, sentindo podre o velho tablado em que pisam, aspiram a um cenário mais vasto onde se desenrole a solidariedade humana. Entre estes elementos, germens de reforma, procuraremos constituir o núcleo de onde se irradiará a sociedade futura.

As obras de ficção supracomentadas foram as que de forma mais direta fizeram propaganda do ideário anarquista. Porém, outros contos e romances também publicados n'*A Lanterna* reforçavam valores da sociedade que os anarquistas combatiam, revelando práticas e escolhas dos militantes do periódico, possivelmente nem sempre percebidas por estes, e conduzindo a uma reflexão sobre os limites e meios possíveis de se fazer a propaganda libertária, muito ligados à cena em que viviam estes militantes.

Entre as obras de ficção que reforçavam os valores das classes dominantes e da sociedade que os anarquistas contestavam[173] estava o romance *A Cruz de Cedro*, de Antonio Joaquim da Rosa.[174] Há de se frisar que, no decorrer dessa obra, o autor fez referência a Charles Fourier[175] e Pierre-Joseph Proudhon,[176] porém sem maiores aprofundamentos, que poderiam atribuir a ele a intenção de, por meio da obra, fazer a propaganda de tendência anarquista de forma mais específica.

---

[173] A questão da divulgação de valores condizentes com os das classes dominantes será mais bem analisada no capítulo 4 desta dissertação, que discutirá os modelos de masculino e feminino divulgados pelas obras de ficção publicadas n'*A Lanterna*.

[174] Há divergências quanto à data de nascimento e morte de Antonio Joaquim da Rosa. A redação do *Correio Paulistano* informa o seu nascimento como sendo em São Roque no ano de 1815 e sua morte naquela mesma localidade em 1887. Cf.: "A Cruz de Cedro". *Correio Paulistano*. São Paulo, 21 de agosto de 1900. p.01. Uma vez que se percebeu que havia divergências entre jornais daquela época quanto a algumas informações prestadas, neste estudo optou-se pelas informações dadas sobre o autor por: MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas.* São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954.

[175] Sobre François Charles Fourier (1772-1837), ver considerações em: KROPOTKINE, Piotr. Op. cit., s/d.

[176] Sobre o pensamento de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), ver: MOTTA, Fernando C. Prestes. *Burocracia e autogestão: a proposta de Proudhon.* São Paulo: Brasiliense, 1981. O que pode ter chamado a atenção do autor para Proudhon talvez tenha sido seu "ferrenho anticlericalismo". Cf.: COSTA, Caio Túlio Vieira. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p.23.

Assim, no início da trama, o autor, ao tratar de um costume que se observava em São Roque – cidade cujos habitantes estavam habituados a depositar moedas em cofres no pé das cruzes que ficavam à beira das estradas –, se referiu ao comunismo da seguinte forma:

> O ladrão, que não hesitava commetter attentado contra a pessoa ou propriedade para estabelecer o equilíbrio do communismo conforme as theorias de Fourier e de Proudhon, passava de fronte dessas cruzes e não ousava violar o dinheiro sagrado que se encerrava nesses cofres.

Na obra *No Circo* o autor Avelino Fóscolo criticava as práticas comerciais e a ganância da chamada "sociedade burguesa", porém não se referia especificamente à sociedade anarquista, reportando-se apenas à questão do amor-livre e, por meio do personagem/narrador Chagas, ao anseio por uma sociedade "livre" e "fraterna".

Num conto curto de E. Pi Y Arsuaga intitulado *Nobreza, Sciencia e Povo*, publicado em 1913, o autor colocava nobres, sábios, um pastor, um lavrador e um moleiro em pé de igualdade, mas também não fazia referência mais diretamente a uma sociedade igualitária.

Foi por meio de algumas dessas obras supracitadas que os redatores d'*A Lanterna* fizeram, de forma mais direta, a propaganda do anarquismo. Cabe, então, destacar um tema marcante nas obras publicadas por este periódico e que, aliás, era sua especialidade: o anticlericalismo.

3.2 - "JESUITISMO AGUDO: CURA-SE COM DUCHAS DA LANTERNA"

> Se neste tempo Deus voltasse ao mundo
> Revendo os dogmas que deixara outr'ora
> E se voltasse – num rigor profundo
> Humanizando o proceder d'agora
>
> Iria inspecionar [ilegível] a fundo
> O clero - onde acharia sem demora
> Num lodaçal de hyprocrisia [ilegível]
> O Mandamento seu que tudo enflóra.
> [...][177]

A parte literária d'*A Lanterna*, composta por poemas, versos, crônicas, contos e romances, ordinariamente, continha críticas anticlericais, uma especialidade do periódico. Entre os contos e romances publicados na referida seção e com conteúdo anticlerical, podem-se citar: *O Jubileu*, do escritor Avelino Fóscolo; *Uma Greve no Céo* e *Incesto*, de Viriato Correia; *Vozes do Ceo*, de Motta Assunção; *O "Asno" na Lua*, de Goliardo e Ratalanga; *A Cruz de Cedro*, de Antonio Joaquim da Rosa; *O Batizado*, de Octávio Mirbeau; *Nole Me Tangere*, de José Rizal; *Para o senhor padre!*, de Fialho de Almeida; e *Cavaleiro de La Barre*, de Michel Zevaco. Pequenos contos ocupando uma única publicação entre agosto e outubro de 1913: *O Jejum*, de Emilio Zola; *Nobreza, sciencia e povo*, de E. Pi y Arsuaga; *O enlace de Jorge*, de L. de Saumanes; *O espantalho*, de M. C. Poinsot; *A ferradura*, de Gaetan Herhovel; *O diabo*, de Guy de Maupassant; *O pastor*, de Renato Brochon; *A salvação*, de Manuel Devaldes; e *O milagre*, sem autoria declarada. E ainda o romance *Os Comuneiros*, de Carlos Malato; e, fazendo propaganda anticlerical de maneira menos específica, *O Evangelho da Hora*, de Paulo Berthelot.

---

[177] LEAL, Victor. "Se elle voltasse!..." *A Lanterna*. São Paulo, 22 de abril de 1911. p.03.

Assim, *A Lanterna* publicou em suas páginas uma variada literatura anticlerical, divulgando obras que muitas vezes eram oferecidas à venda em volume único. Dessa forma, pode-se afirmar que os redatores do periódico contribuíram para a difusão desse tipo de literatura.

O conto *O "Asno" na Lua*, além de fazer propaganda do anarquismo, criticava a religiosidade dos habitantes da Terra e a influência da Igreja Católica sobre os aspectos morais da sociedade: "- Todos os phenômenos moraes da espécie primitiva pode reunir-se em uma palavra, a religiosidade." Buscando dar uma explicação mais racional à religiosidade, o personagem Pensamento, habitante lunar, assim se referiu a essa característica dos moradores da Terra, que eram vistos como estando um grau abaixo da evolução em relação aos moradores da Lua: "A religiosidade tem sua origem no medo: e, pois, achamos que o animal, como o homem, tem medo de todos os phenomenos que não conseguem explicar."

Questionado se não haveria esperança de redenção para o modo de pensar dos habitantes da Terra, Pensamento respondeu: "- Emquanto vós girardes entre os muros do vosso cárcere espiritual, sem abrir a porta, nunca. [...] - Lembrai-vos a chave do vosso cárcere ella esta nas mãos dos padres!" Dessa forma, o conto ensinava que a emancipação do pensamento dos moradores da Terra só seria possível se acabasse a influência dos padres na vida das pessoas, idéia defendida também nos artigos do periódico *A Lanterna*.

Outro conto curto que fazia propaganda do anticlericalismo tinha como enredo o batizado da filha moribunda do personagem Luiz Morin, uma espécie de caseiro de poucas posses, pelo vigário da paróquia de Sant'Anna d'Auray. Intitulado *O Baptizado* e escrito por Octavio Mirbeau, ocupou uma única publicação d'*A Lanterna*, em 04 de fevereiro de 1911. Em sua crítica anticlerical, tratou do engodo do personagem vigário para conseguir cobrar o batizado de um de seus paroquianos, o caseiro Luiz Morin. Essa crítica ao clericalismo que

relacionava a prática do sacerdócio à obtenção de vantagens pecuniárias esteve bastante presente nos artigos do periódico *A Lanterna*, assim como em outras narrativas.

A obra *O Jubileu*, de Avelino Fóscolo, também tinha como foco o uso que os clérigos faziam das práticas religiosas para a obtenção de vantagens financeiras. Por meio de seu romance, Avelino criticou o uso comercial – referindo-se principalmente aos padres – que, segundo ele, se fazia da festa religiosa de Congonhas do Campo, em Minas Gerais. No romance, o anticlericalismo esteve presente principalmente nas falas do personagem Chagas, em sua visita à festa do Jubileu de Congonhas do Campo.

Assim, na romaria religiosa, Chagas se deparou com a venda de relíquias, o jogo, a prostituição, e duvidou que a mísera porção de leprosos, cegos e mendigos que dela participavam tinha realmente o que ele chamava de "verdadeira fé".

> Vira no lodaçal de vícios que é o Jubileu a prostituição, a jogatina, a gatunagem, tudo quanto há de baixo e vil alimentado com amor pelo chefe supremo da romaria [o vigário], porque esses crimes representavam alguns contos chovendo no Santuário.

Fóscolo denunciava que a festa mais parecia um grande comércio, ressaltando, então, que o vigário dava prioridade ao ganho de dinheiro, não se importando com as práticas condenadas pela Igreja Católica, como a prostituição e o jogo. Conforme evidenciava o conto, em primeiro lugar estavam as vantagens financeiras que o Jubileu trazia, ficando os dogmas religiosos em segundo plano, uma crítica recorrente dos grupos anticlericais.

No decorrer do enredo do romance, Chagas se deparou com a atitude autoritária do vigário-chefe da romaria ao expulsar brutalmente um cego do Santuário. Esta cena possibilitava perceber a crítica anticlerical do autor, presente na fala do personagem, com relação à romaria, quando afirmava:

> Se as idéias de Christo imperassem ali, se a romaria não fosse uma grande feira da prostituição, de fanatismo e de jogo [...] se houvesse ali um discípulo do Nazareno, um só, chamaria o desgraçado a quem a ignorância precipitara no abysmo da depravação e abrir-lhe-ia os olhos na fonte do bem.

Nesse sentido, continuava: "Se o Christo volvesse à Terra, reformaria quiçá a religião, que se diz instituída por ele." Os pensamentos do personagem sobre a religião, "[...] o acréscimo das explicações racionais que dá aos companheiros de viagem sobre os milagres e o dogmatismo durante o Jubileu fazem do Chagas um anarquista tolstoiano pelo lado da religiosidade".[178]

Embora fosse cético com relação aos dogmas e milagres e crítico do fanatismo visto no Jubileu, da atitude dos padres no templo e do que ele considerava a enganação dos fanáticos, o personagem Chagas não negava a existência de Deus, referindo-se apenas ao mau uso que se fazia da figura de Cristo.

Entre dezembro de 1909 e janeiro de 1910, *A Lanterna* publicou, na página dois, um pequeno conto de Motta Assunção com o título *Vozes do Céu*.[179] Nesse momento pôde-se perceber a importância dada pelos redatores do periódico à crítica anticlerical feita mediante a literatura, pois foram publicados conjuntamente, além de versos e crônicas que sempre acompanharam as publicações, três obras, *O Jubileu*, *O "Asno" na Lua* e *Vozes do Céu*. Esta última trouxe como mensagens anticlericais a denúncia do uso do confessionário pelos clérigos como forma de se tornarem informados sobre a vida das pessoas e a acusação sobre a utilização dessas informações em proveito próprio.

A trama tinha como personagens o vigário de uma localidade próxima a Angra dos Reis, o sacristão Lucas, uma viúva chamada Magdala e o pedreiro João das Rendas, vizinho da viúva Magdala. A crítica anticlerical foi feita pelo autor quando o personagem vigário fez

---

[178] MALARD, Letícia. Op. cit. p.119.
[179] O conto "Vozes do Céu", de Motta Assunção, não foi analisado em sua totalidade, por não ter sido possível localizar as publicações d'*A Lanterna* que o trouxeram.

uso de informações obtidas no confessionário para ter relações sexuais com a viúva Magdala, se fazendo passar pelo personagem bíblico Jesus Cristo.

O autor, num tom profano, buscou na trama colocar em dúvida a abstinência sexual das figuras bíblicas, como Maria, a mãe de Jesus, e o próprio Jesus, indo contra os ensinamentos da Igreja Católica, que pregava a castidade dos santos. No conto, Motta Assunção, por meio de seus personagens, fez referência ao possível romance entre Jesus Cristo e Magdala (Madalena), lembrando dessa recorrente crítica anticlerical, que tinha como objetivo despir do caráter de sacralidade os santos e personagens bíblicos. Atribuir a estes algo tido como natural dos seres humanos era a melhor maneira de atingir esse objetivo.

O vigário, alvo também dessa tentativa de dessacralização, foi caracterizado como fumante e não-praticante do celibato, práticas não condizentes com a figura esperada de um padre pela Igreja Católica.

Outro autor que teve seus contos utilizados como meio de combate ao clericalismo foi Viriato Correia. Dois pequenos contos de sua autoria – *Incesto* e *Uma Greve no Céo* – ganharam espaço nas páginas do periódico, estampando, em média, de três a quatro publicações d'*A Lanterna*.

O conto *Incesto*, publicado em fevereiro de 1911, na quarta página, buscou trazer a público as angústias sentidas pelos padres ao lidarem com sua sensualidade, tratando das suas culpas e de seus desejos de desfrutarem os prazeres mundanos, principalmente as práticas sexuais. Ao contar a história de um padre de vinte e oito anos que velava os últimos momentos de vida de sua irmã e desejava praticar incesto, o autor trouxe à tona a discussão sobre o celibato clerical e os problemas sexuais que os críticos anticlericais diziam que este causava.

> E sentia vontade de avançar para ella, gozá-la febricitante, rude, aspirando-lhe o cheiro doentio dos lábios quentes e apertar-lhe o corpo cadavérico, num abraço de serpente, luxurioso, longo...: Espantara-lhe, coberto de pejo, pallido de terror, pela idealização que lhe incendiava o cérebro. A sua irmã!... Virgem mãi, que horror!

O que marca este conto é o fato de o autor ter buscado discutir o celibato tendo como base os sentimentos do padre, colocando-o como personagem principal e analisando, em terceira pessoa, seus pensamentos e inquietações. Nesta história, assim como nas narrativas *Cavaleiro de La Barre* e *A Cruz de Cedro*, analisada mais adiante, o autor buscava, como estratégia, alertar os possíveis candidatos à carreira sacerdotal sobre os sofrimentos inerentes a ela, tendo na dor das recusas e privações o seu principal fator de convencimento.

Já o conto *Uma Greve no Céo*, também do autor Viriato Correia, publicado na segunda página d'*A Lanterna*, no segundo semestre de 1910, tratou de forma profana de uma intriga ocorrida entre São Pedro, o porteiro do céu, e São José, o santo carpinteiro, por conta da entrada de um devoto deste no céu. São José decide partir, e todos os moradores celestiais resolvem acompanhá-lo. Deus, então, chama José para um acordo: caso reconsiderasse sua decisão, a partir daquele dia, todos os seus devotos poderiam entrar no céu sem julgamento.

O conto buscou, assim como outros, dessacralizar as figuras bíblicas e colocar em dúvida os dogmas da Igreja, ao atribuir a permissão da entrada no céu a um acordo entre Deus e José, e não à obediência aos ensinamentos pregados pela Igreja Católica.

Destarte, verifica-se que foi fustigando a imagem de santos e clérigos e utilizando a estratégia de gerar dúvidas que boa parte da crítica anticlerical das narrativas literárias publicadas n'*A Lanterna* foi construída.

Compondo ainda a crítica anticlerical d'*A Lanterna*, no segundo semestre de 1910 foram publicados, em partes, os vinte capítulos do romance *A Cruz de Cedro*, de Antonio Joaquim da Rosa. Nesse romance esteve presente a crítica a uma prática bastante contestada pelos grupos anticlericais: a confissão por parte dos fiéis. Foram as informações obtidas a

partir da confissão do personagem central da trama, Augusto de Lara, ao padre Gaspar do Santo Sepulcro que deram início ao desenvolvimento de todo o enredo da narrativa.

Fazendo uso das informações obtidas pela confissão de Augusto de Lara e aproveitando-se da confiança que as pessoas depositavam em sua figura, o padre Gaspar conseguiu raptar Julia – a amada de Augusto – e trancafiá-la no porão do colégio jesuíta de Piratininga no intuito de estuprá-la. O autor da trama objetivava denunciar o poder que tinham os padres sobre seus confessores. Nesse sentido, em determinado momento do enredo, quando Augusto de Lara disse ter sido Julia prometida pelo seu pai, André de Góes, ao capitão Gonçalo Castanho Taques, o padre Gaspar afirmou:

> Não sabeis que sou o confessor do capitão André? Que exerço grande e ilimitada ascendência sobre o seu espírito? Que muitas vezes tenho feito dobrar a sua vontade de ferro? Que posso fulminá-lo com os raios da excomunhão? [...] levá-lo à barra da Inquisição do Santo Ofício da Bahia?

Assim, o autor do romance buscava alertar que a confissão era o momento em que os padres manipulavam seus confessores, bem como que faziam uso dessa relação de confiança para exercerem seu poder sobre as pessoas. E, ainda, que os clérigos tinham plena noção desse poder e utilizavam para reforçá-lo a ameaça de excomunhão e de inquisição.

O personagem Augusto de Lara, embora tivesse concluído com "constante aplicação" os estudos primários e o secundário, falasse as línguas "latina, hespanhola e francesa" e ainda fosse conhecedor da "philosophia", tendo livros à disposição com os quais passava "horas inteiras engolfado na leitura", não foi capaz de antever as maquinações do padre Gaspar e os seus planos para raptar sua amada. O problema encontrava-se no tipo de estudo ministrado nos colégios sob influência dos padres da Igreja Católica, já que Augusto estudara em instituições com esse perfil.

No romance, Augusto de Lara mostrava saber bem dos desvios cometidos pelos clérigos em relação ao que pregavam, porém confiou seus segredos a um padre no momento da confissão, o que fez com que perdesse sua amada e depois a própria vida, sugerindo que aqueles que confiavam seus segredos a um padre estavam sujeitos a ter um fim trágico.

Outro romance que acompanhou as publicações d'*A Lanterna* e ajudou a compor a crítica anticlerical do periódico, logo depois de encerrado o romance *A Cruz de Cedro* (final de 1910), foi *Nole Me Tangere: o paiz dos frades*, obra escrita por José Rizal.[180] Os redatores d'*A Lanterna* justificaram da seguinte forma a publicação desta obra:

> O paiz dos frades é um romance admiravelmente escrypto, narrando toda a sorte de crimes comettidos nas Filippinas, pelos frades que dela expulsos pelos heróicos tagalos, estão cavando agora a nossa desgraça, desgraça deste paiz, tendo a sua frente o famigerado abade Krust chefe dos [...] do convento de S. Bento.[181]

Tido como mártir, José Rizal, segundo a publicação d'*A Lanterna*, foi

> [...] vilmente fuzilado em Manila, como revoltoso contra o domínio hespanhol, em virtude das [...] intrigas contra elle urdidas pela corvalhada negra; agostinianos, capuchinhos, etc, etc., que, vendo em José Rizal o mais temível adversário recorreram aos [...] viz que lhe são familiares para o amniquilar.[182]

Na obra em comento, José Rizal denunciava a não-abstinência sexual dos padres e a sua falta de observação dos preceitos que eles mesmos pregavam. Assim, o personagem Ibarra, após ouvir as provocações do padre Damaso, que denegria a imagem de seu falecido pai, morto no cárcere por se insurgir contra as idéias desse padre, avançou em direção a este

---

[180] Ao anunciarem a venda deste romance em volume único, os redatores d'*A Lanterna* informavam que "No Paiz dos Frades" havia sido utilizado como prova, "servindo-se dele os frades filipinos para conseguirem da realeza espanhola a ordem de fuzilamento" de José Rizal. Cf.: "No Paiz dos Frades". *A Lanterna.* São Paulo, 18 de maio de 1914. p.04.
[181] *A Lanterna.* São Paulo, 03 de junho de 1911. p.02.
[182] *A Lanterna.* São Paulo, 03 de junho de 1911. p.02.

com uma faca e afirmou: "- Sacerdote de um Deus de paz, que tens a bocca cheia de santidade e religião e o coração cheio de misérias."

Analisando estas obras de ficção, o que se percebe é que muitas das críticas anticlericais presentes nesses contos e romances atacavam determinados dogmas da Igreja Católica e certas práticas de alguns de seus membros, o que, todavia, não permite que se afirme que havia um padrão em relação a estas críticas.

Quanto aos padres, foram comumente caracterizados como pessoas avessas aos dogmas religiosos que pregavam, sendo relacionados ao consumo de bebidas, como no romance *A Cruz de Cedro*, de Antonio Joaquim e *Os Comuneiros* de Carlos Malato, ao uso de tabaco, como no conto *Vozes do Céu*, de Mota Assumpção, e principalmente a atos sexuais, como na narrativa *Nole Me Tangere*, de José Rizal, em que a relação entre um clérigo chamado Damaso e uma mulher resultou em uma filha, Maria Clara. Todas práticas condenadas pela Igreja Católica.

Ha de se ressaltar que estas críticas não tinham o objetivo de "defender a moral cristã que incentivava a moderação e a supressão sexuais".[183] Denunciar estas práticas cometidas pelos clérigos era denunciar a mentira que era o voto de abstinência sexual, e, assim, buscava-se apagar a imagem de sacralidade ligada à figura dos clérigos, como forma de minar o poder e a confiança que as pessoas depositavam neles.[184] "Os padres são homens como os outros", afirmou Manuel Devaldes em seu conto *A Salvação.*

A gula também foi citada como forma de explicitar as contradições entre a vida dos clérigos e os dogmas que pregavam. O romance *A Cruz de Cedro* assim se referiu a este tema: a "gula entre os jesuítas era mais uma virtude do que um peccado mortal", sendo o apetite do padre Gaspar comparado à "voracidade de um lobo". Dessa forma, o romance buscou

---

[183] MARTINS, Ângela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias: Anarquismo, imagens e representações.* Tese (Doutorado em História Social), PUC/SP, 2006. p.311.
[184] Ibidem. p.308.

animalizar a figura do clero, assim como uma gravura publicada também n'*A Lanterna*[185] em outubro de 1911, em que os comentários à figura animalesca caminharam no seguinte sentido: "[...] não é um homem, é uma fera. Não é um bispo, é um monstro; [...] não sente, não ama, não anceia." Ligar a figura dos clérigos a animais significava atribuir-lhes características animalescas.

Quanto às figuras santas para a Igreja Católica, as obras de ficção buscavam – assim como fizeram com os clérigos – retirar seu caráter de sacralidade ao pôr em dúvida sua abstinência sexual, como no conto *Vozes do Céu*, entre outros, e ao envolvê-las em tramas que davam relevo a aspectos mundanos de suas personalidades, como a arrogância ou o jogo de interesses entre os santos, abordados no conto *O "Asno" na Lua*.

A prática do sacerdócio tendo como objetivo a obtenção de vantagens financeiras foi também uma crítica anticlerical recorrente tanto nas obras de ficção publicadas n'*A Lanterna* quanto nos artigos deste periódico.

Embora houvesse no anticlericalismo das obras de ficção publicadas n'*A Lanterna* aspectos críticos que se assemelhassem, nos romances também se podiam observar aspectos que os distinguiam por apresentar algumas peculiaridades. A obra *A Cruz de Cedro*, por exemplo, trazia uma crítica que não se relacionava a todos os personagens clérigos. Este romance distinguiu, em meio a estes, figuras que foram descritas em lados opostos e bem definidos.

Dessa forma, quando a personagem Julia, trancafiada no subterrâneo, toma um gole do suposto veneno deixado pelo padre Gaspar, quem a salva é o padre Belchior de Pontes, um jesuíta, e não um leigo. A figura do padre Belchior de Pontes possibilitou relativizar o anticlericalismo do romance, passando, então, a ter essas críticas como não voltadas aos clérigos de uma forma geral, mas sim a alguns de seus representantes.

---

[185] Sobre a análise das imagens publicadas n'*A Lanterna*, ver: Ibidem.

Destoando do restante dos clérigos descritos no romance, o personagem padre Belchior aparece como uma figura com boas intenções, cercada de humildade, de "voz grave e doce". Dessa maneira, foi o "bom" padre Belchior, "cujas virtudes são proclamadas de bocca em bocca", quem descobriu todos os planos do padre Gaspar e procurou desfazer suas maldades.

Essa crítica anticlerical relativizada no romance também foi encontrada nas páginas d'*A Lanterna*, na coluna "Publicações recebidas", em que o "poeta e literato livre pensador" anticlerical Casemiro Cunha, um leitor d'*A Lanterna*, por meio de carta enviada à redação, afirmava: "Os padres merecem mais, tudo, até pau, salvo alguns tantos, que se revelam realmente sacerdotes."[186]

Assim, o posicionamento dos articulistas d'*A Lanterna* variava desde a negação completa da figura de Deus e de Jesus Cristo até uma crítica direcionada a alguns dos membros do clero católico. Quanto à obra *A Cruz de Cedro*, publicada na seção "Folhetim", não trouxe críticas a todos os membros da Igreja Católica, mas sim a alguns representantes que não se revelavam "realmente sacerdotes".

Nem todas as críticas foram direcionadas aos membros da Igreja Católica. No conto *O Pastor*, o autor Renato Brochon tratou de um pastor protestante, o Sr. Muller, que despediu um funcionário doente e com quatro filhos: "Ah! Sr. Muller, deixe-me ficar mais algum tempo, pois há de me custar achar serviço, assim fraco como estou. Não é por mim que peço este favor, mas por minha mulher e meus quatro filhos." Assim, o autor denunciava a inobservânica pelo pastor do mandamento bíblico que afirmava: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

---

[186] CUNHA, Casemiro. "Publicações recebidas". *A Lanterna*. São Paulo, 08 de agosto de 1910. p.04.

Se os contos e romances publicados n'*A Lanterna* fizeram a propaganda do anarquismo e do anticlericalismo, também divulgaram representações e modelos de comportamento, cabendo então discuti-los.

CAPÍTULO IV - REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO

Neste capítulo busca-se identificar os fatores que possivelmente influenciaram a publicação de contos e romances pelo periódico *A Lanterna*. Procura-se, ainda, discutir as representações do masculino e do feminino nessas narrativas, em especial no romance *A Cruz de Cedro*, que trazia de forma mais insistente estes olhares.

4.1 - REPRESENTAÇÕES DO FEMININO, PRÁTICAS E DISCURSOS

Procurando entender o que teria motivado a publicação de narrativas com temas anticlericais e às vezes anarquistas no periódico *A Lanterna*, foi possível encontrar justificativas em representações que se faziam naquele período sobre as mulheres. Não que se busque negar outros fatores que poderiam ter influenciado a decisão de inaugurar a seção "Folhetim" no periódico, ou mesmo a intenção dos redatores de divulgarem uma literatura com alguma mensagem anticlerical ou libertária. Contudo, o que se discute neste subcapítulo são outras possibilidades.

Ligado ao cotidiano da cidade, o periódico anticlerical *A Lanterna* trazia em suas páginas artigos que caracterizavam as mulheres como as maiores vítimas dos sermões dos padres, entendidos como pregadores de superstições e da resignação. E, por conta da influência destas pregações, as mulheres não eram afeitas a debates políticos, o que, sob o ponto de vista do grupo editor do jornal, composto em sua maioria por militantes anarquistas, poderia afetar a divulgação das idéias libertárias entre elas.

Dessa forma, o colaborador livre-pensador e anticlerical, ao escrever e enviar seus pensamentos para serem publicados no periódico, conclamava os homens a ajudarem na emancipação de suas mulheres, para que elas pudessem auxiliá-los na luta contra o clericalismo. Os homens deveriam, então, mostrar-lhes o

> [...] quanto é belo lutarmos pelo bem geral, [...] uma vez conseguido despertar-lhe o entusiasmo pelas questões que agitamos, uma vez convencidas das vantagens que proporciona para si e para o companheiro, a agremiação, chamadas a colaborar comnosco também dentro do lar da grande família livre pensadora, [...] extraordinariamente facilitada estará a nossa tarefa.

Pelo que se percebe, o articulista considerava as mulheres seres passivos e incapazes de perceberem as vantagens de se unirem em um único propósito. E, assim, continuava suas considerações:

> Sabemos sem dúvida o quão é difícil interessar a alguém numa coisa que não lhe traz beneficio imediato. Esta dificuldade aumenta quando se trata da mulher, acostumada pela educação religiosa a não elevar o seu espírito, geralmente falando, além do que está escrito nos catecismos romanos. Daí o não compreenderem o oporem-se mesmo a que nos entreguemos à luta; o que não fariam se o seu estado mental fosse outro. As idéias não te darão pão são as palavras que repetem e com que procuram justificar quase sempre o seu irrefletido egoísmo. [...] O lugar da mulher é sempre ao lado do seu companheiro dizem os senhores da Igreja, porém este preceito perde o valor quando se trata de nós outros. Neste caso o seu juízo é outro O lugar da mulher do herege é o templo onde irá buscar o socorro da religião para o infeliz transviado....

Por meio de suas idéias, o articulista colaborou com um pensamento recorrente na época, principalmente nos meios anticlericais, que enfatizava a influência da igreja sobre as mulheres e a dominação intelectual que isso causava.

> Desta forma é que eles conseguem ter-nos presos, às suas garras, subjugados e sem forças para nos defender, porque uma vez senhores de nosso lar, estamos vencidos em toda linha. O meio, o único meio

> de escaparmos a tão perigoso inimigo, de escaparmos à sua influência maléfica sobre o que nos diz respeito é atrairmos a nós, trazendo-as aos nossos centros instrutivos, às nossas reuniões de classe e outras mais filhas irmãs e companheiras. Precisamos do seu alento do seu poder mágico, encorajando-nos nos dissabores que experimentamos [...]. Emancipemos as nossas companheiras para que elas sejam ao nosso lado outros tantos combatentes da nossa causa![187] (grifos do autor)

Caberia aos homens o papel instrutivo. Eles deveriam, então, encaminhar as mulheres às reuniões e outras atividades, pois, inconscientes, teriam de ser chamadas a colaborar nas reflexões e idéias dos livre-pensadores.

Muito embora alguns militantes tenham saído em defesa da igualdade e independência das mulheres[188], conclamando-as a participarem do movimento "como ser[es] autônomo[s], companheira[s] livre[s] do homem livre"[189], essa idéia era, de certa forma, deturpada nos círculos libertários, pois ao "militante masculino [...] atribui-se como uma missão a educação da mulher dentro dos princípios anarquistas".[190]

Ainda segundo o articulista, as mulheres, acostumadas ao imediatismo irrefletido, tinham seus pensamentos limitados pela igreja. Conforme se afirmava, o único meio de acabar com a influência dos clérigos no lar dos livre-pensadores seria emancipar as mulheres, consideradas a porta de entrada da idéias clericais no lar.

Em outro artigo elogiando o anticlericalismo dos redatores d'*A Lanterna*, o colaborador culpava mães e filhas pela introdução das idéias clericais nos lares.

> A vossa orientação e a vossa independência no assumpto, merecem, sem dúvida, os agradecimentos dos chefes de família que parecem viver na ignorância dessas misérias, que insidiosamente,

---

[187] ADRECAL. "Concurso indispensável". *A Lanterna*. São Paulo, 30 de agosto de 1913. p.01.
[188] *A Lanterna*. São Paulo, 02 de julho de 1910. p.02.
[189] OITICICA, José. "O desperdício da energia feminina". *A Vida*. Rio de Janeiro, 31 de março de 1915. p.73.
[190] PRACCHIA, Lygia. "Os caminhos da emancipação feminina". *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. n.11. São Paulo, novembro de 1999. p.72.

> manhosamente se lhes infiltram pelos lares dentro, trazidas por filhas ingênuas e esposas condescendentes.[191]

Portanto, o homem aparecia como vítima ao ficar sujeito às pregações, pois não percebia essa influência que lhe incidia aos poucos, como se a idéia de homem religioso não existisse. Nesse sentido, as mulheres eram consideradas "a maior ponte de ligação entre o clero e as famílias", pois, sob o ponto de vista de alguns colaboradores d'*A Lanterna*, eram elas quem mais freqüentavam as igrejas.[192]

Levando-se em consideração esses olhares presentes na época, ficava evidente, então, a necessidade de livrar as mulheres da influência dos padres, pois estes eram tidos como pregadores de superstições, da ignorância e da resignação.

Essa idéia da influência que tinham os clérigos sobre a vida das mulheres, no entanto, pode ser relativizada considerando-se que o próprio periódico *A Lanterna* trazia artigos de conteúdo anticlerical escritos também por colaboradoras, como o de Maria José da Silva, que alertava pais de famílias, mães e filhas a se acautelarem das investidas dos padres,[193] e o de Isabel Cerutti, que discutia o papel da mulher na sociedade libertária.[194]

No mesmo sentido, nos meses de abril e maio de 1911, *A Lanterna* acompanhou com entusiasmo as conferências proferidas pela espanhola Bélen Sarraga de Ferrero, "propagandista do livre-pensamento", no Rio de Janeiro e em São Paulo, passando por diversas cidades do interior. Estas conferências trataram de temas anticlericais, como "a mulher e a religião",[195] "a religião e o livre-pensamento"[196], "a mulher e o jesuitismo",

---

[191] "Rol do culpados". *A Lanterna*. São Paulo, 17 de setembro de 1910. p.03.
[192] PRACCHIA, Lygia. Op. cit., 1999. p.75.
[193] SILVA, Maria José. "Cautela". *A Lanterna*. São Paulo, 05 de novembro de 1910. p.04.
[194] CERUTI, Isabel. *A Lanterna*. São Paulo, 08 de outubro de 1914.
[195] "Belén Sárraga de Ferrero". *A Lanterna*. São Paulo, 22 de abril de 1911. p.02.
[196] "A 1ª Conferência". *A Lanterna*. São Paulo, 29 de abril de 1911. p.02.

"jesuítas e o porvir da América" e "Ferrer e a Escola Moderna".[197] Isso sem falar em Maria Lacerda de Moura, crítica importante da condição feminina no início do século XX.[198]

Há de se levar em conta, ainda, que, sendo o lar o destino atribuído pelo discurso médico às mulheres,[199] "[...] sua circulação nos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja, que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens".[200] Assim, pode-se questionar se a ida das mulheres à igreja seria mesmo resultado somente da influência das pregações dos padres.

Cabe considerar também a participação das mulheres na Sociedade Feminina de Educação Moderna, organizando festas para arrecadar fundos para a manutenção e criação de Escolas Modernas[201]. Críticas da influência religiosa, atuaram como professoras, capacitaram outros professores a dirigirem estas escolas e, ainda, convocaram um comício de protesto para que se fechasse o Orfanato Cristóvão Colombo, por conta das denúncias provocadas pelo chamado "Caso Idalina", ocorrido na referida orfandade, onde os padres encarregados dos cuidados da menina foram acusados de estuprá-la e matá-la.[202]

---

[197] "Belén Sarraga". *A Lanterna*. São Paulo, 06 de maio de 1911. p.02.

[198] LEITE, Miriam Lifchtz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984. Sobre a participação das mulheres na divulgação das idéias anarquistas e anticlericais, ver: RAGO, Luzia Margareth. *Entre a história e a liberdade: Lucci Fabri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2000. E ainda: CORREIA, Francisco. "Mulheres libertárias: um roteiro". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertário no Brasil: memórias, lutas e cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1986. p.38-63.

[199] MATOS, Maria Izilda Santos de. "Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo – 1890-1930)". In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOHIET, Raquel (Orgs.). *O corpo feminino em debate.* São Paulo: Editora Unesp, 2003(a). p.107-28.

[200] LOURO, Guacira Lopes. "Mulheres na sala de aula". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001. p.443-81.

[201] Segundo Francisco Ferrer, a Escola Moderna baseia-se no método racional, livre de preconceitos religiosos, um empecilho à emancipação intelectual dos indivíduos. Propõe-se a esclarecer à infância a origem de todas as injustiças sociais para que esta possa combatê-las e opor-se a elas. Conferir em: GUARDIA, Francisco Ferrer y. "Racionalismo humanitário". *A Lanterna*. São Paulo, 13 de outubro de 1910. p.06. Ver também: LUIZETTO, Flavio. "O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº1 (1912-1919)". *Educação e Sociedade*. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação. Ano 4. n.24. Vol.8. São Paulo: Cortez, 1986. p.18-47.

[202] FERNANDES, Marisa. *Sob os focos d'A Lanterna: a mulher na imprensa anticlerical de 1909 a 1916.* Dissertação (Mestrado em História), FFLCH/USP, São Paulo, 1997. p.96-106.

A participação das mulheres também podia ser vista no Centro Feminino Jovens Idealistas, que reunia jovens anticlericais e tinha como um de seus propósitos trabalhar, por meio de propaganda, para a emancipação das mulheres.[203] Este Centro Feminino, em 1920, organizou um festival com a finalidade de comemorar o 1º de Maio daquele ano.[204]

Apesar da participação feminina na luta anticlerical e também anarquista, sobressaíam-se os discursos sobre as mulheres que as tinham como freqüentadoras assíduas da igreja, sofrendo, assim, maior influência das idéias dos padres.

Alguns anarquistas viam a situação de maneira mais ampla. Para estes, "as barreiras à superação da alienação da mulher [...] resultam da ação das classes dominantes juntamente com o Estado e a Igreja". Havia, então, um "apelo à educação, à formação de uma consciência crítica como meio de desmistificar sua condição social e de derrubar as cadeias impostas pelo poder clerical".[205]

O periódico *A Lanterna* poderia, então, cumprir o papel de instrumento para a emancipação feminina ao divulgar as idéias anticlericais. Porém, fazia-se necessário atrair o público leitor/ouvinte feminino, e a publicação de uma parte literária composta de versos, crônicas e romances poderia servir a esta finalidade.

Dessa forma, levava-se em conta um pensamento que se fazia presente no início do século XX, ou seja, aquele que considerava as mulheres como as principais consumidoras dos romances que os jornais traziam[206], e não propriamente dos artigos dos jornais, entendidos como fonte de informação e conhecimento. Pode-se observar que alguns editores da imprensa em geral e parte da sociedade acreditavam que havia uma certa identificação entre os

---

[203] Ibidem. p.96-106.
[204] "Grande Festival". *A Obra*. São Paulo, 13 de maio de 1920.
[205] RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.98.
[206] O romance e o folhetim estiveram sempre associados à "frivolidade da *gentil leitora*". Cf.: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.298.

romances publicados nos jornais e o público leitor/ouvinte feminino. Considerava-se que "a mulher [era] o destinatário natural do romance".[207]

Compondo ainda a parte literária dos jornais, foram também associadas ao interesse do público feminino as crônicas, presentes na grande imprensa brasileira desde o século XIX,

> [...] atenuando as exuberâncias da paixão política [...]. Tinha[m] principalmente um objetivo: entreter [e] condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês [...]. Quase sempre, visava[m] sobretudo o mundo feminino.[208]

Nas próprias obras literárias publicadas pel'*A Lanterna* podem-se encontrar vestígios desse pensamento que associava as mulheres à leitura de romances. O romancista Antonio Avelino Fóscolo,[209] contemporâneo das publicações d'*A Lanterna* e autor das obras *O Jubileu* (1909) e *No Circo* (1913), publicadas nas páginas deste periódico, trazia essa associação em outra obra sua, *A Capital*. Nesta obra a personagem Lená fora caracterizada pelo autor como aquela que "passa os dias deitada numa rede lendo romances", o que deixava transparecer esta associação.[210]

O escritor Machado de Assis teve parte de suas obras, as primeiras versões, publicadas no periódico *A Estação: jornal ilustrado para a família*, que trazia ainda ilustrações e modelos de vestuários, algo muito ligado ao universo feminino. Suas obras *A mão e a Luva*, *Quincas Borba*, *Casa Velha* e *O Alienista* foram todas publicadas em partes no referido periódico sob a forma de folhetins.

A publicação de tais trabalhos literários numa revista específica do público leitor/ouvinte feminino ratificava e estimulava a associação que se fazia nesse período entre os romances e as mulheres. Estes olhares, ligados a uma representação feminina centrada "na

---

[207] Ibidem. p.379.
[208] MELO, José Marques de. "A crônica". In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.139-54.
[209] Sobre a vida e obra de Avelino Fóscolo, ver: MALARD, Letícia. *Hoje tem espetáculo: Avelino Fóscolo e seu romance.* Belo Horizonte: UFMG/ PROED, 1987.
[210] Cf.: Ibidem. p.187.

valorização da sensibilidade, da devoção e da submissão em detrimento das aptidões intelectuais", eram corroborados pela fala científica da medicina da época.[211] Em contrapartida, atribuía-se aos homens o oposto, já que "a racionalidade [era] elemento considerado vital para o padrão de masculinidade".[212]

Todavia, a idéia de que eram as mulheres as principais interessadas nos romances deve ser relativizada, pois o romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar (1822-1877), "verdadeira novidade emocional", publicado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, teve grande sucesso

> [...] no seio da mocidade [...], o Rio de Janeiro em peso, para assim dizer, lia O Guarani [...]. Quando a São Paulo chegava o correio, reuniam-se muitos e muitos estudantes numa república, em que houvesse qualquer feliz assinante do Diário do Rio para ouvirem [...] a leitura em voz alta por alguns deles [...]. E o jornal era depois disputado com impaciência e pelas ruas se via agrupamentos em torno dos lampiões da iluminação pública [...] ainda ouvintes a cercarem ávidos qualquer improvisado leitor.[213]

Possivelmente influenciados pela idéia do potencial de atração de uma seção literária no periódico e pelo pensamento de que eram as mulheres mais afeitas a esse tipo de leitura, e ainda acreditando na necessidade de livrá-las da influência dos clérigos, os redatores d'*A Lanterna* podem ter utilizado os romances como forma de chamar a atenção do público feminino para o anticlericalismo e de tornar este público consumidor assíduo do jornal e das idéias veiculadas por ele. Ademais, o romance, geralmente encontrado na quarta página d'*A Lanterna*, poderia levar as mulheres a um contato mais aproximado com outras leituras, já que

---

[211] CAMPOS DA PAZ, Arthur Fernandes. "A utilidade do casamento sob o ponto de vista hygiênico". Rio de Janeiro: FMRJ, 1909. Apud. MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades.* São Paulo: Edusc, 2005. p.58. Sobre a visão de predomínio das faculdades afetivas femininas e as intelectuais, conferir também: SOIHET, Rachel. "Mulheres pobres e violência no Brasil urbano". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/ Unesp, 2001. p.362-400.

[212] BORELLI, Andréa. *Matei por amor: representações do masculino e do feminino nos crimes passionais.* São Paulo: Celso Bastos Editor/ Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, 1999. p.65.

[213] SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. p.86-101. Os romances de Alexandre Dumas e Eugene de Sue eram admirados pelos jovens da Faculdade de Direito. MEYER, Marlyse. Op. cit. p.286.

as manchetes e gravuras utilizadas "pelos grupos editores para fazer propaganda do ideário"[214] poderiam chamar-lhes atenção, despertando-lhes o interesse por outros temas além dos romances.

Procurando satisfazer o gosto das mulheres por romances, o periódico *A Lanterna* possivelmente utilizava as suas páginas para atraí-las e entretê-las, e, claro, também para atrair e entreter os homens. Contudo, essa não era a única função da parte literária, que também podia fazer propaganda do ideário libertário, tratando do tema que era parte deste ideário e especialidade do periódico, o anticlericalismo.

Zelia Gattai, em suas memórias, acabou por destacar uma visão preconceituosa sobre as leitoras de folhetins ao relatar o questionamento de seu pai, militante libertário, quanto ao hábito de sua mãe de ler romances folhetinescos. Narrou a autora que seu pai "ficava intrigado com as contradições intelectuais das mulheres [...] quando a via [a esposa] reunida com outras mulheres, cada qual mais ignorante, ouvindo as filhas lerem as idiotices dos folhetins".[215]

Dessa forma, não seria mais mediante as publicações dos "papeluchos clericaes"[216] da grande imprensa que as mulheres entrariam em contato com os romances, pois, se havia o gosto por estes, o periódico *A Lanterna* cumpriria a função de divulgá-los, mas com um conteúdo de propaganda anticlerical e também libertária.[217]

Não se pode negar a intenção dos redatores de terem uma parte literária no jornal para divulgarem uma literatura anticlerical e às vezes de tom libertário a outros públicos que não o feminino. Essa importância dada por Leuenroth à literatura, de uma maneira geral,

---

[214] MARTINS, Ângela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias: anarquismo, imagens e representações.* Tese (Doutorado em História Social), PUC/SP, 2006. p.153.
[215] GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus.* São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p.101.
[216] *A Lanterna.* São Paulo, 01 de abril de 1911. p.02.
[217] Nesse sentido, os organizadores das festas de propaganda deram importância também à atração exercida pelos bailes. Assim, proporcionavam-se o lazer e a instrução, mantendo o "operário ligado à própria classe", não precisando "abandonar os companheiros a procura de divertimento" e festa. Então, foi entendida em sentido mais amplo. Cf.: VARGAS, Maria Thereza. *O teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/ IDART, 1980. p.44.

podia ser vista desde o tempo em que este dirigia o periódico *O Boi* (1897), publicação em que já divulgava obras literárias.[218] Contudo, outros fatores podem ter influenciado os redatores a inaugurarem tal seção, tais como: a intenção de tornar mais agradável a leitura do periódico, mas sem perder o caráter de propaganda libertária; e a atração que se acreditava exercer a parte literária sobre o público feminino, considerado pelos colaboradores d'*A Lanterna* como "vítima histórica da Igreja".

O periódico considerava a sociedade de uma forma geral como influenciada pelas pregações dos padres, mas as mulheres eram tidas como as maiores vítimas desses discursos, sendo necessário, então, que se promovesse sua conscientização. Nesse sentido, o jornal seria uma forma eficiente de transmitir a elas ensinamentos que levassem à sua emancipação.

A Lanterna, então, centrou sua crítica nas beatas e na influência dos clérigos sobre a vida das mulheres, denunciando os desvios destes em relação à doutrina que pregavam. Destarte, evidencia-se que foi em boa parte "para a mulher que se direcionou a propaganda anticlerical d'*A Lanterna*".[219]

Os artigos deste periódico possibilitam a leitura de olhares que se tinham sobre as mulheres, entre eles a necessidade de emancipá-las e livrá-las da influência dos clérigos. Para tanto, os contos e romances, identificados com o público feminino, seriam um importante instrumento para atrair a atenção desse público para as propagandas anticlerical e anarquista, consideradas fonte de solução para os seus problemas.

Ao mesmo tempo em que procuravam alcançar uma possível identificação com o público feminino, essas narrativas divulgavam valores. Sendo assim, torna-se importante discutir quais representações e papéis os contos e romances atribuíam a esse público feminino, missão que se buscará cumprir no próximo subcapítulo.

---

[218] CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial - SP, 2000. p.120.
[219] FERNANDES, Marisa. Op. cit. p.132.

4.2 - O FEMININO NOS CONTOS E ROMANCES

Entrelaçado com a defesa das idéias anticlericais, o romance *A Cruz de Cedro* tinha como ambiente as fazendas de São Roque, nas proximidades da atual cidade de São Paulo, no ano de 1712. A obra contava a trágica história de amor de dois jovens, Augusto de Lara, órfão pobre, e Julia, filha única de um rico fazendeiro.

A análise deste romance possibilita perceber os perfis de gênero, expressos pelo autor, Joaquim da Rosa, no momento em que descrevia o relacionamento entre esses dois jovens enamorados, deixando ver os possíveis papéis desejados para cada um, e reproduzidos pelo periódico *A Lanterna* ao publicar a obra na sua seção literária.

A trama inicia-se com o jovem Augusto procurando o padre Gaspar do Santo Sepulcro para se confessar. O jovem, então, passa a falar sobre os desencontros de seu desejado romance com sua enamorada. A descrição que Augusto de Lara faz de sua amada dá espaço ao autor para caracterizar o personagem feminino mais evidente na obra, Julia.

O autor do romance, no desenrolar de uma trama povoada, em sua maioria, por personagens masculinos, ao caracterizar Julia exalta sempre suas qualidades físicas, sem levar em conta seus anseios ou seu posicionamento frente aos acontecimentos, como se o que realmente importasse em sua descrição fosse o seu corpo. Em contrapartida, o romance em nenhum momento trata do olhar de Julia sobre seu enamorado Augusto.

A descrição de Julia, tida como "seductora e misteriosa", de uma beleza deslumbrante capaz de "povoar os sonhos de poetas", possibilita observar um padrão de beleza desejado às mulheres daquele período: "Dezoito annos, talho esbelto e elegante, cintura delicada, pés mimosos, alva como neve, olhos grandes azues, languidos e cabellos louros."[220] Destarte, pode-se perceber que havia uma certa valorização da mulher branca,

[220] Optou-se por manter a grafia do original.

jovem, bela, de compleição delgada, delineando um modelo de beleza bastante difundido nos países então considerados civilizados e almejado no Brasil pelos discursos médicos e higienistas.[221]

Num romance cujos personagens centrais são figuras masculinas, Julia é, na maioria das vezes, encontrada restrita ao ambiente privado e doméstico, na companhia de seu pai. Quando se encontra num ambiente público, a figura de sua criada está sempre presente, e mesmo o calabouço em que fica presa remete ao ambiente privado.

O discurso presente no romance faz coro com olhares sobre as mulheres do período em que foi publicado o romance (1910), período este em que,

> [...] com base no comportamento feminino dos segmentos médios e elevados, acresce em relação às mulheres as prescrições [...] acerca da impropriedade de uma mulher honesta sair só. Coadunava-se tal norma com a proposta burguesa, referendada pelos médicos, sobre a divisão de esferas que destinava às mulheres o domínio da órbita privada e aos homens, o da rua.[222]

No entanto, percebe-se que essas prescrições eram

> [...] impossíveis de serem cumpridas pelas mulheres pobres que precisavam trabalhar e que para isso deviam sair às ruas à procura de possibilidades de sobrevivência [...]. Como era grande sua participação no "mundo do trabalho", embora mantidas numa posição subalterna, as mulheres populares, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade.[223]

Os momentos da trama em que Julia insurge-se contra o estado de coisas que a envolvem apenas reforçam estereótipos que pesavam sobre as mulheres: tolinha e embirrada,

---

[221] RAMOS, Maria Bernadete. "Perfectíveis corpos – corpo e nação: territorialidades imponderáveis". *Corpo e Cultura.* Revista de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. n.25. São Paulo, dezembro de 2002. p.291-323.
[222] SOIHET, Rachel. Op. cit., 2001. p.362-400.
[223] Ibidem. (grifos da autora)

"vestida em desalinho", olhos "humidos de pranto mal enxuto", "abatida e melancólica chorava", esperava à "força de rogos e de lágrimas" que seu pai mudasse de resolução.

O adjetivo no diminutivo "tolinha" imprime à personagem uma fragilidade que se tinha como característica do feminino. A passividade e o caráter emotivo são surpreendidos na fala do romancista quando Julia é vista chorando e esperando a mudança de decisão de seu pai. Mesmo quando a personagem propõe a Augusto a fuga, para casarem-se à revelia de seu pai, o enredo que a cerca não é de revolta, mas sim de amor, e a proposta só é feita pelas circunstâncias desesperadoras em que se encontra, por "amar com toda a ternura do seu coração".

O autor, como solução para o casamento por interesses econômicos, sugere a fuga do casal, sendo esta iniciativa tomada por Julia, que, nesse momento, apresenta atitude não muito condizente com a figura de mulher pacata e recatada proposta no romance. Assim, Julia, ainda restrita ao ambiente familiar, manda que sua criada avise Augusto da pretendida fuga, que, no romance, rapidamente se reveste de uma conduta moralizante e dentro das normas da sociedade. A fuga só seria aceita por Julia se o jovem Augusto desse a sua palavra de honra que a respeitaria e se a conduzisse ao colégio de Araçariguama para a receber em casamento, pois moça raptada que não casasse virava "mulher perdida".[224]

Implícita estava a idéia de que a mulher deve resistir às investidas dos homens. Ademais, no romance o casamento aparecia como uma forma de a mulher assegurar uma boa imagem perante a sociedade, uma vez que a "condição de *casada* por si só pressupunha um comportamento irrepreensível da mulher".[225]

No entanto, a fuga do casal e a tentativa de se casarem à revelia do pai da moça não poderiam, de acordo com a idéia do autor, ser coroadas com um desfecho feliz. Ao que

---

[224] FALCI, Miridan Knox. "Mulheres no sertão nordestino". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001. p.267.
[225] SOIHET, Rachel. Op. cit., 2001. p.362-400.

parece, a sugestão da referida fuga ocorre apenas para dar ensejo a um final trágico à rebeldia do casal.

Julia, inconsciente por ter ingerido um narcótico, foi tida como morta por Augusto, que a enterrou, matando-a. Seu pai, sabendo do ocorrido, assassina Augusto, que, sem oferecer resistência, cai morto sobre a sepultura de Julia.

A imagem idealizada de Julia e desejada para as mulheres indicava que, mesmo estando sujeitas a impulsos naturais, elas deveriam resistir, buscando manter-se virgem até o casamento, mesmo que o parceiro fosse a pessoa amada. Reforçando a idéia da necessidade de as mulheres resistirem às investidas masculinas, idéia esta condizente com o perfil desejado de moça virgem e pudica, Julia opôs "uma resistência cada vez mais heróica" aos desejos do padre Gaspar, seu raptor, que precisou lhe ministrar um narcótico para conseguir "triumphar dessa vontade de ferro".

Portanto, o perfil idealizado da personagem Julia é o da mulher virgem e pura. Dessa forma,

> Ainda que a República formalizasse a separação da Igreja Católica do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não-escolha, pois esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem [...]. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral [...].[226]

A virgindade de Julia sugestionava modelos de comportamento insistentemente anunciados pelo autor e que, nas classes abastadas, eram "requisito fundamental" para os casamentos.

---

[226] LOURO, Guacira Lopes. Op. cit. p.443-81.

> Independentemente de ter sido ou não praticada como um valor ético propriamente dito, a virgindade funcionava como um dispositivo para manter o status da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem da parentela.[227]

A forma como a personagem Julia é descrita no romance demonstra um perfil de mulher romântica e sonhadora que, ao perder seu amor, tem seus sentimentos aflorados, tornando-se abatida e melancólica, caracterizando uma representação presente no século XIX, quando "a mulher está no centro de um discurso abundante, repetitivo, obsessivo, amplamente fantasioso, que toma emprestado aos elementos as suas dimensões". Julia, desse modo, é representada como

> [...] a mulher água, fonte de frescor para o guerreiro, de inspiração para o poeta, rio sombreado e pacífico para o banhar-se, onda enlanguecida cúmplice dos almoços na relva; mas ainda água parada, lisa como um espelho oferecido, estagnante como um belo lago submisso; mulher doce, passiva, amorosa, quieta, instintiva e paciente, misteriosa, um pouco traiçoeira, sonho dos pintores impressionistas.[228]

Julia não conseguia escapar sozinha do subterrâneo em que estava presa. Para livrar-se do assédio do padre Gaspar foi necessário que um homem a salvasse. Foi então que apareceu a figura masculina do padre Belchior de Pontes, reforçando aspectos que remetem a personagem Julia à passividade, à "mulher água-parada", vitimizada, em oposição à figura masculina de protetor da fragilidade feminina.

No mesmo sentido, a fala do padre Gaspar, raptor de Julia, ao informá-la da morte de seu pai, reafirmava a idealização feminina de vítima frágil: "- Já vedes, pois, minha querida menina, que nenhuma proteção vos resta sobre a terra sinão a minha."

---

[227] D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001. p.223-40.

[228] PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.188; PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história.* São Paulo: Edusc, 2005. p.200.

O autor, na intenção de enfatizar a beleza de Julia, a compara de forma figurativa a uma ambrosia, um doce saboroso, um manjar dos deuses. Assim, o autor reforça um ideário que tem o corpo feminino como objeto do deleite masculino. Saborear a ambrosia é "saborear a mulher".[229] Julia foi, então, descrita como "uma dessas bellezas deslumbrantes que passam velozes como o raio através das sombras fugitivas de um sonho de poeta, deixando sua alma inebriada dessa ambrosia, desse ar ambiente que se impregna aos vestidos virginaes".

Num romance em que predominavam os personagens masculinos, pode-se perceber de passagem referência a outras mulheres, como a mãe de Julia. Da rápida alusão a essa personagem feita pelo autor sobressai-se um olhar que a remete ao ambiente familiar, aos cuidados com os filhos, denotando um papel desejado às mães.

Dessa forma, André de Góes ressente-se da presença da esposa morta para aconselhá-lo "nas coisas do lar", ajudando-o a lidar com o caráter emotivo de sua filha Julia, que não queria casar-se com o moço rico Gonçalo Castanho. A mãe, portanto, aparece como a pessoa capaz de aconselhar Julia nas "coisas do coração", ressaltando sua ligação com aspectos afetivos e emocionais.

Julia é caracterizada, ainda, como uma "flor de inocência", remetendo à fragilidade, beleza e bondade, mas, ao mesmo tempo, na botânica, a flor está ligada à idéia de reprodução, atributo característico do feminino. Em outro romance publicado n'*A Lanterna* intitulado *Cavaleiro de La Barre*, de autoria de Miguel Zevaco, foi possível observar a ligação entre uma flor e uma personagem feminina. Margarida, também chamada de "flor de maio", carregava em seu próprio nome a referência a uma flor.

Os discursos médicos que influenciaram o modo de pensar da sociedade "viam a mulher como produto do seu sistema reprodutivo, base de sua função social e de suas características comportamentais: o útero e os ovários determinariam a conduta feminina desde

---

[229] PERROT, Michelle. "Os silêncios do corpo". In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p.13-27.

a puberdade até a menopausa, bem como seu comportamento emocional e moral". Essa análise permitia perceber que "as funções tradicionais atribuídas aos gêneros estariam iniludível e irremediavelmente enraizadas na anatomia e na fisiologia" femininas.[230]

Vale ressaltar que nem todas as personagens femininas das narrativas publicadas encaixavam-se nesse perfil aproximado da personagem Julia. No romance de Avelino Fóscolo, Silvia personifica uma mulher independente que tomava a frente nas decisões, criticava o adultério do marido e praticava também o adultério, justificando-o pelas faltas de seu marido: "Porque me pedir contas [...]. Com o mesmo direito que amou, requestou a uma, a muitas mulheres, posso amar também requestar a muitos homens."

Buscando fazer uma leitura avessa ao perfil idealizado de mulher passiva atribuído a Julia, percebe-se que esta não aceitou casar-se com o capitão Gonçalo Castanho, e, por não conseguir convencer seu pai com choros e lágrimas, propôs a fuga para casar-se com Augusto.

Pelos aspectos acima expostos percebe-se que o romance delineia modelos de feminilidade instituídos pelo imaginário social das classes dominantes, característico do período em que foi publicado, a primeira década do século XX, divergindo em muitos aspectos em relação ao discurso libertário.

Considerando-se o caráter marcadamente didático d'*A Lanterna*, o que parece ter levado o grupo editor do periódico a publicar o romance *A Cruz de Cedro* foi a sua mensagem anticlerical e o diálogo que estabelece com o cotidiano da militância contra a clerezia, também identificado com o chamado "Caso Idalina",[231] mesmo que alguns valores e modelos transmitidos não estivessem de acordo com a teoria libertária.

---

[230] MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., 2003(a). p.107-28.

[231] No mesmo período em que foi publicado o romance "A Cruz de Cedro", *A Lanterna* fazia intensa campanha no que ficou conhecida como o "Caso Idalina". Muitos dos aspectos do romance dialogavam com o referido Caso: o sumiço da menina, a sugestão de que se cometiam crimes nos colégios sem que ninguém soubesse, a conivência de outros membros do clero, o estupro, etc.

Quanto às outras narrativas, sobressaíam-se as críticas à figura das beatas. No conto *Vozes do Céu,* Motta Assunção exterioriza um olhar que trouxe o estereótipo das mulheres beatas, tidas como pouco inteligentes, ingênuas e inocentes. Na narrativa a personagem beata Magdala foi facilmente enganada pelo padre que se fez passar por Jesus Cristo.

Analisando-se estas narrativas, o que se percebe é que, na prática, e ainda em muitos discursos, diversos libertários foram influenciados pelas idéias de seu tempo, que estavam também presentes nos contos publicados pel'*A Lanterna* em "sua segunda fase".

A idéia de fragilidade feminina, tendo o homem como seu protetor, o papel de mãe e dona do lar, o cuidado com os filhos, são idealizações do feminino possíveis de serem lidas nos contos, romances e artigos dos jornais anarquistas.[232]

> Se [foi] possível perceber no conjunto dos textos libertários uma representação masculina da mulher, que a torna símbolo da maternidade, da passividade e da fragilidade, a esta se opõe uma outra construção contestadora dos valores dominantes. Partindo de vozes femininas no interior dos anarquistas, propõe-se a emancipação da mulher de todas as classes sociais dos papéis que lhe são atribuídos socialmente.[233]

Outros anarquistas, no entanto, acreditavam que a emancipação total das mulheres só seria possível numa nova sociedade, a sociedade libertária, em que homens e mulheres tivessem as mesmas oportunidades e direitos, mas, enquanto tal sociedade não fosse implantada, a mulher deveria ajudar no movimento anarquista educando os filhos, sendo que para isso teria de deixar o trabalho externo.

José Oiticica assim definia a condição das mulheres na chamada sociedade "clérico-burguesa":

---

[232] Sobre o assunto, ver. PRACCHIA, Lygia. *Os caminhos da emancipação feminina: São Paulo/ Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 1992.
[233] RAGO, Luzia Margareth. Op. cit., 1985. p.96-7.

> A mulher burguesa, freira ou proletária, não se dirige, é dirigida.
> Burguesa – dirigem-nos os preconceitos religiosos, dirige-a a autoridade do marido, dirige-a o confessor, a moda, a vaidade, os caprichos.
> Freira – dirigem-nas as regras monásticas.
> Proletária – dirigem-na o patrão e a miséria.
> Quando a burguesa ou a proletária tentam evadir-se dessa odiosíssima prisão, encontram aberta, diante delas, uma porta à prostituição.
> Mas, ainda aí, vai descer, de desgraça em desgraça, à escravidão da doença e da fome.
> Como cultivar na mulher as energias morais, se cada passo está medido, marcado, regulado pelas leis do casamento, pela maledicência da esquina, pela etiqueta de Paris, pela disciplina das fábricas, pela conveniência da patroa, pelas urgências do pão diário?[234]

Assim, "A luta da mulher e pela mulher sem tocar nos pilares da sociedade *burgo clerical* [era] estéril, pois [era] impossível ao elemento feminino ter respeitados os seus direitos numa sociedade desumana e opressora".[235]

Vale explicitar que homens e mulheres foram "moldados pelos estereótipos de gênero" e estiveram diante de "pressões sociais".[236] Assim, cabe aqui discutir também o perfil de gênero masculino presente nas narrativas da segunda fase d'*A Lanterna*, analisando-se em particular o romance *A Cruz de Cedro*, de Antonio Joaquim da Rosa, por ser aquele em que mais se percebe a construção de tal estereotipia.

4.3 - O PERFIL MASCULINO

Ao contar uma trágica história de amor que se desenvolve num ambiente rural, Antonio Joaquim da Rosa destacou vários perfis de masculinidade de moradores do campo pertencentes às classes mais abastadas. Porém, a figura central da trama é Augusto de Lara, considerado "sem eira nem beira", muito embora tivesse escravos, terras e um pequeno sítio.

---

[234] OITICICA, José. "O desperdício da Moral Feminina". *A Vida*. 1º Ano, n.2, 1914. p.08, Edição Fac-Similar. São Paulo: Ed. Ícone, 1988.
[235] PRACCHIA, Lygia. Op. cit., 1999. p.22. (grifos da autora)
[236] SAMARA, Eni de Mesquita. "O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina". In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea.* São Paulo: EDUC, 1997. p.11-52.

O referido personagem, ao tornar-se órfão no momento de seu nascimento, foi apadrinhado pelo capitão André de Góes e, posteriormente, pelo Dr. Guilherme Pompeo de Almeida. Ambos o custeavam, ou seja, Augusto não precisava trabalhar para manter-se.

O jovem foi caracterizado pelo autor como bom moço, respeitador, aplicado aos estudos, forte, valente, corajoso. Embora tivesse "boa educação e bom proceder", era "um rapazola sem eira nem beira", um arquétipo a ser seguido de moço pobre com aspectos físicos e morais irretocáveis.

A análise mais aprofundada do personagem possibilita perceber uma tentativa, por parte do autor do romance *A Cruz de Cedro*, de relacioná-lo a um perfil de homem racional, ou seja, de poucas manifestações afetivas, destoando do modelo de homem apaixonado, que se tornava efeminado, segundo o ideário da época.[237] Contudo, o personagem Augusto, encarnando este perfil, pôde ser visto no romance entregue, por alguns momentos, a uma tristeza profunda, "torturado pela dolorosa reminiscência" da morte do Dr. Guilherme, seu protetor, numa "dor íntima e silenciosa, que era uma sincera homenagem que o coração grato do mancebo rendia à memória do grande paulista".

Ainda que torturado pela dor, Augusto, impassível, afirmava: "- Derramei *uma lágrima* sentida sobre a fria campa do meu mestre, do meu amigo, do protector da humanidade desvalida."[238] Embora a cena narrada pelo autor inspirasse tristeza, a lágrima solitária derramada por Augusto era mais uma homenagem que rendia ao seu protetor, uma homenagem que durou alguns instantes, já que o personagem se recompôs logo depois desse gesto passível de ser identificado como emotivo.

Augusto, no entanto, demonstrando um perfil mais condizente com o desejado para a figura masculina, mesmo manifestando um profundo amor por Julia, deixa escapar apenas "uma lágrima de emoção" após saber do sofrimento de sua amada. Esse desejado controle

---

[237] BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998. p.53.
[238] Grifo meu.

emocional masculino destacado na caracterização do personagem ainda pode ser visto quando afirma: "- Dizei-lhe que um dilúvio de lágrimas e soluços embargou-me a voz."

No romance, Augusto não é percebido se entregando a lágrimas e soluços, algo identificado pelo autor como característico do feminino. Nesse sentido, para expressar seus sentimentos à sua amada Julia, manda dizer a ela que chora e sofre com os acontecimentos.

Compondo o perfil idealizado de Augusto, o autor o caracteriza como moço bravo, forte, valente e rápido como um relâmpago. Ao saber do contrato de casamento arranjado pelo pai de Julia com outro moço, o capitão Gonçalo Castanho, Augusto "quebra a tabua de uma mesa com uma valente punhada" e, em outra demonstração de força, rasga a roupa com as unhas.

No desenrolar da trama, Augusto, demonstrando um perfil de homem destemido, afronta a morte ao desafiar o capitão Gonçalo para um duelo, acreditando que este havia raptado Julia. O autor, buscando traçar um perfil de homem equilibrado emocionalmente, ao mesmo tempo em que caracteriza Augusto como moço "bravo", atributo que poderia fazer supor que tivesse descontroles emocionais, busca cercar seus desequilíbrios de calma, tranqüilidade, representando a figura idealizada de um homem com bravura, porém comedido e centrado, "impassível como um rochedo" em momentos de desgraças. Dessa forma, ao ser informado pelo padre Gaspar sobre o rapto de Julia supostamente pelo capitão Gonçalo Castanho, "moço bello e rico", Augusto empurra violentamente o seu informante, mas, logo em seguida, mostra-se com uma "calma assustadora".

Os estudos de línguas, os "ricos thesouros da philosophia" e a leitura de "bons autores" foram caracterizados no romance como pertencentes ao mundo masculino. O colégio de Araçariguama em que Augusto estudara, destinado aos "engeitados, os meninos indigentes, os orphãos desvalidos, os filhos de alguns indígenas", tinha dois professores, o Dr. Guilherme Pompeo e o padre Hyeronimo de Moura, o que possibilita inferir que, para o autor, a carreira

docente também era mais apropriada aos homens. Portanto, o perfil masculino da obra mostrou-se ligado à idéia de racionalidade, atributo desejado ao homem no período em questão.

Ainda menino, Augusto foi separado de Julia e levado ao colégio de Araçariguama para aprender as primeiras letras. Passou, então, a dedicar-se aos estudos, e mais tarde, já na juventude, voltou à casa de André de Góes, onde vivera bons momentos de infância com Julia, e lá a encontrou ao lado de seu pai e restrita ao ambiente familiar.

O que pesou na escolha do noivo de Julia foi o fato de ser moço rico. Em contrapartida, o que desqualificava a figura de Augusto era o fato de ser um moço "sem eira nem beira". Desse modo, o autor reforçava o perfil de moço ideal para o casamento, ou seja, um esposo ideal tinha como característica fundamental a capacidade de prover o sustento da casa, o que provocou a desqualificação de Augusto, tido como inadequado para o matrimônio. Assim, o autor corroborava um padrão de masculinidade presente na época no discurso de médicos, que identificavam os homens com a "função de provedor" da casa.[239]

A capacidade financeira do noivo era foco de tensões. Nas classes populares havia grande preocupação com o desemprego masculino, pois, "sendo o trabalho [...] um qualificador de seu caráter [...], era também uma fonte constante de ansiedade, pois a falta dele podia levar sua família à miséria e à perda do respeito de seus pares". O noivo deveria demonstrar sua capacidade de ser provedor já antes do casamento,[240] e o trabalho era mais uma das formas de atestar sua masculinidade.[241]

A cena que narra a chegada de Augusto ao colégio possibilitou ao autor descrever o perfil do Dr. Guilherme Pompeo de Almeida, sugestionando um padrão ideal: "Homem vestido com esmero e elegância, de porte nobre e majestoso, olhos negros, semblante moreno,

---

[239] MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., 2003(a). p.107-28.
[240] BORELLI, Andréa. *Matei por amor! Representações do masculino e do feminino nos crimes passionais. São Paulo nos anos 20 e 30.* Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 1997. p.80.
[241] SABO, Donald. "O estudo crítico das masculinidades". In: ADELMAN, Mirian; SILVESTRINI, Celsi Bronstrup (Orgs.). *Gênero Plural*. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p.41.

insinuante e expressivo." Certamente a elegância, o esmero no vestir e o ar de nobreza que sua figura inspirava eram muito difíceis de serem alcançados pelos homens das classes trabalhadoras.

Filantropo, Dr. Guilherme pagara os estudos do padre Hyeronimo de Moura, que ministrava aulas na escola "destinada pra os engeitados, os meninos indigentes, os orphãos desvalidos, os filhos dos indígenas e de alguns amigos do Dr. Guilherme, que fazia à sua custa toda a despesa do collegiaes".[242]

Homem instruído, Dr. Guilherme ensinou a Augusto as "linguas latina, hespanhola e franceza de que [...] tinha perfeito conhecimento" e os "ricos thesouros da philosophia". Possuidor da melhor biblioteca da capitania, ainda franqueou a Augusto seus livros, abrindo-lhe a inteligência.

O autor descrevia um padrão masculino desejado: homem vestido com esmero, elegante, rico, de boa reputação, digno de louvor, filantropo e instruído, um perfil que não se identificava em muitos aspectos aos trabalhadores urbanos. A descrição feita por Augusto acerca do Dr. Guilherme Pompeu de Almeida idealizava um perfil de masculinidade atribuído a um homem "notável" e "ilustre", "cujo nome" e a fama haviam chegado "além dos mares", enfim, um exemplo de homem a ser seguido.

A triste cena que cerca o nascimento de Augusto deu motivo para traçar o perfil idealizado do Capitão André de Góes, pai de Julia, um homem equilibrado e capaz de tomar decisões com frieza, mesmo em momentos difíceis. Assim, após a morte súbita do pai de Augusto, sua mãe, debruçada sobre o corpo de seu marido, sente as primeiras dores do parto e morre após dar à luz. O autor descreve, na fala em primeira pessoa de Augusto, a "scena horrorosa", o "quadro negro" visto por André de Góes ao chegar no local: "Um menino recém nascido soluçando, chorando e a [...] de frio entre os dois cadáveres palpitantes!"

---

[242] Optou-se por manter a grafia do original.

André de Góes, "cheio de surpreza e de dor", porém impassível, tomou a frente na decisão e "deu as ordens necessárias para prevenir o tumulto e a confusão próprios de tão deploráveis circunstâncias". A surpresa e a dor momentâneas de André de Góes ao deparar-se com esta cena de forte teor emocional eram permitidas, mas desde que controladas de imediato e dessem lugar a uma atitude mais racional. Portanto, "A emoção não era um elemento valorizado na construção da masculinidade, o desejável era um homem racional e com pouco espaço para arroubos sentimentais".[243]

Na relação entre Julia e o capitão André de Góes, o que se destaca é a figura de pai valente, protetor e provedor da casa. No dia do rapto de sua filha, ao ouvir os "espantosos gritos" da criada, o capitão aparece "immediatamente com uma luz na mão esquerda e uma espada desembainhada na direita". Logo dá ordens aos seus numerosos escravos e indígenas para saírem no encalço dos supostos ladrões, e apressadamente dirige-se ao quarto da filha, mas não a encontra. Em seguida, "pensou que ella se tivesse refugiado no seu quarto para se collocar sob a protecção de seu pai", porém lá também não a encontrou. André, então, é comparado a um "tigre furioso" por ter um filho raptado. A "vigilância sobre [...] as mulheres que faziam parte de seu círculo familiar" era um elemento para tornar o homem "ideal".[244]

Vê-se em muitos momentos o capitão André dando ordens, assumindo o papel que lhe é destinado e esperado naquela sociedade e estando presente sem demora nos momentos em que a família corre perigo. Algo significativo num momento histórico em que se valorizava "o homem por sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso, força e iniciativa", idéias estas difundidas pelo discurso médico da época[245] da publicação do romance n'*A Lanterna*.

---

[243] BORELLI, Andréa. Op. cit., 1997. p.121.
[244] Ibidem. p.80.
[245] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. p.42.

O capitão André representa um perfil masculino de homem de palavra, que "prefere as maldições do céu e da terra", as "penas do inferno, a faltar à sua palavra". E assim se referia Augusto ao capitão André de Góes: "Não sabeis que os verdadeiros paulistas preferem todas as torturas, preferem que se lhes arranquem os olhos em vida, preferem as fogueiras na Inquisição a faltar à sua palavra?"

Observa-se na narrativa consonância com as idéias anticlericais expressas nos artigos do periódico, que buscavam erradicar a idéia de que os padres não tinham interesse por uma vida sexual ativa. Demonstrando o oposto, as matérias publicadas n'*A Lanterna* procuravam evidenciar que os padres eram homens comuns, e para isso destacavam sua "natural" atração pelo sexo oposto.

> O celibato era então considerado antinatural e perigoso tanto para homens como para mulheres. Considerava-se que a mulher solteira era mais propensa a transtornos físicos e emocionais, enquanto o celibato masculino propendia à promiscuidade.[246]

Havia ainda a idéia de que era natural aos homens que buscassem seduzir as mulheres, cabendo a essas o dever de proteger sua virgindade e pureza. O padrão de masculinidade da época "incluía, além da identificação com posse e poder do chefe da família, ser assertivo sexualmente, sendo os homens instigados desde cedo a valorizar o sexo".[247] Isto se torna patente no romance quando o padre afirma só não ter violentado Julia porque esta lhe "opunha uma resistência cada vez mais heróica", sendo necessário dar a ela um narcótico para conseguir "triumphar dessa vontade de ferro". Assim, se as outras vítimas do padre foram violentadas é porque consentiram, não cumpriram com seu dever de resistir ao ataque do clérigo.

---

[246] MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., 2003(a). p.107-28. A crítica ao celibato era uma constante no periódico *A Lanterna*, e, assim, coadunava com o discurso médico da época que se constituía na idéia de que esse era "contrario às leis naturais" e, portanto, seria comum que homens se sentissem atraídos por mulheres.
[247] MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., 2001. p.46-7.

Ao homem, encarnado na figura desacralizada do padre, caberia a satisfação de seus instintos sexuais, enquanto à mulher competia o dever de resistir a esses instintos, preservando a sua virgindade, apregoada pela fala médica como "elemento da pureza de sangue, perpetuação do nome e da propriedade familiar, garantia da saúde da prole e de manter distante o perigo venéreo".[248]

Embora o padre Gaspar já tivesse levado outras mulheres ao subterrâneo do colégio, foi a descrição de Augusto de Lara, "um admirável retrato", que fez com que o clérigo se interessasse por Julia:

> Uma dessas bellezas deslumbrantes que passam velozes como o raio através das sombras fugitivas de um sonho de poeta, deixando a sua alma inebriada dessa ambrosia, desse ar ambiente que impregna os vestidos virginaes de um anjo de belleza sedutora e misteriosa.

Assim, foram os traços "sedutores" e irresistíveis de Julia, vista pelo autor como dona de uma beleza que povoa os sonhos de poetas, deixando-os inebriados, que fizeram com que o padre se interessasse por ela. Sua "belleza sedutora" encantou o clérigo, deixando-o com "os olhos chammejantes".

Alguns personagens padres que aparecem nas narrativas da "segunda fase" d'*A Lanterna* apresentam um perfil de masculinidade considerado negativo, representando o que o homem não deveria ser. Alguns desses padres são caracterizados como amantes de bebidas, a exemplo do clérigo em evidência no romance *A Cruz de Cedro*.

> Augusto de Lara apenas tomou duas colheres de caldo de frango e um gole desse precioso vinho que o Dr. Guilherme fabricava na sua fazenda de Araçariguama e do qual ainda existiam algumas garrafas na adega do collegio, que o gorducho e rechunchudo padre despenseiro de quando em quando cedia aos amigos íntimos, em alguns bons momentos, mas não sem grande sentimento de sua garganta e de seu estômago.

---

[248] MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., 2003(a). p.107-28.

A gula, o porte físico do padre, identificado como rechonchudo, e seu gosto exagerado por vinhos são características consideradas inadequadas pelo autor, que em sua obra reforça um padrão ideal de masculinidade, exaltando atributos tidos como apropriados ao homem, como o desapego ao consumo de álcool, também defendido pelos discursos médicos. Esses discursos "reiteradamente associavam o alcoolismo ao jogo, ao fumo, vagabundagem, boemia e mendicância, provocados por uma ociosidade que era incompatível com uma *sociedade moderna e civilizada* direcionada para *a ordem e o progresso*".[249]

Nesse sentido, em reunião realizada na Federação Operária de São Paulo, foi elaborado documento prevendo algumas ações que pretendiam disciplinar os trabalhadores, tais como a sugerida na alínea "f": "Mover ativa campanha contra o alcoolismo, que é um dos vícios mais arraigados no seio das classes trabalhadoras, e que tem sido um obstáculo para a sua organização e a luta contra os capitalistas, que disso tiram proveito."[250]

No entanto, nem todos os personagens apresentavam um perfil de homem racional, desapegado de emoções e movido por sentimentos de honra. No romance de Avelino Fóscolo o personagem/narrador Chagas, ao saber do adultério de sua mulher com seu melhor amigo, não se vinga para manter sua honra, e, sem demonstrar vergonha pelo seu ato, demonstrando incapacidade de reagir, "chorava como uma criança, como um ente frágil", e afirmava "amar ainda mais aquela mulher depois que a sabia infiel e, quebrada a minha energia ante a paixão [...] sem dignidade e sem pudor cai-lhe aos pés e as lágrimas jorravam-me dos olhos".

Ao mesmo tempo em que divulgavam padrões de comportamento e figuras idealizadas do feminino e do masculino, as narrativas também transmitiam emoções e sensibilidades ao público leitor/ouvinte, cabendo, então, discuti-las.

---

[249] MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., 2001. p.34. (grifos da autora)
[250] *O Combate*. São Paulo, 17 de agosto de 1917. p.2.

4.4 - SENSIBILIDADES E EMOÇÕES

4.4.1 - Questão de honra

Relacionada aos sentimentos e sensibilidades, a questão da honra foi um dos aspectos abordados nos contos publicados n'*A Lanterna* e pode ser percebida no romance *A Cruz de Cedro*, escrito por Antonio Joaquim da Rosa e publicado no periódico em comento.

O autor, ao contar a reação do capitão André de Góes diante do rapto de sua filha, revelava como via a questão do sentimento de honra e sugeria uma forma de resgatá-la à altura do mal causado: a violência extremada. Na trama, André de Góes, acreditando que Augusto de Lara havia raptado sua filha, não vê outra forma de resgatar sua honra a não ser pela violência, e afirma: "Ei de mandar açoitá-lo pelos meus escravos, arrancar-lhe os olhos ainda vivo, abrir-lhe o peito com esta espada, beber-lhe o sangue e pisar o seu cadáver."

Assim, não bastava resgatar a filha raptada; seria necessário resgatar também o sentimento de dignidade perdido, uma vez que sua figura de homem protetor havia sido manchada. O autor, dessa forma, insinuava a maneira pela qual se devia resgatar a honra, e o "impulso agressivo" era reafirmado "como referencial de masculinidade"[251], uma idealização que possivelmente causava angustia em homens que não se identificavam com esse perfil.

A questão da honra feminina também foi descrita pelo autor, que, ao delinear os contornos dessa honra, demonstra um perfil feminino desejado, cabendo à mulher o dever de preocupar-se com a sua virgindade.

Dialogando com aspectos presentes na sociedade, a questão da honra feminina foi destacada na obra quando Julia, ao fugir – estratégia utilizada para escapar da austeridade do

[251] NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.24.

pai –, advertiu Augusto de que a fuga deveria ser, de imediato, seguida do casamento,[252] uma forma de Julia ter sua honra restabelecida perante a sociedade.

4.4.2 - Amores impossíveis

No início da trama, os aspectos emocionais do Dr. Guilherme foram destacados pelo autor, que, ao descrever o personagem, ressaltou "alguns traços de uma profunda melancolia", uma tristeza que podia ser vista no seu semblante. O desenrolar da trama revelou que este profundo pesar havia sido causado pelo amor que Guilherme sentia por Maria, por ter tido uma filha com ela e não ter podido se casar com sua amada.

Com um mau, possivelmente causado pelo veneno ministrado pelos clérigos, já doente e em seus últimos momentos, Dr. Guilherme afirmou: "- Se eu pudesse dizer ao mundo: eis a mãe de minha filha, se eu pudesse apertá-la uma só vez contra o meu peito."

Por amar e não poder assumir o seu amor, queria a renúncia da designação de presbítero da Ordem de São Pedro, e, demonstrando a angústia por que passava, após enviar o pedido para a apreciação do Papa,

> [...] se entregou a uma tristeza profunda e fez uma inversão completa nos seus usos, nos seus hábitos [...] substituiu a sumptuosidade da sua mesa pela frugalidade e simplicidade; não saía nem para passear, nem para caçar; não recebia visitas. Substituiu os seus vestidos de seda por uma roupa de grossa calamania.

Solitário e religioso, Dr. Guilherme passou "dias e noites na bibliotheca, rezando o seu breviário", na espera do resultado de seu pedido de renúncia. Sua profunda religiosidade e seu voto de castidade não o impediam de amar uma mulher, um amor reprimido, mas que,

---

[252] "Muitas vezes o namoro não desejado pelos pais encorajou o rapto da moça pelo pretendente. Mas um rapto consentido pela mulher, com a promessa de casamento pelo raptor." FALCI, Miridan Knox. "Mulheres no sertão nordestino". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres.* São Paulo: Contexto, 2001. p.241-77.

segundo o autor, iria receber a benção de Deus e resistir à morte. Assim, Dr. Guilherme, em seu leito de morte, “no meio de seus dolorosos gemidos exclamou: - Maria! Vou esperar-te no céo e lá nos casaremos a face do Eterno!”.

Destarte, o autor demonstrou o sofrimento de padres por não poderem assumir seus relacionamentos com suas amadas e constituir famílias. O forte apelo emotivo buscou ressaltar a dor sentida pelo personagem Dr. Guilherme.

Sem deixar de pensar no caráter didático da publicação do romance, o autor buscou reafirmar a crítica anticlerical anarquista que tinha o celibato dos padres como causador de dor e sofrimento. O tom emotivo da trama foi utilizado por ele para ressaltar aspectos da crítica anticlerical relacionada ao celibato.

Em outra narrativa, intitulada *Incesto*, Viriato Correia destacou o sofrimento de padres por terem de cumprir o voto de celibato. Envolto em sonhos sensuais, um jovem padre sofria com sua luta interior opondo seus desejos, que o impeliam ao contato sexual, e a sua moral, que o negava, por tratar-se seu amor de sua irmã moribunda, sendo que o celibato teria arrastado o clérigo a tamanho sofrimento interior.

Sofriam da mesma forma as freiras, como no romance de Miguel Zevaco intitulado *Cavaleiro de La Barre*, em que o autor destacou os pesares da personagem sóror Santa Madalena, que, nos “seus trinta anos de inútil vida conventual”, sentia um vazio: “Tudo vivia! Tudo amava! E ela estivera enterrada toda a mocidade. [...] Numa imensa amargura os soluços subiram-lhe á garganta, as lágrimas sulcaram-lhe a face.”

Também no conto *O Evangelho da Hora*, o autor Paul Berthelot tratou da questão da dor e do sofrimento, porém o personagem sofredor era um messias que, para sair pregando o ideal da anarquia, teve de abandonar sua companheira e sua mãe. Dessa forma, o autor quis ressaltar as dores e privações por que passavam muitos militantes anarquistas ao pregarem a sociedade vindoura.

4.4.3 - Amor maternal

O personagem central de *A Cruz de Cedro*, Augusto de Lara, tinha com a índia Izabel Malaia, da tribo dos "Guaianaz", sua ama-de-leite, uma relação que o autor identificava como sendo de mãe e filho. Tendo em vista que Augusto de Lara era órfão, o sentimento de maternidade ou de "amor maternal" que Izabel sentia por ele não estava ligado, segundo se depreende do romance, ao ato da concepção. O que determinava essa relação eram os sentimentos que a envolviam.

A trama do romance expressa esse relacionamento de mãe e filho, possibilitando perceber os sentimentos que envolvem essa relação, os quais o autor reforça no desenrolar da história. Por várias vezes, Antonio Joaquim da Rosa demonstra os cuidados que Izabel tinha com Augusto de Lara. No romance, este personagem, acreditando que não mais poderia se casar com Julia, tentou suicidar-se, mas Izabel chegou a tempo de impedir essa desventura:

> - Não estás ferido meu filho? perguntou a boa mulher, examinando-me por todos os lados. - Não, mamãe, respondi eu, todo confuso.
> - Dou mil graças a Deus por chegar ainda a tempo de salvar-te, ingrato! Não te lembras de Julia? Não te deteve o braço a certeza de que a matavas com tua morte!
> - Não me accuseis, mamãe era mesmo por ella que ia...

Izabel, movida por uma preocupação e por sentimentos que o autor identifica como sendo "maternais", repreende Augusto.

Na trama, o personagem referia-se a Izabel como mãe:

> - Pois bem, mamãe, dizei-lhe que... Um dilúvio de lágrimas e soluços embargou-me a voz.
> - Bem sei o que hei de dizer-lhe. Tranquilliza-te e tem esperança. Sinto não poder demorar-me para consolar-te. Adeus, meu filho.

A personagem Izabel foi vista no romance transmitindo recados, aconselhando, consolando, o que delineava um papel de mãe, identificado com os cuidados com as coisas relacionadas ao amor e ao sentimento.

O "amor maternal" que Izabel sentia por Augusto fazia com que expressasse um cuidado, uma preocupação com seu estado físico e emocional.

> Quando dei [...] de mim, achei-me em um quarto desconhecido e procurei reconhecer as pessoas que me faziam companhia. [...] Aos pés da cama se achava a minha velha mamãe, mostrando no rosto bronzeado o vivo sentimento que se havia apoderado do seu coração quasi maternal.

Dessa forma, o autor evidenciava um perfil do sentimento maternal, caracterizado por um carinho extremo, um bem querer radical.

4.4.4 - O amor puro ou a impureza da carne

No desenrolar da obra *A Cruz de Cedro*, o autor apresenta a questão do casamento por interesses econômicos, mais praticado entre famílias abastadas.[253] Foi o casamento contratado entre Julia e Gonçalo Castanho que desencadeou toda a dor e o sofrimento de Julia e Augusto de Lara, impedindo a felicidade dos dois.

Julia rejeitou o casamento que seu pai tentava lhe impor, mesmo sendo Gonçalo moço "bello e rico". Preferiu basear a escolha do seu cônjuge em seus próprios sentimentos, pois achava que assim poderia encontrar a felicidade.[254]

---

[253] "O casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status*." D'INCAO, Maria Ângela. Op. cit. p.223-40.

[254] "O período romântico da literatura brasileira, especialmente a literatura urbana, apresenta o amor como um estado da alma; toda a produção de Joaquim Manoel de Macedo e parte da de José de Alencar comprovam isso. No romantismo são propostos sentimentos novos, em que a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade." Ibidem. p.223-40.

Na intenção de caracterizar a pureza do amor entre Julia e Augusto, o autor descreve seus tempos de criança:

> Amamentou-nos por muitas vezes o mesmo leite, embalou-nos o mesmo berço, e juntos crescemos como dois arbustos, cujas raízes se tocam, cujos ramos se apóiam e se entrelaçam, que vicejam com o mesmo orvalho, com o mesmo sorriso do sol, com o mesmo amor. Trocávamos o doce nome de irmão.

Destes tempos nasceu um "amor de duas crianças, tão puro como a innocência, inspirado pela natureza e approvado pelo céu".

Na tentativa de caracterizar um "amor puro", o autor refere-se àquele entre duas crianças, com "prazeres [...] puros e [...] innocentes, porque ainda não se" conhecia "o abysmo da vida que se abre diante de nós".

> [...] exclamei com a vivacidade de uma criança: - Como és linda, minha irmã!
> - Deveras? Perguntou ela sorrindo.
> - Sim: tu és a mais linda de todas as meninas.
> - Pois fico bem contente de me achares bonita. Dizei-me uma coisa, Augusto.
> - Qual é?
> - Os irmãos podem se casar?
> - Podem.
> - Então porque não nos casamos?
> - Pois casemo-nos.

Um amor imaculado que, quase fraterno, nasceu em meio à inocência de duas crianças. "Aprovado pelo céu", resistiu ao tempo, abstendo-se de contatos físicos mais íntimos.

Em oposição ao "amor puro" e quase fraternal entre Julia e Augusto, o autor coloca o rapto, com tentativa de estupro, cometido por padre Gaspar contra Julia: "O padre Gaspar, tendo feito Julia assentar-se na beira da cama, apertou-a contra o peito, e seus lábios, denegridos pela perfídia, roçaram nos lábios puros da virgem noiva."

O beijo dado por Gaspar na jovem Julia, segundo o autor, foi um beijo traiçoeiro, manchado pela falsidade. Os lábios de Julia ainda se mantinham puros, pois nem seu amado Augusto a havia beijado, demonstrando o amor casto que existia entre os dois.

Ao apresentar o rapto e a tentativa de estupro de Julia pelo padre Gaspar, que impediu a realização do amor inocente e puro entre Julia e Augusto, o autor deu relevância à crítica anticlerical, uma característica marcante do romance. Sem perder o tom de anticlericalismo, o autor procurou demonstrar a "impuresa" dos atos praticados pelo padre Gaspar, que buscava aproximar-se da jovem Julia apenas para satisfazer seus desejos carnais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anarquistas, ao buscarem promover uma mudança em direção a uma sociedade ácrata, pretendiam também mudar comportamentos e aspectos morais das pessoas, no sentido de torná-las aptas a viverem na sociedade libertária. Para tanto, atribuíam a si mesmos o trabalho de preparar a comunidade para viver numa sociedade igualitária, fraterna, livre da influência de dogmas, do obscurantismo religioso, do Estado e de qualquer outro poder coercitivo.

Dada a importância dos jornais na divulgação desses novos valores e idéias, Edgard Leuenroth e alguns colaboradores resolveram relançar um periódico de combate ao clericalismo. Se o discurso dos clérigos provocava apatia frente à questão social, atrapalhando a divulgação das idéias anarquistas, caberia aos partidários do anarquismo trabalhar para sua aniquilação, mas não somente nos meios operários, pois a sociedade futura seria composta por todos os setores sociais.

Ao optar pelo relançamento de um periódico anticlerical, Leuenroth utilizou como tática de ação a participação em um movimento que englobava setores mais amplos da população – jacobinos, maçons, livre-pensadores, protestantes, espíritas –, setores estes nem sempre afinados com a tendência libertária e que foram atraídos pelo anticlericalismo desta folha. Leuenroth, desse modo, estabeleceu uma "aliança com grupos não anarquistas e algum comprometimento dos princípios anarquistas".[255] Porém, ao mesmo tempo, foi coerente com a luta por um pensamento livre da influência dos clérigos, tão desejado pelos grupos libertários.

---

[255] WALTER, Nicolas. "Ação anarquista". In: WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1998. p.157-62.

A ênfase dada pelo periódico ao chamado "Caso Idalina" juntou amplos setores sociais numa campanha de combate aos padres do Orfanato Cristóvão Colombo, no Ipiranga, uma forma de ação anarquista que se tornaria constante, pela qual Leuenroth buscou "fazer com que a agitação provocada por uma determinada questão se transform[asse] em participação ativa numa campanha". [256]

Possivelmente por querer apresentar-se à sociedade como uma "tribuna livre", os artigos doutrinários anarquistas estiveram pouco presentes n'*A Lanterna*. Todavia, ligado à cena das primeiras décadas do século XX, o periódico ajudou a direcionar as lutas contra a carestia e a organizar boicotes, greves, entre outros movimentos. Seu foco, no entanto, esteve voltado ao anticlericalismo e à influência da Igreja sobre a vida das pessoas, considerando as mulheres as maiores vítimas das pregações dos padres.

Ao entender o anticlericalismo como uma das frentes de batalha para a implantação da sociedade anarquista, *A Lanterna* poderia ser considerada como um passo à frente na busca pela instituição de uma sociedade livre da influência da Igreja, mesmo que para outros grupos também anarquistas o diálogo com as classes anticlericais significasse um desvio na pureza ideológica, servindo às vezes o jornal de meio para divulgar princípios diversos do anarquismo defendido pelo seu grupo editor. Dessa forma, por suas especificidades, o periódico *A Lanterna* expandiu seu público leitor mais facilmente para círculos que iam além dos libertários ou dos operários, alcançando classes mais remediadas financeiramente, como advogados, professores, funcionários públicos e prefeitos, entre outros.

Esse alargamento, provocando às vezes um certo afrouxamento do ideário anarquista do grupo editor, não era unanimidade no meio militante, o que se demonstra pelas críticas feitas por Gigi Damiani a respeito de Leuenroth[257] e da abertura das páginas d'*A Lanterna* para outros grupos sociais – maçons, livre-pensadores, espíritas e descontentes em geral com

---

[256] Ibidem.
[257] *La Battaglia*. São Paulo, 28 de julho de 1912.

as práticas e discursos dos padres e a sua influência na sociedade – que muitas vezes eram apenas simpatizantes das idéias libertárias.

Assim, pode-se aventar uma escolha de posicionamento dos redatores d'*A Lanterna*, no que concerne ao alcance social da propaganda, em diálogo com um debate internacional sobre a necessidade anarquista de atrair as classes medianas para as suas idéias.

O anarquista-comunista Kropotkin, posicionando-se neste debate, reconheceu a necessidade de conquistar adeptos às idéias libertárias nas classes mais abastadas, afirmando "que não se produziria nenhuma revolução, pacífica ou violenta, enquanto as novas idéias e o novo ideal não tivessem penetrado profundamente na própria classe cujos privilégios econômicos e políticos estavam ameaçados".[258]

O anticlericalismo d'*A Lanterna*, a intenção dos seus redatores de mostrarem que a folha não assumia tendências anarquistas ou partidárias e a importância que deram à publicação de narrativas – contos e romances – podem ser entendidos como estratégias para expandir a propaganda anarquista a outros grupos sociais, muitas vezes mais preocupados com a influência da Igreja Católica sobre a vida das pessoas do que com a defesa das idéias anarquistas, o que provocou tensões nos meios libertários.

Portanto, entendendo as narrativas publicadas na seção "folhetim" – inaugurada na sua chamada "segunda fase", compreendida entre os anos de 1909 e 1916 – como parte da cultura de resistência do seu grupo editor, uma resistência levada a cabo fora das instituições organizadas e longe do sectarismo sugerido por outros grupos anarquistas, o periódico *A Lanterna*, com seus temas e estilo próprio, utilizou-as como forma de atrair um público mais amplo e diverso.

Assim, se as mulheres eram vistas nos artigos publicados n'*A Lanterna* como as maiores vítimas da Igreja e do obscurantismo clerical, caberia atraí-las à propaganda

---

[258] KROPOTKINE,Pedro. *Em torno de uma vida*. São Paulo: José Olympio, 1946. p.275.

anticlerical. Nesse sentido, contos, romances e poesias, identificados com o público feminino, serviriam bem a este propósito, pois o primeiro passo para que as mulheres entrassem no movimento anarquista seria fazer com que abandonassem a Igreja.[259]

O consumo de romances era mais comum entre as mulheres abastadas, que, muitas vezes presas ao ambiente privado, encontravam neles um passatempo.[260] No entanto, tendo em vista sua publicação em folhetins acompanhando as publicações d'*A Lanterna*, pensando-se na circularidade desta folha, as oitivas ou os empréstimos, pode-se sugerir que passaram a ter grande alcance também entre as mulheres das classes menos privilegiadas economicamente.

No entanto, atribuir a publicação destas narrativas somente à necessidade de atração do público leitor/ouvinte, em especial do feminino, é estreitar o entendimento de algo muito complexo. A idéia de divulgação de uma literatura anticlerical e também anarquista e a tentativa de tornar a leitura da folha mais suave a um público não acostumado a textos doutrinários são outros fatores que devem ser levados em conta.

Por meio das narrativas buscava-se, então, informar os leitores sobre as artimanhas utilizadas pelos padres para enganarem as pessoas. A utilização do sacerdócio para obter vantagens financeiras, os crimes sexuais cometidos pelos padres, a dessacralização das figuras bíblicas e do clero católico e o uso que os clérigos faziam das confissões foram temas constantemente abordados nos contos, que, assim, buscavam acabar com a influência dos padres e dos dogmas religiosos na sociedade.

Os contos e romances publicados n'*A Lanterna* também divulgaram representações e valores arraigados naquela sociedade. Neles as mulheres eram vistas como sonhadoras, românticas, vitimizadas e dependentes da proteção masculina, contribuindo na divulgação e perpetuação desses valores. Da mesma forma, aos homens foram divulgados modelos de

---

[259] OITICICA, José. "O desperdício da energia feminina". *A vida*. Rio de Janeiro, 31 de março de 1915. p.73.
[260] D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001. p.209.

comportamento que os identificavam com a violência, a racionalidade e a necessidade de sucesso financeiro, modelos estes causadores de angústia e sofrimento e nem sempre condizentes com a teoria anarquista.

Se essas narrativas difundiram modelos de masculinidade que sugeriam a primazia do homem branco, rico e elegante e modelos de feminilidade que traziam representações de mulheres viúvas e beatas tidas como de pouca capacidade de raciocínio e presas ao mundo da fantasia, como no conto *Vozes do Céu*, omitindo temas como a escravidão, caso do romance *A Cruz de Cedro*, também divulgaram as idéias anticlericais, fundamentais para um pensamento livre.

Assim, exigir dessas narrativas a divulgação de idéias totalmente coerentes com a teoria anarquista e a chamada "sociedade futura" seria acreditar que fossem capazes de estarem totalmente desvinculadas das representações de condutas morais e idéias correntes na época, pois se entende que as obras "literárias não são neutras, são encarnações *textuais* da cultura que as gera"[261]. Por entender-se também que estas mesmas representações divulgadas realimentavam padrões de comportamentos, cabe reconhecer a importância que estas obras anticlericais e anarquistas tiveram na divulgação de valores pel'*A Lanterna*, valores que, uma vez que estavam arraigados na sociedade, só podiam ser vistos sob um olhar crítico.

No mais, exigir destas narrativas um purismo ideológico seria, talvez, não compreender o que o grupo editor se propôs a fazer: abrir mão de alguns pontos da teoria anarquista para depois retomá-los numa cena social e política mais propícia.

Se em alguns momentos as narrativas propagavam a figura de padres bons e a necessidade da volta a um cristianismo primitivo, o que não era unanimidade nos meios anarquistas, o debate sobre estes e outros assuntos era algo mais que um não fazer, já que deixaria marcas em indivíduos que sofriam forte influência das pregações dos clérigos.

---

[261] TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001. p.401-42. (grifo da autora)

Destarte, o discurso ficcional, embora apresentando avanços e recuos em direção à sociedade anarquista, foi entendido como uma manifestação "do não calar, tão válida quanto outras formas de discurso social".

Considerando-se que essas narrativas estavam estreitamente ligadas à propaganda do anticlericalismo e às vezes faziam mais abertamente propaganda do anarquismo, sua importância não pode, então, ser medida pela sua contribuição às escolas literárias, mas pelo papel que tiveram na divulgação de idéias.

Mesmo que se tenha entendido o apelo lúdico e a importância dos versos e poemas publicados também pel'*A Lanterna* na divulgação do ideário anticlerical e anarquista, esta pesquisa não abarcou essa forma de literatura, por estrita falta de tempo, fazendo-se necessário empreender uma pesquisa mais ampla neste sentido, abarcando talvez outros periódicos anarquistas ou operários.[262]

Para além da literatura publicada em jornais, a cultura de resistência anarquista se manifestava de diversas formas, como em festas de propaganda, no teatro, em centros de cultura, em condutas pessoais, na música, nas escolas que os libertários fundaram, em panfletos e opúsculos, nas greves e nos boicotes. Portanto, as publicações literárias eram vistas como parte da luta militante, da divulgação do ideário anarquista, para a formação da "nova mulher" e do "novo homem". Nessas manifestações o lazer era permitido, contanto que apresentasse um caráter educativo.

Assim, estas práticas não eram tidas com um fim em si mesmo. As festas, os piqueniques, o teatro e a leitura de contos, romances e versos tinham um apelo pela atração que exerciam nas massas e não perdiam a finalidade de fazer propaganda das idéias libertárias, caminhando no sentido da ação de conscientização dos trabalhadores.

---

[262] Sobre a poesia anarquista, ver: KHOURY, Yara Aun. "A poesia anarquista". *Revista Brasileira de História*. Vol. 08. nº 15. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, set./1987 a fev./1988.

Se os bailes ao final de conferências de cunho doutrinário serviram para unir os trabalhadores e fazê-los extravasar os problemas do dia-a-dia, por meio da publicação de contos e romances os redatores d'*A Lanterna* buscaram entreter o público. Se havia um gosto por este tipo de literatura, o periódico cumpriria o papel de trazê-la aos seus leitores, que, assim, não precisariam procurá-la em outros jornais.

Percebe-se que a seção "folhetim" d'*A Lanterna* seguiu uma tendência que já vinha sendo utilizada há muito tempo por jornais da grande imprensa, porém como estratégia para aumentar a vendagem. No entanto, para *A Lanterna* a publicação de contos, romances, versos, anedotas e gravuras, entre outros, tinha suas especificidades, já que o objetivo de aumentar a vendagem e atrair o público para a leitura do periódico não tinha a finalidade primeira de obter lucros, e sim de ampliar a divulgação e o alcance da propaganda do ideário anarquista.

Não que se esteja negando a intenção dos redatores d'*A Lanterna* de divulgarem uma arte com alguma contribuição na propaganda anarquista, porém o que se quer ressaltar é o olhar do seu grupo editor voltado à atração que estas estratégias exerciam nas massas, já comprovada pelo aumento de vendagem de outros jornais da grande imprensa.

Se os jornais eram o principal meio de divulgação das idéias anarquistas, as narrativas veiculadas em periódicos cumpririam o papel de torná-los mais atrativos, de divertir o público leitor, de possibilitar uma evasão dos problemas enfrentados no cotidiano. Contudo, sob o ponto de vista do grupo editor d'*A Lanterna*, não deveriam perder seu caráter instrutivo, tão necessário à emancipação social. Especificamente anticlericais ou anarquistas, as narrativas publicadas pel'*A Lanterna* não perderam este foco, demonstrando que seus redatores atribuíam a elas um cunho didático, do contrário publicariam folhetins desprendidos desses temas, o que não se percebe.

O apelo emotivo, a busca de sensibilização do leitor, o diálogo entre literatura e o cotidiano da militância ou dos leitores contribuíam, ao seu modo, para a divulgação de idéias que visavam à transformação social. Para além do debate teórico em grupos institucionalizados, a propaganda anarquista se alargou e chegou em grupos consumidores interessados na leitura de romances e contos. Alguns deles tratavam mais significativamente de situações cotidianas dos moradores da cidade de São Paulo – podendo-se citar como exemplo o romance *A Cruz de Cedro*, de Antonio Joaquim da Rosa –, o que aumentava a eficácia da propaganda anarquista.

Muito embora fosse recorrente em contos e romances a presença de raptos, no início do século XX, o romance *A Cruz de Cedro* abordou esse tipo de crime num momento em que a militância anarquista, por meio dos periódicos *La Battaglia* e *A Lanterna*, discutia o sumiço de uma menina mantida sob a guarda dos clérigos do orfanato Cristóvão Colombo. O referido romance guardava semelhanças com o cotidiano da cidade e, mais especificamente, com o chamado Caso Idalina, não só pelo rapto da personagem Julia praticado por um padre, mas pela divulgação das idéias de que era comum o estupro de meninas em colégios religiosos, de que neles se costumava manter pessoas presas sem que ninguém soubesse e de que havia um conluio entre clérigos no sentido de encobertar estas práticas.

Destarte, essas narrativas fizeram a propaganda anarquista e anticlerical misturando ficção e realidade, ligando-se, assim, de maneira mais concreta à vida e ao cotidiano dos leitores.

Embora *A Lanterna* fosse identificada por alguns membros da sociedade como uma folha anarquista, buscava passar a imagem de um órgão livre de qualquer influência doutrinária, já que se seu posicionamento fosse outro poderia afastar indivíduos avessos a esta tendência. Porém, nas narrativas, fez abertamente a propaganda do anarquismo, como em *O "Asno" na Lua*, *O Evangelho da Hora* e *O Jubileu*. Por outro lado, a linguagem simples e

direta da propaganda anarquista feita pelas obras de ficção tornava mais fácil atingir setores sociais não afeitos a textos especificamente doutrinários.

Os enredos de contos como *O Evangelho da Hora* e *O "Asno" na Lua* e parte da obra *O Jubileu* traziam exemplos práticos sobre a vida na sociedade futura. Tinham um apelo no sentido de divulgar como se faria a tomada dos meios de produção, como se dividiriam os bens produzidos e qual seria o tratamento dado aos indivíduos que praticassem atos anti-sociais, refletindo, na maioria das vezes, a influência das idéias anarquistas e comunistas de Kropótkine, Malatesta e Cafiero.

No que se refere especificamente à obra *O Evangelho da Hora*, apresenta um título e um estilo literário que, ao mesmo tempo em que são "familiares ao crédulo, colocam à disposição deste uma perspectiva contraposta ao usual sentido de espiritualidade". Sob este olhar, seu título e estilo literário se identificariam com o propósito anticlerical do periódico e serviriam de "estratégia de captura de leitores que não se dedicariam a leituras questionadoras das certezas estabelecidas".[263] Ao fazer uso de parábolas e dar exemplos de figuras alegóricas para ilustrar suas idéias, o autor de *O Evangelho da Hora*, Paul Berthelot, facilitava a compreensão de sua obra a um público não acostumado aos pesados textos doutrinários.

Para além de educar a população nos princípios teóricos anarquistas, era preciso mudar o perfil do homem e da mulher na sociedade ácrata. Fazia-se necessário, então, promover uma mudança nos seus modos de ser, suscitando novas atitudes afetivas baseadas no respeito mútuo e na fraternidade.

A comoção que, no conto *A Cruz de Cedro*, cercou a morte do Dr. Guilherme – personagem presbítero da Ordem de São Pedro que não pôde se casar com sua amada por ter feito o voto de celibato – e a angústia narrada pelo conto *Incesto* – em que um jovem padre, envolto em sonhos sensuais, buscou conter seus impulsos sexuais que fizeram com que

---

[263] NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Política), PUC/SP, 2006. p.338-9.

desejasse sua própria irmã moribunda – revelaram um tipo de propaganda anticlerical que buscava outros caminhos para persuadir o público leitor, tocando na questão da emotividade. Buscava-se o convencimento pela demonstração da dor sentida pelos padres, sendo o celibato o causador de todo o sofrimento. No entanto, o objetivo não era demonstrar a dor sentida pelos padres no sentido de provocar na sociedade um sentimento de piedade com relação a estes, já que se tratavam de narrativas anticlericais, mas o que se tencionava era evidenciar as contradições do celibato clerical.

Ao mesmo tempo em que criticavam o clero e buscavam contribuir para a emancipação da sociedade em relação à sua influência, as narrativas publicadas em folhetim reafirmavam valores presentes na sociedade do início do século XX.

Ao publicar contos e romances, o periódico não só possibilitava uma crítica anticlerical, mas veiculava representações e pontos de vista que se mostravam no desenrolar das tramas. Essas representações foram lidas e sentidas de variadas formas pelos leitores/ouvintes, que, assim, não faziam uma leitura/audição percebendo apenas o anticlericalismo da obra.

Dessa maneira, pode-se afirmar que as narrativas contribuíram, do seu modo, na divulgação de outros pontos de vista que traziam uma leitura da época, reafirmando representações e divulgando papéis idealizados para o feminino e o masculino que na maioria das vezes não condiziam com os ideais da sociedade anarquista. Em tais representações divulgou-se a idéia de que mulheres são submissas, indefesas e dependentes da proteção masculina. Ao mesmo tempo foram reafirmados modelos de masculinidade presentes na sociedade do início do século XX, como o homem provedor, violento, forte, desprendido de emotividade.

Se por um lado estas narrativas contribuíram para a crítica ao clero, por outro trouxeram e divulgaram modelos de comportamento ainda arraigados na sociedade e difíceis de serem combatidos.

Estas especificidades das narrativas divulgadas pel'*A Lanterna* demonstram como foi feita a divulgação da sociedade anarquista, bem como os caminhos tortuosos percorridos pelos libertários, entre suas idas e vindas, pois, ao mesmo tempo em que difundiam o anticlericalismo e o anarquismo, também propagavam valores e modelos de comportamentos que pouco condiziam com a desejada sociedade libertária.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Manuela de. *Guerra Junqueiro: a obra e o homem.* Lisboa: Arcádia, 1981.

BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, socialismo, antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

BONOMO, Alex Buzeli. *O anarquismo em São Paulo: as razões do declínio (1920-1935).* Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 2007.

BORELLI, Andréa. *Matei por amor! Representações do masculino e do feminino nos crimes passionais*. *São Paulo nos anos 20 e 30.* Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 1997.

_____. *Matei por amor: representações do masculino e do feminino nos crimes passionais.* São Paulo: Celso Bastos Editor/ Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, 1999.

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil.* São Paulo: EDUC/ Estação Liberdade, 1996.

BORGES, Paulo. *Jaime Cubero e o movimento anarquista em São Paulo (1945-1954).* Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUC/SP, 1996.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da educação libertária no Brasil – A experiência da Escola Moderna em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Educação), USP, São Paulo, 2004.

CAMARGO, Daisy de. *A encenação de um pesadelo nas imagens do periódico anarquista A Plebe (1917-1951).* Dissertação (Mestrado em História), PUC/SP, 1998.

CARONE, Edgard. *Socialismo e anarquismo no início do século*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CAVALCANTI, Jardel. *Os anarquistas e a questão da moral*. São Paulo: Cone Sul, 1997.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.* Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

COLOMBO, Cleusa Beraldi. *História das idéias sociais espíritas*. Dissertação (Mestrado em História), PUC/SP, 1991.

CORREIA, Francisco. "Mulheres libertárias: um roteiro". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memórias, lutas e cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Caio Túlio Vieira. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CRUZ, Heloisa de Faria. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência (São Paulo – 1900-1920).* São Paulo: Marco Zero/ CNPq, 1990.

_____. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915.* São Paulo: EDUC/ FAPESP/ Arquivo do Estado de São Paulo/ Imprensa Oficial - SP, 2000.

DE DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Indústria, trabalho e cotidiano. Brasil – 1880-1930.* São Paulo: Atual, 1991.

D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935).* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FALCI, Miridan Knox. "Mulheres no sertão nordestino". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920).* São Paulo: DIFEL, 1986.

FERNANDES, Marisa. *Sob os focos d'A Lanterna: a mulher na imprensa anticlerical de 1909 a 1916.* Dissertação (Mestrado em História Social), FFLCH/USP, São Paulo, 1997.

FERREIRA, José Maria Carvalho. "Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado pela natureza e a anarquia". *Verve.* Revista Semestral do Nu-Sol - Núcleo de Sociabilidade Libertária. n.10. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, outubro de 2006.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil.* São Paulo: Ática, 1988.

FREGONI, Olga Regina. *Educação e resistência anarquista em São Paulo. A sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945).* Dissertação (Mestrado em Educação), PUC/SP, 2007.

FRENCH, John D. *O abc dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950.* São Paulo: HUCITEC/ Prefeitura de São Caetano do Sul, 1995.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus.* São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação e movimento operário no Brasil*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1987.

GONÇALVES, Ody Furtado. *A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal "A Plebe".* Dissertação (Mestrado em Educação), PUC/SP, 2002.

GUERIN, Daniel. *O anarquismo: da doutrina à ação.* Rio de Janeiro: Germinal, 1968.

HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A classe operária no Brasil - Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*. São Paulo: Brasiliense/ FUNCAMP, 1981.

HARDMAM, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão: Memória operária, cultura e literatura no Brasil.* São Paulo: UNESP, 2002.

HOBSBAWN, Eric J. *A era dos impérios – 1875-1914.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KHOURY, Yara Aun. "A poesia anarquista". *Revista Brasileira de História*. Vol.08. n.15. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, set./1987 a fev./1988.

_____. *Edgard Leuenroth, uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista.* Tese (Doutorado em Sociologia), FFLCH/USP, São Paulo, 1988.

_____. "Edgard Leuenroth: uma vida e um arquivo libertários". *Revista Brasileira de História*. Vol.17. n.33. Rio Grande do Sul: ANPUH/ Ed. UNIJUÍ, 1997.

KROPOTKINE, Pedro. *Em torno de uma vida*. São Paulo: José Olympio, 1946.

_____. *A questão social: humanismo libertário e a ciência moderna.* Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d.

_____. "O crime no mundo livre". In: WOODCOCK, George (Org.). *Os grandes escritos anarquistas.* Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

LEITE, Miriam Lifchtz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura.* São Paulo: Ática, 1984.

LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo, roteiro de libertação social: antologia de doutrina, crítica - história - informações*. São Paulo: CCS-SP/ Achiamé, 2007.

LIMA, Mariana Alves de; VARGAS, Maria Thereza. "Teatro operário em São Paulo". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. "Mulheres na sala de aula". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

LUCAS, Fabio. "A lição libertária de Vulcões". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

LUIZETTO, Flávio. "O recurso da ficção: um capítulo da história do anarquismo no Brasil". In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1986(a).

_____. "O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna nº1 (1912-1919)". *Educação e Sociedade*. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação. Ano 4. n.24. Vol.8. São Paulo: Cortez, 1986(b).

MAGNANI, Silvia Ingrid Lang. *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1907).* São Paulo: Brasiliense, 1982.

MALARD, Letícia. *Hoje tem espetáculo: Avelino Fóscolo e seu romance.* Belo Horizonte: Ed. UFMG/ PROED, 1987.

MALATESTA, Errico. *A Anarquia*. São Paulo: Imaginário, 2001.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro – 1890-1920.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARCHI, Euclides. *A Igreja e a questão social: O discurso e a práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915).* Tese (Doutorado em História), FFLCH/USP, São Paulo, 1989.

MARTINS, Ângela Maria Roberti. *Pelas páginas libertárias: anarquismo, imagens e representações.* Tese (Doutorado em História Social), PUC/SP, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. "Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros-percursos e possibilidades". In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea.* São Paulo: EDUC, 1997.

_____. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. "Delineando corpos: as representações do feminino e masculino no discurso médico". In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003(a).

_____; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003(b).

_____. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades.* São Paulo: EDUSC, 2005.

MELO, José Marques de. "A crônica". In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas.* São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, José Damiro de. *A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos centros de cultura social.* Dissertação (Mestrado em Educação), UNICAMP, Campinas-SP, 1999.

MOTTA, Fernando C. Prestes. *Burocracia e autogestão: a proposta de Proudhon.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Mulheres e menores no trabalho industrial: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital.* Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. "Infância operária e acidente do trabalho em São Paulo". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1995.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil.* Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Política), PUC/SP, 2006.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OITICICA, José. "O desperdício da energia feminina". *A Vida*. Rio de Janeiro, 31 de março de 1915.

_____. "O desperdício da Moral Feminina". *A Vida*. Ano 1. n.2. ,1914, Edição Fac-Similar. São Paulo: Ed. Ícone, 1988.

OLIVEIRA, Marcos Antonio. *"O demônio da humanidade": O alcoolismo no discurso médico e na imprensa operária. São Paulo – 1890-1930.* Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 2001.

OLIVEIRA, Valdir da Silva. *O anarquismo no movimento punk. Cidade de São Paulo, 1980-1990.* Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 2007.

PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de João Ferreira, Carmem C. Varriale e outros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

PERES, Fernando Antonio. *Estratégias de aproximação: educação anarquista em São Paulo durante a 1ª República.* Dissertação (Mestrado em Educação), FFLCH/USP, São Paulo, 2004.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. "Os silêncios do corpo". In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate.* São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. *As mulheres ou os silêncios da história.* São Paulo: EDUSC, 2005.

PRACCHIA, Lygia. *Os caminhos da emancipação feminina: São Paulo/ Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em História Social), PUC/SP, 1992.

_____. "Os caminhos da emancipação feminina". *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. n.11. São Paulo, nov./1999.

RAGO, Elizabeth Juliska. *Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931).* São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2007.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930).* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Entre a história e a liberdade: Lucci Fabri e o anarquismo contemporâneo.* São Paulo: UNESP, 2000.

RAMOS, Maria Bernadete. "Perfectíveis corpos - corpo e nação: territorialidades imponderáveis". *Corpo e Cultura*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. n.25. São Paulo, dez./2002.

RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A festa como lugar de resistência na cultura do povo.* Dissertação (Mestrado em Filosofia), PUC/SP, 1981.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

RODRIGUES, Edgar. *Quem tem medo do anarquismo?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

_____. *Os libertários*. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993.

_____. *Os companheiros*. Vol.1. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1994.

_____. *Os companheiros.* Vol.02. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1995.

_____. *Os companheiros*. Vol.4. Florianópolis: Insular, 1997.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista.* São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2002.

SABO, Donald. “O estudo crítico das masculinidades”. In: ADELMAN, Mirian; SILVESTRINI, Celsi Bronstrup (Orgs.). *Gênero Plural*. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

SAMARA, Eni de Mesquita. “O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina”. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOLER, Maria Angélica (Orgs.). *Gênero em debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea.* São Paulo: EDUC, 1997.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza, 1890-1915.* São Paulo: Annablume, 1998.

SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática, 1987.

SILVESTRINI, Celsi Bronstrup (Org.). *Gênero Plural*. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOIHET, Rachel. “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/ UNESP, 2001.

TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

THOMPSON, Eduard P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.* São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TOLEDO, Edilene Teresinha. “Em torno do jornal O Amigo do Povo: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século”. *Cadernos AEL: anarquismo e anarquistas.* Vol.8/9. Campinas, UNICAMP/ IFCH, 1988.

_____. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República.* São Paulo: Editora Fundação Perceu Abramo, 2004.

TOLSTOI, Leon. *O reino de Deus está em voz*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

TRAGTENBERG, Maurício. “Francisco Ferrer e a pedagogia libertária”. *Revista Educação & Sociedade*. Ano 1. n.1. São Paulo: Ed. UNICAMP/ Cortez & Moraes, 1978.

VALLADARES, Eduardo. A*narquismo e anticlericalismo.* São Paulo: Imaginário, 2000.

VARGAS, Maria Thereza. *O teatro operário em São Paulo*. São Paulo: IDART, 1980.

VERUCCI, Guido. “Anticlericalismo”. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI; Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). *Dicionário de política*. Tradução de João Ferreira, Carmem C. Varriale e outros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.* Brasília: Editora de Universidade de Brasília, 1980.

WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

ZANONE, Valério. “Laicisismo”. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI; Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). *Dicionário de política*. Tradução de João Ferreira, Carmem C. Varriale e outros. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

ZWEIG, Stefan. *O pensamento vivo de Tolstoi*. São Paulo: Martins/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

FONTES

Jornais:

A Lanterna

A Obra

A Plebe

A Vida

Correio Paulistano

Germinal

O Amigo do Povo

O Combate

O Libertário